



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

**NAS ÁGUAS DA AGA - REFLEXÕES SOBRE A
ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE ARTE-EDUCAÇÃO E SEUS
REFLEXOS NA HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO RS**

Pelotas, 2014

AUTA INÊS MEDEIROS LUCAS D'OLIVEIRA

**NAS ÁGUAS DA AGA – REFLEXÕES SOBRE A
ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE ARTE-EDUCAÇÃO E SEUS
REFLEXOS NA HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Mestrado da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais

Orientadora: Profa. Dra. Mirela Ribeiro Meira

Pelotas, 2014

Banca examinadora:

Profa. Dra. Luciana Gruppelli Loponte

Profa. Dra. Ursula Rosa da Silva

Profa. Dra. Mirela Meira

Profa. Convidada Dra. CleusaPeralta Castell

RESUMO

Este estudo, intitulado Nas Águas da AGA – Reflexões sobre a Associação Gaúcha de Arte-Educação e seus Reflexos na História do Ensino da Arte no RS, refere-se a uma investigação desenvolvida junto ao Núcleo Transdisciplinar de Estudos Estéticos, NUTREE, do Curso de Pós Graduação em Artes Visuais, Mestrado, na linha de Pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética, na Universidade Federal de Pelotas, RS. Apropria-se de uma relação metafórica água/ AGA para focalizar a influência dos grupos afetivos, tribos e associações de Arte Educação na história do ensino da arte no RS. Parte de experiências vividas em minha formação e chega à perspectiva ético-estética da arte de viver sob a *socialidade* - configuração que inclui a paixão no seio do social. A investigação é qualitativa, e se divide em momentos distintos, realizando um percurso metodológico que oscila entre narrativas biográficas e autobiográficas e uma análise documental sobre a trajetória da Associação Gaúcha de Arte-Educação, a AGA. Foram adquiridos depoimentos de ex-presidentes e militantes da AGA/RS, além de dados recolhidos em centenas de documentos, entre eles, boletins, fotografias, cartas, manifestos, livro de atas, panfletos, jornais, cartazes e programas de eventos em um acervo rico e inédito disponibilizado pelos protagonistas da história da AGA. Somente uma parte deste acervo foi analisado neste trabalho, organizado através da constituição de sete *portos* e alguns *mergulhos*, metáforas construídas para o trabalho que consideraram um porto para cada presidente da AGA, e um mergulho para cada evento relacionado à minha própria história de vida em formação. Paralelamente, transversalizou-se a relação da história desta associação com a história do movimento de arte-educação no RS e com a minha interpretação e inserção nesta história. Os principais teóricos que embasaram esta pesquisa foram Michel Maffesoli, com sua análise sociológica contemporânea baseada nas categorias de *tribo* e *socialidade*, Edgar Morin, através de seu *paradigma da complexidade*, e Michel Serres, cujas contribuições filosóficas *mestiças* respaldaram muitas de minhas considerações sobre o momento histórico que atravessamos. Além deles, Marie-Christine Josso e Christine Delory Momberger contribuíram com a utilização das narrativas (auto) biográficas, além de Zygmunt Bauman, com seu conceito de *modernidade líquida*, que forneceu suporte teórico à metáfora das águas que umedece toda esta reflexão. As principais categorias utilizadas para analisar os depoimentos foram a *razão sensível*, a *socialidade*, a relação *poder-potência* e as *tribos contemporâneas*, todas fundamentadas, em sua grande maioria, na obra de Michel Maffesoli. Espera-se que esta investigação possa contribuir com um espaço reflexivo, político e poético de (re)constituição da história, da memória, dos afetos e cognições deflagrados pela arte-educação, em direção a uma atuação cada vez mais consciente do professor de arte no cotidiano da escola e da sociedade.

Palavras-chave: Arte Educação. Movimentos Sociais. Associação Gaúcha de Arte-Educação (AGA). Tribos Contemporâneas

ABSTRACT

This study, entitled “Nas Águas da AGA – Reflexões sobre a Associação Gaúcha de Arte-Educação e seus Reflexos na História do Ensino da Arte no RS” refers to a research carried out at the Center for Interdisciplinary Aesthetic Studies, NUTREE, of Course Postgraduate degree in Visual Arts, Master Arts in Teaching Art Research and Education Aesthetics line at the Federal University of Pelotas, Brazil. Appropriates a metaphorical water / AGA to focus on the influence of affective groups, tribes and associations of Art Education in the history of art education in RS. Part of my experiences in training and comes to the ethical-aesthetic perspective the art of living in the sociality - configuration which includes the passion within the social. The research is qualitative, and is divided into distinct periods, performing a methodological approach that oscillates between biographical and autobiographical narratives and documentary analysis of the trajectory of the state association of Art Education, AGA. Testimonials from former presidents and members of AGA / RS were acquired, and data collected from hundreds of documents, including, newsletters, photographs, letters, manifestos, minutes book, pamphlets, newspapers, posters and event programs in a library rich and unprecedented provided by the protagonists of the history of AGA. Only a portion of this collection was analyzed in this work, organized by setting up seven ports and some dips, metaphors built to work that considered a port for each president of AGA, and a dip for each event related to my own life story in training. In parallel, it crossed the relationship of history of this association with the history of the movement of art education in RS and with my interpretation and inclusion in this story. The main theoretical that supported this research were Maffesoli, with its contemporary sociological analysis based on categories of tribe and sociality, Edgar Morin, through their paradigm of complexity, and Michel Serres, whose crossbred philosophical contributions have supported many of my considerations about the timing history we are experiencing. Besides them, Marie - Christine and Christine Delory Josso Momberger contributed to the use of narratives (auto) biographical, and Zygmunt Bauman, with his concept of *liquid modernity*, which provided theoretical support to the metaphor of water that moistens all this reflection. The main categories used to analyze the statements were sensitive reason, sociability, relationship power - power and contemporary tribes, all based, mostly, on the work of Michel Meffesoli. It is hoped that this research can contribute to a reflective, poetic and political space (re) constitution of history, memory, emotions and cognitions triggered by art education toward a more conscious action ever Art Teacher daily at school and society.

Keywords : Art Education . Social Movements . Associação Gaúcha de Arte-Educação (AGA) . Contemporary Tribes

LISTA DE FIGURAS:

Figura 01 – Foto de Marly Meira (1º Porto).....	22
Figura 02 – Boletim InFORMA / CDE.....	25
Figura 03 – Foto I Encontro Estadual de Escolinhas de Arte do Rio Grande do Sul.....	27
Figura 04 – Boletim da AGA / 1985.....	37
Figura 05 – Foto de Susana Rangel (2º Porto).....	42
Figura 06 – Foto de Alexandre Schneiders.....	43
Figura 07 – Boletim Fazendo Artes / 1987.....	44
Figura 08 – Manifesto de Diamantina	46
Figura 09 – Carta de São João Del-Rei	48
Figura 10 – II Seminário Internacional de História da Arte-Educação	51
Figura 11 – Documento da Comissão Pró-Federação Nacional de Arte-Educação.....	52
Figura 12 – Foto no 1º FLAAC	54
Figura 13 – Jornal Diário Popular	57
Figura 14 – Foto de Cleusa Peralta (3º Porto).....	58
Figura 15 – Cartaz do 1º FLAAC	59
Figura 16 – Boletim PapAGAiO Nº01.....	60
Figura 17 – Boletim PapAGAiO Nº02.....	60
Figura 18 – Boletim da AGA / 1988.....	62
Figura 19 – Cartaz da 1ª Semana de Arteducação de Rio Grande - “Interiores”	63

Figura 20 – Documenta Rio-Grandense.....	65
Figura 21 – Texto dos “telegramaços”	66
Figura 22 – Boletim da AGA / 1989.....	67
Figura 23 – Programa do Encontro de Arte-Educadores da Região Sul /1988.....	68
Figura 24 – Carta Aberta ao Secretário Estadual de Educação.....	71
Figura 25 – Boletim da AGA / 1990.....	72
Figura 26 – Telegrama AGA/Iochpe.....	73
Figura 27 – Foto no III Congresso Nacional da FAEB.....	74
Figura 28 – Foto de Maria Benites (4º Porto).....	75
Figura 29 – Folder do IV Congresso da FAEB.....	77
Figura 30 – Boletim da AGA-Porto Alegre / 1991.....	78
Figura 31 – Boletim da AGA / 1993.....	81
Figura 32 – Capa da publicação “Educação para Crescer”	81
Figura 33 – Foto de Alice Bemvenuti (5º Porto).....	84
Figura 34 – Correspondência datilografada via fax.....	88
Figura 35 – Programa do 1º Fórum de Debates Arte-Educação no Vale dos Sinos....	89
Figura 36 – Capa do Boletim da AGA-São Leopoldo / 1995.....	90
Figura 37 – Interior do Boletim da AGA-São Leopoldo / 1995.....	91
Figura 38 – Esboço do Cartaz do 1º Circuito Estadual de Arte-Educação.....	92
Figura 39 – Ata de 1995.....	93
Figura 40 – Foto da Reunião do Conselho da AGA.....	94
Figura 41 – Panfleto da AGA-São Leopoldo / 1995.....	95
Figura 42 – Panfleto da AGA-São Leopoldo / 1996.....	95
Figura 43 – Foto da camiseta da AGA-São Leopoldo.....	98
Figura 44 – Cartaz do 2º Circuito Estadual de Arte-Educação.....	99
Figura 45 – Foto do Protesto AGA-FAEB.....	100
Figura 46 – Foto de Alberto Coelho (6º Porto).....	102

Figura 47 – Foto Reunião da AGA / 1995.....	104
Figura 48 – Boletim da AGA-Pelotas / 1996.....	106
Figura 49 – Foto dos presidentes dos núcleos da AGA.....	107
Figura 50 – Boletim da FAEB / 1997.....	108
Figura 51 – Boletim da AGA / 1997.....	109
Figura 52 – Foto Reunião da AGA / 1997.....	111
Figura 53 – Boletim da AGA /1998.....	112
Figura 54 – Foto de Luciana Loponte (7º Porto).....	115
Figura 55 – Foto Reunião da AGA / 2005.....	120
Figura 56 – AGA-Yahoo.....	121
Figura 57 – Ata de 2005.....	123
Figura 58 – AGA-Facebook.....	129
Figura 59 – Cartaz do Seminário de Arte-Educação “Memória e Perspectivas”	130
Figura 60 – Foto do reencontro de gerações AGA-FAEB.....	131
Figura 61 – Detalhe do Cartaz.....	132
Figura 62 – Foto Reunião da AGA / 2013.....	133
Figura 63 – Foto do Pós-Encontro.....	135
Figura 64 – Foto XXII CONFAEB.....	136
Figura 65 – Foto da Casa da ANARTE no XXIII CONFAEB.....	137

SUMÁRIO

I. A NASCENTE.....	10
II. AS MARGENS.....	15
III. OUVINDO A VOZ DAS ÁGUAS – Sete Portos.....	18
1º PORTO: MARLY MEIRA.....	22
2º PORTO: ALEXANDRE SCHNEIRS/SUSANA RANGEL.....	42
3º PORTO: CLEUSA PERALTA.....	58
4º PORTO: MARIA BENITES.....	75
5º PORTO: NARA MARONE/ALICE BEMVENUTI.....	84
6º PORTO: ALBERTO COELHO.....	102
7º PORTO: LUCIANA LOPONTE.....	114
IV. TRANSBORDAMENTOS DA TERCEIRA MARGEM.....	127
V. REFERÊNCIAS.....	139
VI. ANEXOS.....	142

I. A NASCENTE

Gosto de banhos de rio,
 A carícia das correntes de ar,
 O prazer do sol queimando a pele,
 E nas piscinas de lama, a terra fluida:
 Os quatro elementos moventes.
Michel Serres

O som das palavras se assemelha: AGA e água. Dois lugares de onde eu venho. Sou filha de Pedro Osório, cidade gaúcha banhada por dois rios confluentes, guardiões de nossa alegria e nossa dor, a que prefiro chamar pelo nome antigo, *Vila Olimpo*... No Olimpo de balneários de águas límpidas, em todo verão alguém morre afogado e a sombra das catastróficas enchentes nos acompanha e recomenda cautela: o rio está vivo e suas águas nos convidam a lembrar que, por ora, também estamos. Mas, e quando não mais estivermos? Concordo com a afirmação de Gagnebin (1996, p.256) de que “é a consciência da morte que desperta o olhar mitologizante e o desejo da escritura. Sabe-se que as primeiras inscrições são as funerárias, rastros gravados em monumentos que lembram a presença ausente”. Portanto, escrevo para manter viva a memória da arte-educação gaúcha e para que as futuras gerações de professores de arte não tenham que baixar os olhos quando perguntados sobre seus antecessores.

Não há espaço mais propício para a reflexão do que junto à natureza, observando o rio a fluir, com seus reflexos mudando permanentemente o foco do nosso olhar que oscila entre a exterioridade e a interioridade. A metáfora do rio é utilizada para estimular o fluir das minhas palavras, agora que me proponho a realizar uma investigação sobre os rumos da Associação Gaúcha de Arte-Educação, a AGA, aqui por vezes chamada de AG(u)A. Criada no início dos anos oitenta e espalhada por vários núcleos pelo estado, a AGA fez parte da formação de uma geração de arte-educadores, onde me incluo.

Para mim, a Arte-Educação se refere a um amplo movimento social em torno da defesa e da qualificação do espaço da arte na educação formal e não-formal. Não se refere apenas ao curso em que me formei, que atendia pela antiga terminologia de Educação Artística. A respeito das questões sobre terminologias, cito a primeira presidente da AGA, prof^a Marly Meira, para quem a concepção tecnicista da lei que instituiu a disciplina de Educação Artística como obrigatória (LDB 5692/71) gerou um

quadro de *inviabilidade pedagógica*. No seu texto “Construindo Trajetórias”, publicado em 1995, ela relata que:

No final dos anos setenta, inconformados com esta situação, os arte-educadores reuniram-se num movimento chamado **Arte-Educação**, cujas raízes haviam sido plantadas no movimento Escola Nova e no movimento de **Educação Através da Arte**. A ARTE-EDUCAÇÃO tem se caracterizado pela atitude de investigação sobre o modo como se aprende e ensina arte, nas escolas e espaços culturais. A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE corresponde à concepção de arte-educação proposta por Herbert Read (1943) e difundida pelo Movimento de Escolinhas de Arte que iniciou em 1948, com a criação da Escolinha do Rio de Janeiro. (MEIRA, 1995, p.18).

No presente trabalho, não há ág(u)as a navegar antes do início da década de 70, época da promulgação da LDB que criou a *Educação Artística* e do meu próprio nascimento. Coincidentemente ou não, o período estudado, desde o início da década de 1970 até hoje, corresponde ao tempo de toda minha vida. Daí vê-se a importância da metodologia das narrativas (auto) biográficas de Marie-Christine Josso e Delory-Momberger. Investigando um movimento, o dos arte-educadores gaúchos, acabo embarcando em outro movimento, o das *histórias de vida em formação*, onde “viagem e viajante são apenas um” (JOSSO, 2010, p.84).

Minha condição de arte-educadora está na origem deste trabalho. Segundo a pesquisadora suíça Marie-Christine Josso, o estudante adulto, através de um processo de auto-reflexão, deve tomar consciência de seu permanente estado de formação/conhecimento/aprendizagem ao longo de seus percursos de vida. “Já não se trata de aprender a aprender, mas aprender consigo a aprender” (2010, p.108).

Entre as matrizes que me constituíram como arte-educadora, a principal é minha própria mãe. Foi pensando na vida e no ofício de arte-educadora que herdei dela que voltei à AGA, a única verdadeira tribo¹ de arte-educadores que conheci. Nas reuniões da AGA foi que pela primeira vez eu e minha mãe nos encontramos e reconhecemos como colegas, fazendo política lado a lado.

Metaforicamente, o tema da AG(u)A me pareceu relevante por compreender o braço gaúcho de um caudaloso rio que deságua no mar da história da Arte-Educação brasileira. Sua criação coincidiu com a época da redemocratização do país, com a elaboração de uma nova Constituição pós-ditadura militar, com a eclosão de diversos

¹ Segundo Michel Maffesoli (2000, p.194), “as tribos são microgrupos que pontuam a espacialidade a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação”.

movimentos sociais, como as *Diretas-Já*, e com as discussões que resultaram na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDBEN 9394/96.

Este momento de transição entre os termos **Educação Artística** e **Arte-Educação** pode ser ilustrado através do seguinte trecho do texto “Uma Luta por Espaço”, escrito pela então Chefe da Coordenadoria de Educação da Funarte, a gaúcha Maria Bonumá, e publicado no Boletim “Fazendo Artes” Nº11/1987:

Todos lembram até mesmo a data – 11 de agosto de 1971 – em que foi assegurado por lei um espaço para o exercício da arte na educação com o nome de “educação artística”. Professores/educadores festejaram ingenuamente a medida. Ingenuamente sim, porque conscientemente ninguém festejaria nem acreditaria que alguma proposta do MEC, em 1971, tivesse como objetivo a educação plena para o exercício da democracia. (...) O tratamento dado à arte na educação, oficialmente, nos países latino-americanos nos anos 60/70/80 não foi diferente do tratamento dado a artistas e intelectuais: o ostracismo, a marginalização e algumas vezes pura e simplesmente a extinção. Isto não aconteceu por acaso. As ditaduras, os regimes totalitários tem medo do artista, de sua arte e muito mais ainda da arte como fator que contribui para a formação do homem, isto é, a arte na educação. (...) Daí o surgimento de cursos de educação artística por toda a parte, a proliferação dos [cursos] de “curta-duração”, a fragmentação dos cursos de arte, a descaracterização dos candidatos aos vários cursos dos institutos de arte por conta de um vestibular que empurra candidatos a outras áreas para as famosas segundas, terceiras ou quartas opções na área de arte. Em consequência, o 1º grau foi atingido em cheio. Nele é que explodiu, com maior vigor, a bomba de efeito retardado. Entretanto, é importante lembrar que enquanto isso acontecia a resistência se organizou (Fonte: Boletim “Fazendo Artes” Nº11/1987).

A resistência a que Maria Bonumá se referia era o movimento de arte-educação e se dava nas escolinhas de arte, universidades, escolas, instituições, grupos e associações de arte-educadores, entre elas, a AESP (Associação de Arte-Educadores de São Paulo, criada em 1982), a ANARTE (Associação Nordestina de Arte-Educação, criada em 1984) e a AGA (Associação Gaúcha de Arte-Educação, também criada em 1984).

Sou filha de uma arte-educadora que foi presidente e vice-presidente da AGA/núcleo de Pelotas. Foi seguindo o exemplo da mãe que decidi cursar Licenciatura Plena em Educação Artística- Habilitação em Artes Plásticas na Universidade Federal de Pelotas, UFPel, RS, entre 1987 a 1990. Naquela época, jovens estudantes, convivíamos com professoras aposentadas e com representantes das redes municipal, estadual e privada, tecendo uma trama de experiências interligadas por uma meta: a manutenção do ensino da Arte na nova legislação educacional pós-ditadura militar.

A importância da mãe, além do caráter afetivo e profissional, também representa simbolicamente a ligação com a terra, *pachamama*², ou com o que Maffesoli chama de *pensamento matricial*, o qual aponta o uso de uma nova e fecunda epistemologia, a *razão sensível*, um conhecimento incorporado, erótico, que *ama aquilo que descreve*.

Em seu livro *Elogio da Razão Sensível*, Maffesoli (1998, p.36) defende que “assim como a atração erótica está na base da organização tribal de nossas sociedades, o conhecimento erótico será um instrumento importante para perceber aquela”.

Diante de meu envolvimento afetivo com o tema, o uso da razão sensível se ajustou ao modo como me aproximei e tratei das fontes e objetos de pesquisa. Quantas vezes me vi suspirando diante de um relicário da AGA, emocionada por ter nas mãos um pedaço da história que construiu o presente da Arte-Educação que ora analiso. Nessa perspectiva, “o apetite participa da construção do saber. *Libido sciendi*. Uma apetência como condição de competência” (MAFFESOLI, p. 217-18). Morin, na mesma linha, sustenta que “tudo o que é humano comporta afetividade, incluindo a racionalidade” (MORIN, 2002, p. 120-3) e que a primeira “constitui o cimento da comunidade, alimentando um sentimento de apego quase filial à tribo, à etnia ou à pátria.” Maffesoli complementa assinalando o emocional fundamentar-se em sentimentos comuns, na vivência e experiência partilhadas de “pequenas tribos [que] proliferam na vida cotidiana” (MAFFESOLI, 1996, p. 96).

É neste sentido que retorno à AGA como associação de pertença, como vínculo afetivo e carismático, partindo da instituição que remete ao poder para chegar à tribo que remete à potência. Potência que advém da paixão social e que transforma o indivíduo de espectador social em integrante da coletividade (MAFFESOLI, 2001).

Atualmente, no site da FAEB³, a AGA aparece como desativada. Porém, desde 2005, um grupo de discussões no espaço virtual⁴ mantém a conexão entre centenas de arte-educadores gaúchos. Terá esta se tornado a única configuração que tomou aquele forte movimento que tanto influenciou na formação da geração de arte-educadores da qual faço parte?

² **Pacha Mama** ou **Pachamama** (do quíchua *Pacha*, "universo", "mundo", "tempo", "lugar", e *Mama*, "mãe", "Mãe Terra") é a deidade máxima dos Andes peruanos, bolivianos, do noroeste argentino e do extremo norte do Chile. Vários autores consideram Pachamama como uma divindade relacionada com a terra, a fertilidade, a mãe, o feminino. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pacha_Mama, acessada em 17/02/2014 às 20h).

³ Federação dos Arte-Educadores do Brasil, criada em 1987.

⁴ <http://br.groups.yahoo.com/neo/groups/AGArs>

No incessante movimento das águas, onde a AGA emerge e submerge, outras perguntas me assolam: Que relação haverá entre as mudanças ocorridas na AGA com as transformações do ensino da arte durante estes últimos trinta anos? Com a revisão da trajetória do movimento de arte-educação, os protagonistas da AGA revelarão indícios que nos permitam compreender melhor a nossa prática cotidiana, como a importância das agregações e grupos afetivos?

Nesta inconstância, investigo a trajetória da AGA e do movimento de arte-educação gaúcho como um objeto movente, qual um rio, que atravessa o tempo e me arrasta junto, pois dele sempre fiz parte. Tal como Bauman (2001), percebo que os líquidos mudam de forma muito rapidamente, na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. Busco, entre documentos e depoimentos, compreender melhor de onde vieram as ág(u)as da arte-educação neste Rio Grande do Sul. Vasculho o curso da história da AGA correnteza acima e abaixo, aportando o barco de minhas reflexões em diferentes períodos, pessoas, teorias e práticas.

Em relação aos aspectos históricos, tal como escreveu Walter Benjamin (1994, p. 232), acredito que “o historiador capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior”. Ouço e dialogo com as fontes da pesquisa, ciente de minhas conclusões serem fruto de interpretações influenciadas pela época em que vivo, para construir, enfim, uma versão contemporânea desta história que represente minha atual verdade em meio a tantas possíveis. Entre documentos e depoimentos, delineio uma espécie de cartografia hidrográfica que pretendo dividir com aqueles que desejarem prosseguir com o traçado do movimento de arte-educação gaúcho correnteza abaixo.

II. AS MARGENS

Margem direita ou margem esquerda,
 pouco importa, nos dois casos: terra ou solo.
 Não se nada, espera-se por andar,
 como alguém que salta no ar e desce,
 mas não permanece em seu voo.
Michel Serres

Algumas escolhas tiveram que ser feitas durante o trajeto percorrido nesta pesquisa, desde o início do curso até a qualificação e desde a qualificação até a versão final desta dissertação. Diferentes vertentes se apresentaram como possíveis rotas de navegação: poderia criar uma narrativa auto-biográfica em torno da arte-educação, ou poderia promover uma discussão teórica a respeito da educação estética e do papel da arte na educação a partir de uma perspectiva fenomenológica, ou ainda construir uma narrativa sobre os movimentos de arte-educação no RS envolvendo a AGA.

Sob influência dos pareceres da banca de qualificação composta pela Prof^a Dra. Luciana Grupelli Loponte, Prof^a Dra. Ursula Rosa da Silva e Prof^a Dra. Cleusa Helena Guaita Peralta Castell, que haviam sugerido *a edificação de uma versão contemporânea da história da AGA*, optei por manter o foco do trabalho em um viés historiográfico. Este, por vezes, parece soterrar as demandas artístico-pedagógicas que, ainda assim, acompanham todo o curso da narrativa como uma camada freática a umedecer as reflexões sobre a trajetória da AGA.

Meu olhar histórico, no entanto, não apenas focaliza o exterior, mas abarca simultaneamente o universo interior de quem olha, ou seja, me incluo no texto como narradora e testemunha, como fonte e objeto histórico, pois muitas vezes participei pessoalmente dos episódios narrados. Esta condição é justificada por Morin (2002, p. 39) quando afirma que “o indivíduo humano pode dispor da consciência de si, capacidade de se considerar objeto sem deixar de ser sujeito”.

Além disso, contemplo o que Michel Maffesoli (2007) chama de *formismo*. Atenta aos aspectos essencialmente humanos presentes nas narrativas, tomo a AG(u)A em minhas mãos, como quem observa e descreve a um nômade seixo de cor misteriosa que vem lapidando sua forma através de décadas a rolar pelo rio da história. Longe de elaborar um compêndio oficial da história da AGA, busco descrever aqui os contornos da nova forma que esta “pedra de toque” adquiriu. Ao dar forma à AGA, vamos (re/trans)

formando a nossa própria humanidade, imersos em um permanente processo de formação e transformação, onde *a forma é formadora*.

O conhecimento fenomenológico é prospectivo naquilo que, para além das análises causais ou estatísticas, põe a ênfase sobre um vitalismo que não se orienta para um objetivo preciso, que não se inscreve num linearismo mecanicista, que não possui um sentido unívoco e seguro mas, antes, que encontra suas forças em si mesmo e, por vezes, cresce de modo bem desordenado, um pouco por todo lado. É tendo-se tal realidade em mente que é preciso forjar outras ferramentas de análise, que estejam o mais próximo possível de uma vida concreta cuja pregnância se faz cada vez mais sentir. Há aí um importante interesse epistemológico. Assim, longe de ser uma abdicação do intelecto pode-se acreditar que, graças a descrições e comparações precisas, seja possível estabelecer uma tipologia operatória que permita apreender, com mais justeza, o estilo de vida contemporâneo. Tal descrição, pondo em jogo metáforas, analogias, poderá ser um vetor de conhecimento, muito precisamente estabelecendo grandes formas que permitam fazer sobressair os fenômenos, as relações, as manifestações figurativas da socialidade contemporânea. É o que, de minha parte, chamei de “formismo”. Isto é, uma análise que se contenta em desenhar grandes quadros que têm por função apenas fazer sobressair a eferescência vital, e dar a isso uma aparência de ordem intelectual. (MAFFESOLI, 2000, p.192)

A abordagem metodológica se vale de diferentes modos de analisar este objeto-movente que é a AG(u)A. A maior parte do trabalho aproxima-se do *Movimento Sócio-Educativo das Histórias de Vida em Formação*, que, segundo Marie-Christine Josso (2010, p.11), propõe “uma reflexão lúcida e humanizante sobre nossa existencialidade singular-plural”. Segundo ela, os objetivos deste método evidenciam, por um lado, um processo de mudança de posicionamento do pesquisador, ao colocar o *sujeito-aprendente* e suas experiências no centro do processo de formação, e, por outro lado, um novo território de reflexão que contempla a intersubjetividade como modo de produção de saber e construção de sentido (JOSSO, 2010, p.31).

Seguindo o fluxo das teorias acerca da pós-modernidade, Delory-Momberger (2012) questiona o que Lyotard (1979) teria chamado de *fim das grandes narrativas* ao chamar a atenção sobre a “emergência e o desenvolvimento de *novas matrizes narrativas* de caráter histórico e ideológico menos diretamente legível, vindas de outras fontes e de outros espaços e que agem de modos operacionais sensivelmente diferentes”. Estas, segundo a autora, “descrevem as novas formas assumidas pelas relações do indivíduo com o social e do indivíduo consigo mesmo” (MOMBERGER, 2012, p.118).

A relação que a autora estabelece entre as macronarrativas e micronarrativas busca as correspondências entre macrocosmo e microcosmo e demonstra que uma “narrativa de si” é, em todos os casos, inseparável de uma “narrativa do mundo”.

Assim, adoto como principal metodologia neste trabalho, a análise das vozes presentes nestas novas e micro narrativas contemporâneas, por acreditar que elas possibilitam uma compreensão *bio-gráfica* do projeto, reconhecendo a escrita da vida e as experiências formadoras como uma valiosa fonte de conhecimento.

Organizei as narrativas em sete *portos* e alguns *mergulhos*. A ideia do porto sugere uma pausa em terra firme, um ponto fixo em meio ao fluxo dos acontecimentos. Marcos que sinalizam um recorte espaço-temporal para orientar a navegação entre as ag(u)as. Cada porto recebeu o nome de um dos sete presidentes da história da AGA.

Os mergulhos são momentos em que recorro situações que considero “divisores de águas” no meu processo de formação enquanto arte-educadora. Tais mergulhos permitem que o leitor perceba as tomadas de consciência que foram decisivas para que esta história seja contada desta forma e não de outra. Conforme Josso (2010, p.216), “nossas vivências podem tornar-se experiências formadoras que vivificam ou alimentam nossas buscas. Através delas é possível descobrir os pressupostos cognitivos das nossas interpretações”.

Processo metodológico concomitante me levou a realizar a análise de boletins, fotografias, cartazes, atas e outros documentos referentes à história da AGA. Boa parte desse material inédito aparece ilustrando este trabalho.

III. OUVINDO A VOZ DAS ÁGUAS – Sete Portos

No fundo do fundo
 Desliza e movimenta-se a música
 Fluxo e rio unido e turbulento,
 Portagem e portador do tempo,
 No fundo do fundo do fundo
 Flutua esse ruído de fundo.
 E aí me lanço no mundo das coisas
 Que se lançam em mim.
Michel Serres

Pretendo atracar minhas reflexões em *sete portos*, considerando um para cada presidente da AGA-Estadual. Nestes portos juntarei minha voz à voz de algumas protagonistas que construíram a história da AGA “na linha de frente”. Esta história se torna ainda mais coletiva quando passa a condensar várias histórias.

A obtenção dos relatos que seguem se deu de duas formas: através de entrevistas que realizei entre abril e maio de 2013 e através de trechos do trabalho realizado pelo pesquisador santamariense Ayrton Correa, entre os anos 2007 e 2009, intitulado *Arte-Educadores do Rio Grande do Sul: Trajetórias vivenciais ao longo da carreira*. O trabalho de Ayrton deu voz a treze arte-educadoras gaúchas, dentre as quais, várias se referiam à AGA como parte importante de sua trajetória profissional. A ele recorri principalmente para buscar o depoimento de Cleusa Peralta e complementar o de Ivone Richter. Ressalto que esta contribuição me foi sugerida pela banca de qualificação do Mestrado em Artes Visuais/UFPel, que aconteceu em fevereiro de 2013, e Marly Meira, entrevistada por ele na ocasião, foi quem generosamente me enviou a versão digital da pesquisa de Ayrton Correa.

De minha parte, conversei presencialmente, através de entrevistas semi-estruturadas, com sete arte-educadores gaúchos vinculados à história da AGA, foram eles: Alice Bemvenuti, Isabel Petry, Susana Rangel, Luciana Loponte, Alberto Coelho, Ivone Richter e Marly Meira. Os primeiros quatro, espontaneamente atenderam ao chamado que fiz no mês de março de 2013, através do grupo virtual da AGA. Os outros três, alcancei por vias diversas. A entrevista com Alberto Coelho foi marcada através de contato telefônico e as de Ivone Richter e Marly Meira requeriram uma articulação um pouco mais complexa, inclusive com a intervenção de outras pessoas. Adriana Aquino, arte-educadora e pesquisadora pernambucana, foi quem me deu o contato por e-mail de Ivone Richter, chegando ela própria a intervir para que Ivone participasse deste trabalho e Mirela Meira, minha professora orientadora, iniciou as tratativas para a entrevista com

sua mãe, Marly Meira, que foi a última entrevista presencial que realizei, já em fins de maio.

As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, o que acabou por construir um rico acervo, ao qual transcrevi pessoalmente, em um volume total de cerca de 300 páginas. Apenas uma entrevistada, Ivone Richter, não se sentiu à vontade com a gravação em vídeo, portanto, com ela utilizei somente o gravador de áudio. Por ironia ou obra do acaso, justamente durante esta entrevista, a memória do gravador se esgotou sem que eu percebesse. No momento da transcrição (que me rendeu míseras sete páginas, enquanto as outras renderam mais de trinta cada uma) foi que lamentei não ter deixado a câmera de vídeo ligada, ainda que não filmasse a entrevistada, mas como uma garantia de poder ouvi-la novamente e recuperar aqueles momentos para mim tão especiais.

Encontro nas palavras de Portelli (2004, p.298), em sua análise sobre as funções do tempo na história oral, uma reflexão sobre este fato, quando o autor adverte que "nenhuma estória é contada duas vezes de forma idêntica. Cada história que ouvimos é única". Portanto, irrepetível, mas "passível de reconstrução a partir de análises da transcrição". Com a inusitada interrupção da gravação da entrevista com Ivone Richter, busquei nas transcrições presentes no trabalho de Ayrton Correa reconstruir alguns dos momentos que perdi, acrescentando trechos da entrevista que Ivone havia concedido a ele anos antes, quando o assunto versava sobre o movimento de arte-educação e quando dizia respeito à história da AGA.

Não importa o quanto falemos sobre nós mesmos como historiadores que lidam com relatos orais, a própria tecnologia do nosso trabalho é transformar o oral em palavra escrita, congelar material fluido em um momento arbitrário no tempo. É isto o que fazemos. (PORTELLI, 2004, p.300)

Do mesmo modo, através da pesquisa de Ayrton, *pesquei* as vozes de Cleusa Peralta e Lia Achutti, depoimentos que julgo fundamentais na composição deste trabalho. A primeira porque foi presidente da AGA e a outra por ter sido *pedra fundamental* do núcleo de Santa Maria, representando a primeira geração do movimento de arte-educadores gaúchos, quando ainda existia uma ligação forte entre as escolinhas de arte e a AGA. A dissolução desta ligação será posteriormente explicada. Além disso, Cleusa Peralta fez parte da banca de qualificação do presente trabalho, portanto, incluo aqui, além do depoimento dela a Ayrton Correa, alguns trechos de seu parecer escrito

para aquela ocasião, quando esclarecia momentos de sua experiência pessoal na época em que esteve à frente da AGA.

Várias vezes entrei em contato, por telefone, com a ex-presidente da AGA-Pelotas, prof^a Myriam Anselmo, a qual, infelizmente, acabou não participando com seu depoimento deste trabalho. Somente mais tarde, por intermédio de uma amiga em comum, prof^a Maristani Zamperetti, tive acesso a uma pasta de documentos da AGA-Pelotas, material pertencente à Myriam Anselmo. Naquele momento, já estávamos no final do mês de agosto de 2013 e, após tantos desencontros, não voltei mais a tentar entrevistar a prof^a Myriam.

Também tentei contato, via rede social (*Facebook*), com a quinta presidente estadual da AGA, prof^a Nara Marone, que vive atualmente em Santa Catarina, mas não obtive resposta. Outra pessoa que acabou não participando desta pesquisa por problemas pessoais foi o professor Marcos Vilela Pereira, cujo nome havia sido sugerido pela banca de qualificação.

Em janeiro de 2014, quase na conclusão desta dissertação, em uma tentativa despreziosa, conversei, via rede social (*Facebook*), com a quarta presidente da história da AGA, prof^a Maria Benites, que acabou me concedendo uma entrevista virtual. Ela, que reside atualmente na Alemanha, atendeu de maneira muito simpática minha solicitação de falar sobre sua experiência à frente da AGA. Seu inestimável testemunho, vindo de além-mar, adensa ainda mais as águas deste trabalho.

Falar sobre os caminhos e descaminhos da pesquisa, tais como as surpresas e os percalços que cercam as entrevistas e as transcrições, hoje me parece fundamental, dado que as dificuldades que encontramos para reconstituir um evento mostram o quanto a história oral é *viva, aberta, provisória e parcial*. Segundo Portelli (2004, p.313), “transformar um discurso oral em discurso escrito não é uma pequena interferência. Deveríamos preferencialmente deixar que nosso discurso seja contaminado pela característica de romance com que os narradores contam histórias”.

Portanto, deixando que por vezes o tom de afetividade (MAFFESOLI 1998) contamine esta história, contada a partir da *Razão Sensível*, nas próximas páginas, percorro um caudaloso rio entre falas em burburinho ouvidas nos sete *alegres-portos* com o nome das(os) sete presidentes estaduais da história da AGA: Em ordem cronológica, o primeiro porto se chamará **Marly Meira**, o segundo **Alexandre**

Schneiders/Susana Rangel, o terceiro **Cleusa Peralta**, o quarto **Maria Benites**, o quinto **Nara Marone**/Alice Bemvenuti, o sexto **Alberto Coelho** e o sétimo **Luciana Loponte**.

O tempo, a exemplo das águas, embora constante, se movimenta. Da mesma forma, o período de atuação de cada entrevistado na AGA é delimitado em um porto, mas a participação deles no movimento de arte-educação extravasa para além dos limites temporais impostos.

Nosso barco acaba de partir, boa navegação, aganautas.

1º PORTO: MARLY MEIRA
(AGA-Bagé e Presidente da AGA-Estadual)

Período na direção da AGA: de 1984 a 1986.

*Entrevista ocorrida em sua residência,
em Porto Alegre, no dia 31/05/2013.*



Figura 01 – Marly Meira. Acervo pessoal.

“Para mim, a AGA foi a primeira prática de consciência política que eu tive. Acho que essa frase resume tudo. De que eu tinha que sair do meu espaço restrito que era a escola e partir para buscar condições de trabalho que pudessem realmente propiciar que a arte fosse valorizada na educação. E que ela fosse praticada pelas pessoas não só num nível do artista, vamos dizer, excepcional, mas no nível cotidiano, assim, ligado à vida. É essa a ideia que a gente tinha quando a gente criou a AGA. Então, ela evoca isso em mim, muito forte, uma consciência política”.

A primeira presidente da AGA, Marly Meira, inicia seu relato trazendo-nos a paisagem do Rio Grande do Sul e referindo-se a uma Geografia Estética Peculiar, que entra pelos poros, fazendo com que sintamos a planície como a extensão da nossa casa.

Eu acho que o Rio Grande do Sul, ele tem uma coisa afetiva muito forte que é a relação com a terra. A relação com o contexto aqui, nosso, que é diferente do resto do Brasil, porque é muito ligado ao sul da América do Sul né? Então, eu falo na minha tese em Geografia Estética Peculiar, que é essa geografia estética. É um ambiente que entra pelos poros da gente e que faz a gente ter uma visão diferenciada de mundo, no sentido de liberdade, de amplitude, de horizontalidade muito grande, como se a nossa casa fosse estendida para o resto da planície... É uma coisa linda isso, eu acho. Essa imagem eu acho maravilhosa. Então, quando a gente criou, por exemplo, todo esse movimento político da AGA, essa associação que tentou regionalizar o ensino da arte, dentro de um contexto cultural próprio que era o Rio Grande do Sul, ela assumiu uma característica completamente diferente em relação ao resto do país. Porque aqui no sul, a gente ainda tem esse sossego pra se relacionar de uma maneira mais calma, mais afetiva, com o ambiente e com as pessoas. Então, eu acho que isso é a tônica de todo o nosso trabalho aqui, de 30, 40 anos que a gente vem fazendo. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

Este localismo, característico da origem da AGA, pode ser compreendido social e politicamente como o caráter local do binômio local/global. Pode também sugerir a relação individual/social que permeia todo este trabalho, referente a indivíduos que buscam uma associação. Porém, pretendo unir estes binômios em uma ontologia dialógica que prevê a interdependência comunicativa característica do *Alter-Ego*, conforme postula a psicóloga social Ivana Marková (2006, p.14).

O indivíduo e o social tem sido historicamente e contemporaneamente conceituados dentro das ontologias monológicas que pressupõem que eles são dois elementos em interação. Em contraste, o *Alter-Ego*, pertence a uma ontologia dialógica dentro da qual o *Ego* e o *Alter* são interdependentes, um constituindo o outro (MARKOVÁ, 2006, p.14).

O Rio Grande do Sul e o Brasil dependem um do outro nesta história. Tal como o caráter uno-múltiplo a que se refere Edgar Morin (1990, p.109) em seus escritos sobre a complexidade humana, onde “não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte”,

somos seres individuais-sociais, locais-globais e nos constituímos na relação com o outro.

Maffesoli (1996, p. 306) declara que “o eu é feito pelo outro [...] Esse outro poderá ser Deus, a família, a tribo, o grupo de amigos e, é claro, esses outros que pululam em mim”. Trazendo tais considerações para este trabalho, reconheço que no estar-junto, um arte-educador faz o outro, pois “o homem só o é quando está enraizado em um substrato que lhe dá seu valor” (MAFFESOLI, 1995, p. 37).

E eu acho que é parecido, o que eu tô dizendo, tu vais ver muita coisa, muita parecença com o que a Ivone fala, com o que a Cleusa fala, com o que a Alicinha fala, com o que a Susana fala... Esse pessoal todo que trabalhou com influência da Escolinha de Arte do Brasil, que é o movimento de arte-educação, aqui no Rio Grande do Sul. Que eu acho que uma das pioneiras foi a Alice Soares, que foi minha professora de Desenho no Instituto de Artes, onde era minha colega a Iarinha Rodrigues, que criou a Escolinha de Artes do Instituto de Artes... Mas, enquanto o Brasil tinha uma, duas, três... Uma em Pernambuco, outra no Rio de Janeiro outra em São Paulo, o Rio Grande do Sul tinha quase trinta escolinhas de arte espalhadas pelo estado todo. E aqui em Porto Alegre, tinha a escolinha de arte dos ex-alunos da UFRGS e a da Maria Helena que era do Estado e que depois foi transformada em CDE. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

O CDE-Porto Alegre, Centro de Desenvolvimento da Expressão, foi o primeiro endereço da AGA. Lá, na Avenida Ipiranga nº 389, foram realizadas as primeiras reuniões desta associação que nasceu na esteira do Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil, o MEAB. Este movimento, aqui no Rio Grande do Sul, teve uma atuação muito forte e significativa, como podemos comprovar no trecho a seguir do Boletim “inFORMA”:

A história do Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil nos mostra que o Rio Grande do Sul não só teve maior número de Escolinhas do que outros estados como também atividades mais contínuas e permanentes. Segundo levantamento feito para o I Encontro Estadual de Escolinhas de Arte/RS, tínhamos em 17 municípios, 23 Escolinhas em 1977. (inForma. CDE/SEC/RS nº 26, 1986, p.03)



Fig. 02 - Boletim InFORMA N°26/1986
Edição comemorativa aos 25 anos do CDE
Acervo pessoal

Ainda de acordo com Maria Leda Macedo, em entrevista para este Boletim do CDE, comprovamos ter sido no Rio Grande do Sul a primeira escolinha de arte criada fora do Rio de Janeiro:

Desde que entrei na Biblioteca do IPASE, no Rio de Janeiro em 1949, e vi crianças pintando e se movimentando naquele espaço – depois sentamos para ouvir as explicações de Augusto Rodrigues sobre o que faziam, - tudo aquilo me bateu bem. E bateu fundo. Veio tanto e tanto ao encontro do que eu pensava ver e ouvir que, até hoje, passados trinta e sete anos, ainda estou envolvida no que ali presenciei.

Depois de ver aquela maravilha de liberdade e respeito num lugar que as crianças chamavam de Escolinha, passamos a ir diariamente à Biblioteca do IPASE e ouvir os papos de Augusto Rodrigues que se estendiam aos bares da Lapa. Na semana seguinte já estávamos ajudando a entregar material para as crianças. Num desses papos, Augusto nos disse que em Porto Alegre já tinha uma Escolinha, organizada naquele ano de 1949 por Edna e Fortunato Oliveira. Fortunato, como Augusto Rodrigues, é artista plástico e caricaturista. Ambos conviveram no Rio de Janeiro na época em que Augusto Rodrigues fazia caricatura política nos Diários Associados. Edna compartilhava dessa convivência que vem a se refletir, mais tarde, na criação da segunda escolinha de arte do Brasil, a primeira do Rio Grande do Sul – Escolinha do Círculo Militar de Porto Alegre – Fortunato era também capitão da Aeronáutica e vice-presidente do Círculo.

(Trecho da entrevista da arte-educadora Maria Leda Martins de Macedo, que foi diretora do CDE durante 18 anos. – Boletim InFORMA, Nº26/86)

Entre os depoimentos recolhidos no trabalho de Ayrton Correa, encontrei um testemunho semelhante ao anterior, de outra arte-educadora gaúcha, Lia Achutti, que também vincula sua formação às experiências vividas na Escolinha de Arte do Rio de Janeiro e ao legado de Augusto Rodrigues. A seguir, reproduzo trechos daquele trabalho, na intenção de enriquecer a presente reflexão.

No Curso de Arte e Educação da Escolinha de Arte do Brasil, encontrei a chave que me abriu o mundo e ampliou experiências até então bastante limitadas. Com Augusto Rodrigues, Noemia Varela, Maria Helena Novaes, Pedro Turon, Laís Aderne, Fayga Orstower, Ana Mae, Ton Hudson e Helena Antipof usufruí de teorias e ricas vivências de Educação pela Arte. Retornando à Santa Maria, entusiasmada com as descobertas sobre a arte infantil, organizei em minha casa a Escolinha de Arte - Mundo da Criança de Santa Maria. Pequenos grupos, crianças de cinco a onze anos, possibilitaram-me observar e compreender a expressão e o desenvolvimento, não só do desenho infantil, como suas falas e brincadeiras. A UFMS estava estruturando e ampliando seus cursos. Vim com uma carta de recomendação de Augusto Rodrigues para o Reitor, Professor José Mariano da Rocha Filho. Fui admitida na Faculdade de Belas Artes e organizei a disciplina de Iniciação às Artes Plásticas. Os professores Luzia Benda, Mariangela Zaluar, Dora Benda, Ana Maria Moltz, Frederico Richter já trabalhavam com as crianças em Iniciação Musical. Com a música e coral, unimos as artes plásticas e o teatro e estava formado o currículo de formação de professores para trabalhar com a criança em Arte e Educação. Foi grande o entusiasmo dos alunos em formação para professores, realizando a prática junto à Escolinha de Artes (...) O que realizávamos na Escolinha, levamos em encontros estaduais e congressos no Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e Recife. Como membros das organizações SOBREARTE, ABTB (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos), União Internacional de

Marionetes (UNIMA) e Associação Gaúcha de Arte e Educação (AGA) foi muito frutífera a nossa participação... (CORRÊA, 2009)

Conforme depoimento de Lia Achutti, Santa Maria irradiava para o restante do RS e Brasil a fora, um forte movimento voltado à Arte-Educação. Além da AGA, outras associações são referidas pela professora Lia como férteis campos para que aquele trabalho frutificasse.

Lia Achutti é citada no próximo trecho da entrevista de Marly Meira, e aparece na fotografia abaixo (da esquerda para a direita, ela é a quinta pessoa da fileira bem de trás, vestindo blusa listada) acompanhada de vários companheiros do braço gaúcho do Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil.



Figura 03 – Foto do 1º Encontro Estadual de Escolinhas de Arte do RS, 1977. Acervo: Marly Meira

O primeiro foi em 1977, em Porto Alegre. Eu tenho a foto das pessoas que participaram nesse encontro... Eu vou te mandar... Eu não apareço nessa foto porque eu não tinha chegado ainda no encontro quando eles tiraram... Mas ali tá a Noêmia Varela, o Augusto Rodrigues, a Maria Helena Macedo, a Iara Rodrigues, a Sandra Richter, o Elton Manganelli, a Líia Achutti, de Santa Maria... Todo esse pessoal que irradiou esse movimento de arte-educação no Rio Grande do Sul tá nessa foto. Então ela vai ser importante pra ti. O primeiro encontro. Na época era o Guazzeli, governador do estado. E a Ecléia Guazzeli era muito amiga da Maria Helena Macedo, que era diretora da escolinha de arte de Porto Alegre e que era ligada à Secretaria de Educação. Então, foi lá na Vila Manresa, não tinha como chegar até lá que era no meio aqui do Morro do Sabiá, que é no meio de uma floresta. O que que a Ecléia Guazzeli fez? Um trator abriu uma picada até lá. E a gente ficou três dias lá, relatando uns pros outros o que que a gente estava fazendo em matéria de arte-educação no RS. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

Como uma “picada” aberta por um trator no meio de uma floresta, durante a época da ditadura militar. Apesar de tanta dificuldade, esta imagem reflete a resistência que marca, desde o início, o movimento de arte-educação no Rio Grande do Sul. Encontros vibrantes, quase clandestinos, fortaleciam a reflexão sobre a importância da arte na educação e na construção de um mundo melhor.



1º MERGULHO - Década de 1970 - Cresci numa espécie de ilha. Quando li Pessach: a travessia, (CONY,1967), confirmei que as impressões da minha infância eram reflexo da realidade histórico-geográfica onde me criei: sul do Rio Grande do Sul, quase caíndo fora do Brasil. Ouvia histórias entrecortadas, sentia o peso da censura cada vez que o assunto pendia demasiadamente para a liberdade. Nasci em Pedro Osório, em meio a um regime de ditadura militar que se estendia, além do Brasil, a diversos países da América Latina. De alguma maneira, aquele espírito do tempo contaminou minhas primeiras impressões de vida, pois sinto uma profunda empatia com as famílias dos torturados e desaparecidos políticos daquela época. Minha própria família teve professores censurados, exilados e militares linha-dura. Eram os “anos de chumbo”. Eventualmente, recebíamos visitas de parentes indo clandestinamente para o Uruguai e trazendo notícias de amigos e familiares exilados no Chile e em Cuba. Recebi da geração que teve vidas ceifadas prematuramente pela ditadura a mensagem: “o sonho não acabou”. Soube aí que, para nós, caberia a tarefa de dar andamento à causa abafada nos porões da ditadura. Sem querer ser clichê, descobri, desde cedo, que minha causa seria a mesma de tantos mortos e desaparecidos políticos de lutar pela liberdade, por uma sociedade menos desigual, dos ideais de paz e amor. Canções de protesto, teatro, cinema e poesia engajados, mesmo com tanta censura, me atingiam em cheio. A estas lembranças atribuo minha vocação às lutas. Gosto de uma boa luta que mereça ser lutada. Todavia, reconheço que hoje, passada a época das grandes revoluções, a forma de lutar transformou-se. Defendo com Michel Serres (2001, p.70) que “nada se constrói, nem se faz, nem se inventa senão na paz relativa, em um pequeno reduto de paz local rara, mantido no meio da destruição universal produzida pela guerra perpétua”. Minha luta é essencialmente política, ética e estética, com flores nos fuzis, com arte, poesia e sensibilidade. Ao invés de exércitos, busco minhas tribos, sustentadas pela afetividade, pela razão-sensível e pelo prazer de estar junto à toa.



Depois do Primeiro Encontro Estadual de Escolinhas de Arte do RS, Marly relata ter participado de outros eventos, no Rio de Janeiro, na Bahia e em São Paulo, até que começou por conta própria a promover seminários de reflexão em Bagé RS, entre os quais o Segundo Encontro Estadual de Escolinhas de Arte do RS, onde nasceu a AGA.

Aí eu comecei a fazer seminários e pessoas das cidades vizinhas e do resto do Rio Grande do Sul começaram a participar desses seminários e na troca de experiências, nos debates nesses seminários, a gente chegou à conclusão de que a gente tinha que se mobilizar politicamente. Criar uma associação, pra que a gente pudesse, através dela, fazer pressão nos meios políticos, nas instituições, pra realmente haver uma valorização do ensino da arte. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

Estes encontros e seminários se multiplicaram desde o final da década de 1970 e durante toda a década seguinte. Eles foram aproximando pessoas e construindo a história do movimento de arte-educação gaúcho ao qual este trabalho busca documentar. Continuando seu depoimento, Marly relembra de dois encontros internacionais ocorridos no Rio de Janeiro.

O congresso da INSEA foi em 1984, e até a gente fazia um trocadilho, assim, 1984 e 1948, que era 84 trocado, o ano em que tinha começado o movimento de arte-educação no Brasil. (P. Das escolinhas de arte?) Das escolinhas de arte, em 1948. Eu conheci a Ivone antes do congresso do INSEA. Teve um Encontro Latino-Americano de Arte, que foi coordenado pela SOBREARTE do RJ, e eu conheci ela lá. Foi em 78 que aconteceu. E aí eu conheci a Ana Mae, conheci a Ivone e aí a gente começou a tramar um pouco as coisas políticas, que em 1984 quando teve o encontro na Bahia, aí se solidificou que cada estado deveria ter a sua associação. Acho que não foi em 84, foi...? (P. Em Salvador?) Em Salvador. (P. 85) 85... Aí já tinha a AGA. Tá meio confuso na minha cabeça essas datas... é uma coisa que eu teria que pesquisar, mas a Ivone sabe mais que eu isso. A Ivone sabe mais das datas. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

De acordo com o historiador Alessandro Portelli (2004, p.298), “as histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo, pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia de vida do narrador”. O tempo remexe a memória e a história se transforma. Através das entrevistas, alguns lapsos de memória deixaram pequenas brechas nas narrativas, como, por exemplo, o ano em que Mary Meira e Ivone Richter se

conheceram. Ambas afirmam que se cruzaram pela primeira vez no Rio de Janeiro, mas as datas divergem. Uma afirma que foi em 1978, em um encontro latino-americano de educação através da arte promovido pela SOBREARTE⁵, outra, em 1984, no Congresso da INSEA⁶.

O importante para este trabalho, muito além das datas, é o fato de que as duas líderes do movimento de arte-educação gaúcho atuavam em cidades distantes no interior do estado do Rio Grande do Sul e, a partir deste primeiro encontro, *em outras terras e em outro Rio*, se aproximaram e passaram a estabelecer uma parceria que seria fundamental para a criação da AGA e posteriormente da FAEB.

Maffesoli contribui com essa reflexão quando coloca “a ênfase das relações espaço-tempo no que é próximo e no afetual. Aquilo que nos une a um lugar, lugar que é vivido em conjunto com outros” (MAFFESOLI, 2000, p.177). Esta questão, que ele denomina *proxemia*, já se colocava desde então como uma espécie de solidariedade, palavra vinculada ao solo, que unia os gaúchos através de um sentimento identitário onde quer que se encontrassem.

Qualquer que seja, no caso, o território em questão ou o conteúdo da afeição: interesses culturais, gostos sexuais, cuidados vestimentares, representações religiosas, motivações intelectuais, engajamentos políticos. Podemos multiplicar à vontade os fatores de agregação, mas por outro lado, eles estão circunscritos a partir destes dois polos que são o espaço e o símbolo (partilha, forma específica de solidariedade, etc). Isso é o que melhor caracteriza a intensa atividade comunicacional que de múltiplas maneiras serve de nutriente ao que chamo de neotribalismo. (MAFFESOLI, 2000, p.188)

Concluindo os relatos sobre os encontros e seminários que precederam a criação da AGA, na entrevista de Ivone Richter a Ayrton Correa, podemos perceber a força do movimento e da articulação das associações regionais em todo o Brasil naquela época:

O meu primeiro contato com o movimento de Arte/Educação foi no Congresso Mundial da INSEA no Rio de Janeiro, onde pela primeira vez encontrei o pessoal de São Paulo. A Ana Mae eu tinha conhecido em Santa Maria, numa ocasião em que ela veio dar um curso e conhecia também a Noemía Varela. Mas do grupo de Arte/Educação que estava se

⁵ Em 1973, o pessoal da Escolinha de Arte do Brasil se reuniu em uma nova entidade jurídica destinada a expandir o trabalho de arte-educação no país e relacioná-lo de maneira mais eficaz com o movimento no resto do mundo: Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte (Fonte: Revista do INEP, 1980, p.104).

⁶ International Society for Education through Art, órgão vinculado à UNESCO e à ONU, criado em 1954, para promover a ideia da educação através da arte em todo o mundo (Fonte: Revista do INEP, 1980, p.91).

formando, conheci a maioria naquele evento. Ana Mae, que também vinha de pós-graduação nos Estados Unidos, estava trazendo a ideia deste movimento de Arte/Educação. Ela propunha esta denominação para diferenciar da Educação Artística. Paralelamente ao Congresso, foram realizadas reuniões deste grupo. Esses foram os primeiros encontros de Arte/Educação que eu participei aqui no Brasil. Ali conheci Marly Meira, primeira presidente da AGA, conheci o pessoal da AESP. Foi assim que me engajei no Movimento de Arte Educação do Brasil, porque eu já era associada da Associação de Arte/Educação do Québec. (CORRÊA, 2009)

Recordando os primeiros momentos de unificação do movimento a nível nacional, Ivone continua seu depoimento trazendo à tona novamente as categorias local/global quando se remete às associações internacionais e à criação das associações estaduais no interior do Brasil.

O primeiro encontro de organização de Arte/Educação que participei não foi aqui, foi no Canadá. E lá me associei e continuei associada por muito tempo, participei de eventos, de encontros, de pesquisa, etc. Com isso, eu tinha conhecimento do movimento de lá, que trouxe também para a nossa organização aqui, e acredito que a Ana Mae também veio com essa visão. E a gente se organizou e começaram a surgir as associações, no início dos anos 80. Primeiro foi a AESP - Associação de Arte-Educação do Estado de São Paulo, logo depois foi a ANARTE, do nordeste, a única Associação regional. Ela foi fundada no curso de pós-graduação coordenado pela Laís Aderne, em João Pessoa, o primeiro curso de especialização em Ensino de Arte, de Arte/Educação, do nordeste, no qual Ana Mae também lecionou. Este curso congregou alunos de todo o nordeste, os quais acharam que não tinham força para fundar uma associação estadual como era a de São Paulo e resolveram formar então uma regional. Formaram a regional ANARTE. E desta regional passaram a ser fundados núcleos estaduais: ANARTE-RN, ANARTE-Piauí, ANARTE - PE, todas filiadas à regional. E a terceira associação foi a AGA, Associação Gaúcha de Arte Educação, da qual a Marly Meira, de Bagé, foi a primeira presidente. Começaram então a circular as informações entre as associações. (CORRÊA, 2009)

Em entrevista concedida para esta pesquisa, Ivone Richter comentou também sobre o grupo de estudos que formou em Santa Maria/RS e que teria sido o germe da AGA naquela cidade:

Quando eu cheguei do Canadá, com essa ideia de arte-educação, eu propus para o pessoal, lá na universidade... Tinha a Escolinha de Arte dentro da universidade, com a Lia Achutti... E eu propus para a Lia, de a gente trabalhar com os professores da rede... Para a gente poder trocar ideias. Eu vinha muito cheia de bagagem e eu estava querendo dar acesso ao pessoal de uma coisa que eu não tinha tido e que achei que era importante de eles terem... De se discutir aquelas coisas. (Entrevista Ivone Richter, 23/04/2013).

Além dos encontros em grupos de estudo e seminários de reflexão, Marly Meira e Ivone Richter também se referem a um curso de pós-graduação em Arte-Educação⁷ realizado pela PUC-RS em três anos consecutivos (1983, 1984 e 1985). Em outras entrevistas, Susana Rangel e Isabel Petry reiteram a importância do mesmo curso. Tomo-o, portanto, como uma espécie de *divisor de águas* no movimento de arte-educação no Rio Grande do Sul, mais um evento agregador *instituinte* da criação da AGA. Ao propor um caráter mais político e sociológico às discussões sobre o papel da arte na educação, este curso apresentou-se, inclusive, como uma alternativa à hegemonia teórica norte-americana que vinha se impondo no Brasil, conforme as palavras de Marly Meira:

Mas tudo isso, são vários fatores que concorreram pessoalmente, convergiram pra minha pessoa, pra me forçar a me atualizar em relação ao movimento de arte-educação. Então, a Sociologia da Arte, por exemplo, que estava se fazendo na Europa, em contraponto ao que acontecia nos Estados Unidos... Eu via e não me convencia que a gente tivesse que ser uma colônia dos Estados Unidos, culturalmente. Então, eu acho que a Europa... o movimento de arte-educação veio da Europa, não é? Com o Herbert Read. Então, eu tinha muita afinidade com a filosofia europeia, com o que a Europa tinha trazido pro Brasil. Principalmente aqui no sul. Porque o sul tinha muita influência europeia e São Paulo já tinha mais a influência dos Estados Unidos, como colonialismo cultural... Esse pessoal, por exemplo, lá do curso de 83 da PUC, era o pessoal que trazia toda essa mentalidade de esquerda, efeito do maio de 68 em Paris, aquele movimento que teve e que gerou a contracultura. Então, elas eram super avançadas em matéria de pensar a arte, não só fazer a arte, sentir a arte, mas também de pensar objetiva e politicamente a arte no contexto cultural. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

⁷ Curso de Especialização em Artes Plásticas: Suportes Científicos e Práxis.

Além de pensar sobre arte, o viés sociológico do curso conclamava para a ação. A práxis unia a teoria e a prática. Trazer esta concepção *engajada* de arte em um curso de formação, segundo o depoimento de Susana Rangel transcrito abaixo foi decisivo para o movimento de arte-educação gaúcho ter tomado o rumo que tomou, principalmente se levarmos em consideração que o Brasil atravessava naquele momento um processo de redemocratização, com a gradual abertura do regime militar.

O nome era Teoria e Práxis da Arte. Foi a primeira vez que se falou numa concepção social de arte. Uma concepção muito diferente... Era a Icléia Cattani, a Maria Lúcia Kern, a Mônica Zielinsky... Elas tinham vindo da França, com autores que a gente nunca tinha visto. O Canclini, falando de uma outra abordagem de arte, metendo o pau em tudo aquilo que a gente acreditava, aquela coisa idealista da arte, então, foi por terra... Aconteceram três turmas. E todo mundo saiu muito mudado daquela experiência. Desse curso da PUC. A Mirela e a Marly foram da primeira turma, eu fui da segunda. (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

Coincidentemente ou não, Ivone Richter também ministrou aulas neste mesmo curso, conforme a transcrição a seguir da entrevista que ela me concedeu e cuja maior parte foi perdida com o esgotamento da memória do gravador.

E aí eu, em seguida, também fui convidada para trabalhar, para dar palestras na PUC que estava com um curso que era de educação, mas que envolvia arte... Eu não sei se tu soubesses desse curso... E tinha um pessoal lá de Santa Maria, de uma escola, que estavam fazendo... Umas três ou quatro meninas que viajavam para fazer esse curso. (...) E aí, eu, com o mestrado, eu já fui pesquisadora CNPq, eu já tinha grupo de pesquisa e tudo, porque era assim, era quase o máximo que havia naquele momento. E lá em Santa Maria, a gente já fez um grupo, que a gente chamou de grupo de estudos. Aí, quando houve essa reunião, em que estavam outras pessoas... A Marly já estava criando também o seu grupo em Bagé... Então, na verdade, a AGA foi a única associação de todas da FAEB que começou no interior e não na capital. Eu acho que isso é uma característica muito interessante da AGA, e característica nossa, de gaúchos. Porque haviam grupos fortes em Santa Maria, Bagé, eu não sei se Rio Grande também... Antes de Porto Alegre. (Entrevista Ivone Richter, 23/04/2013).

TANTAS VERTENTES DESÁGUAM NO NASCIMENTO DA AGA

Em um grande movimento de convergência, em 20 de maio de 1984, diversas pessoas, de diferentes entidades, reuniram-se na cidade de Bagé durante o 2º Encontro de Escolinhas de Arte do RS, ocasião em que a AGA foi oficialmente criada. A prof^a Marly Meira conta como foi o evento:

Tu tens que ver assim, que são pessoas-chave que desencadearam processos que foram se diversificando e que se reuniam de vez em quando, informalmente ou formalmente, dentro das instituições em que a gente estava atuando, para então criar uma reflexão conjunta. E esse curso, por exemplo... Esses professores de 83, da pós-graduação, eu levei tudo em 84 pra Bagé. Eu juntei o pessoal da Prodiarte⁸, da Secretaria de Educação, trouxe a Fayga Ostrower pra Bagé. Parou na minha casa... (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

Outra arte-educadora entrevistada para este trabalho, que esteve presente no evento que deu origem à AGA, foi Isabel Petry, criadora e coordenadora de diversos Seminários Nacionais de Arte-Educação da FUNDARTE-Montenegro. Ela relembra em sua narrativa como se deu a criação da Associação Gaúcha de Arteducação:

Naquele encontro maravilhoso... Ficamos todos na casa da Marly. Então ali começa a se fortificar essa ideia de ter uma associação de arte-educadores do Rio Grande do Sul, porque já tinha a de São Paulo. Eu acho que já existia a de São Paulo, não sei bem... A Ana Mae vinha ao RS. A gente trazia já, para algumas palestras, o pessoal da Escolinha e tal. Então, tudo isso foi se movimentando, entre Bagé, entre Porto Alegre... Montenegro começou a participar dos eventos nacionais, dos eventos estaduais, em Porto Alegre. A Ana Mae vinha muito seguidamente, a gente conversava muito sobre a escolinha de arte. A gente tinha encontros lá em Porto Alegre com a Leda, com a Iarinha... A Iara, que era a coordenadora da Escolinha de Arte. (Entrevista Isabel Petry, 03/04/2013)

⁸ Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte-Educação, criado pelo MEC em 1977, visando estabelecer uma integração entre a cultura da comunidade e a cultura escolar (Fonte: Anais do XV CONFAEB, 2009)

2º MERGULHO - Em uma curva do rio da história, entre as décadas de 80 e 90, localizo a criação da AG(w)A e nela vejo meu próprio reflexo, confundindo o início da minha formação como educadora com o início e formação desta associação. A AGA foi criada durante o II Encontro de Escolinhas de Arte do Rio Grande do Sul, realizado na cidade de Bagé, em 20 de maio de 1984, o mesmo ano em que ingressei no curso de Magistério no Instituto de Educação Assis Brasil, na vizinha cidade de Pelotas. Mas meu desejo de ser professora veio desde criança, quando visitava a escola onde minha mãe trabalhava e eu não estudava por ainda não ter idade. No entanto, curiosa, adorava quando a professora Líia me chamava para a aula dela, uma dita classe especial. E especial era... A professora Líia era baixinha e não me tratava como criança, ao contrário, eventualmente solicitava minha ajuda. Aqueles seus alunos grandões a respeitavam e, identificada com ela, pelo tamanho ou pelo ofício, era um prazer poder ajudá-la. O meu processo de alfabetização e letramento foi, assim, solidário. Sentia-me prestando um serviço, uma espécie de monitoria. Aprendia para ajudar a ensinar. Fui me tornando professora ao perceber o abismo entre a dita cultura popular e erudita. Enquanto meus colegas de aula tinham um cavalo e tiravam leite de vaca no quintal de casa, eu folheava enciclopédias em espanhol e ouvia música em um móvel chamado toca-discos entre cartões-postais do mundo distante onde viviam meus parentes. Percebi também que as condições entre opressores e oprimidos de que tanto falaram Paulo Freire e Augusto Boal são questões que derivam de estratégias de poder e que a educação é o principal caminho para romper os preconceitos e aproximar os dois lados do abismo. Educar é, pois, construir pontes. Entre conhecimentos e ideias diferentes, entre culturas e principalmente entre pessoas. Educação se dá em toda parte, basta encontrarmos bons mestres, letrados ou não. Até aqui pareço deixar claro o quanto valorizo o saber popular e informal em oposição ao saber científico e tecnicista das escolas e academias tradicionais. No entanto, a valorização de um não requer o desprezo pelo outro.

Entre os primeiros documentos buscados para esta pesquisa, lamentamos que o livro com a ata de fundação da associação tenha se perdido em um dos tantos períodos de oscilação entre atividade e inatividade pelos quais a AGA atravessou durante estes trinta anos de história

Tomamos, portanto, como primeiro documento oficial, o boletim nº 01 – Ano I, que passamos a analisar a seguir.

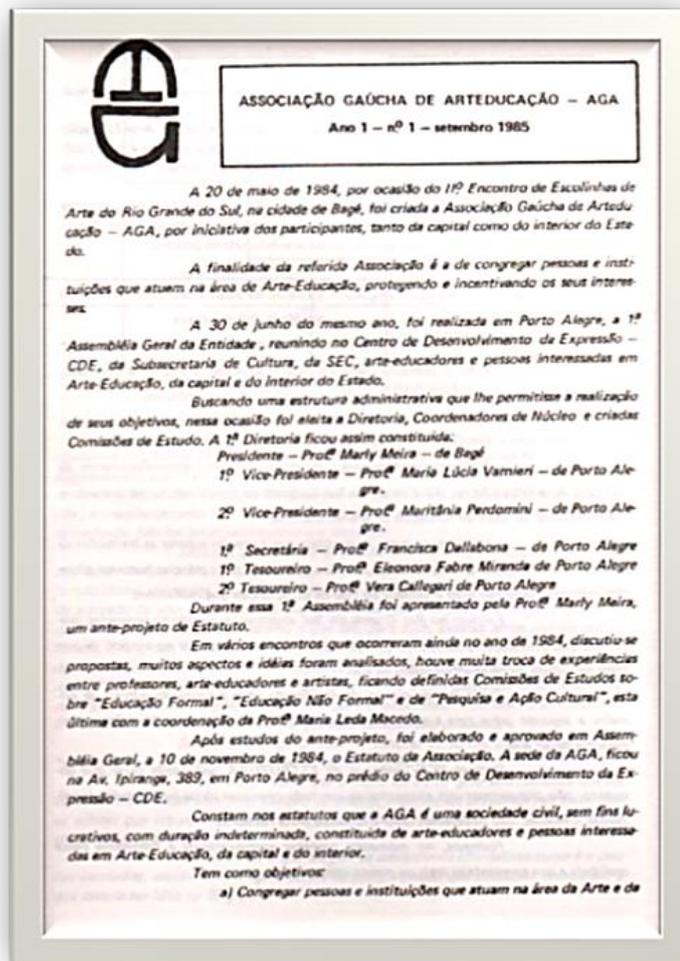


Figura 04 – Boletim da AGA nº01 – Ano I, 1985. Acervo: Alice Bemvenuti. (Anexo 01)

O primeiro boletim da AGA foi impresso em setembro de 1985 pela gráfica da Universidade da Região da Campanha, URCAMP, em Bagé, RS, cidade onde a associação foi criada e onde trabalhava a professora Marly Meira, então presidente da AGA-estadual. Em trecho deste primeiro boletim da AGA, lê-se que “a finalidade da referida

Associação é a de congregar pessoas e instituições que atuem na área de Arte-Educação, protegendo e incentivando os seus interesses”.

Vislumbramos a noção de *tribo*⁹ a partir do teor deste texto sobre a finalidade da AGA, onde *congregar, proteger e incentivar* são os verbos principais. Maffesoli ressalta este sentimento de pertença e de comprometimento ético ao explicar seu paradigma ético-estético do seguinte modo: “aquilo que caracteriza a estética não é de modo algum uma experiência individualista ou interior, antes pelo contrário, é uma outra coisa que, na sua essência é abertura para os outros” (MAFFESOLI, 2000, p.21). Nas tribos contemporâneas, o modo de sentir determina o modo de agir, é esta ética-estética que me parece hoje a essência de uma associação como a AGA.

Na entrevista de Isabel Petry, podemos encontrar uma referência a este desejo gratuito de estar-junto:

Porque tu vês bem, Auta, a AGA não tem sede, não tem recurso, não tem dinheiro nenhum, as pessoas se movimentam com recursos próprios. As pessoas se encontram porque querem estar juntos e porque acreditam em alguma coisa. É isso que sustenta. Então, o que que sustentou? O compromisso mútuo. A AGA foi sustentada por esse compromisso mútuo, assim: “Eu quero discutir com o Fulano, eu quero dar minha contribuição para estudos sobre o ensino de arte, eu quero contribuir”. E é isso, só. Então é encima das pessoas, porque não tem nada mais do que isso. Não tem o que sustente. O que que sustenta? É um fio solto. (Entrevista Isabel Petry, 03/04/2013)

Um fio solto que cai se não for seguro por mãos de pessoas altruístas com um compromisso mútuo. Sem essas pessoas não há trama, talvez por isso, tantas vezes na história da AGA, este fio tenha caído por falta de sustentação e, algum tempo depois, com o interesse de novas pessoas, tornado a se erguer.

Voltando a analisar o primeiro boletim da AGA, vislumbramos uma notável atualidade no próprio texto de apresentação que adianta ser a AGA “uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com duração indeterminada, constituída de arte-educadores e pessoas interessadas em Arte-Educação da capital e do interior”.

⁹ Segundo Michel Maffesoli (2000, p.194) “as tribos são microgrupos que pontuam a espacialidade a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação”.

A noção de duração indeterminada e a organização entre capital e interior refletem características da complexidade contemporânea, demonstrando a constituição uno-múltipla com que esta entidade foi organizada, há três décadas atrás:

Sendo o Rio Grande um caleidoscópio de culturas, diversifica-se conseqüentemente a atividade do arte-educador. A regionalização de núcleos concretiza esta democratização, pois o Conselho que irá gerir as estratégias da associação será representativo desta diversidade. (Trecho do Boletim nº1 – Ano I, 1985)

Capital e interior teriam seus núcleos regionais e a “estadual” seria o polo aglutinador de todos os núcleos. Formação sui-generis se comparada a todas as outras associações de arte-educadores do país, e que mais tarde serviria de exemplo para a própria configuração da FAEB.

A constituição uno-múltipla da AGA parece ter sido considerada complexa demais para alguns arte-educadores da época, conforme relata Ivone Richter no depoimento a seguir:

A gente fazia as reuniões da AGA em Porto Alegre, mas, e pro pessoal entender que tinha que ter um núcleo de Porto Alegre? Isso era uma coisa que não conseguiam entender, porque, imagina, Porto Alegre tinha que ter a sede, mas na verdade, não tinha que ser sede nenhuma. Então, nessa ocasião, a gente já estava um pouco com o espírito da FAEB, de que, a FAEB, se decidiu que seria itinerante. Mas isso da AGA foi o que talvez tenha influenciado também para que na FAEB a gente fizesse assim, entende? (Entrevista Ivone Richter, 23/04/2013).

Visto que cada núcleo do interior do estado teria seu respectivo contexto respeitado, a capital, Porto Alegre, deveria criar também o seu próprio núcleo, todos ligados a um núcleo central com sede inicialmente no endereço cedido pelo CDE de Porto Alegre. A respeito desta questão, dos núcleos regionais, destacamos o pronunciamento da primeira presidente da AGA, Marly Meira:

Nós tínhamos consciência disso: que o Rio Grande do Sul, ele tem um panorama diversificado de culturas, de etnias diferentes, na formação do RS. A região da campanha é diferente da região aqui de Caxias, do alto da serra, que é diferente daqui de Porto Alegre, que é cosmopolita, que é

diferente de Pelotas (...) então, a gente achou que para trabalhar arte e vida, tu tem que trabalhar contexto cultural, assim como ele acontece no cotidiano das pessoas. Por isso que a gente já tinha na AGA a ideia de núcleos regionais. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)

Então, a cada dois anos, conforme o resultado de eleição, a associação mudaria de sede. Em sete diferentes gestões, a AGA-Estadual esteve sediada em quatro municípios gaúchos: Bagé, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Além disso, os núcleos regionais seguiam suas atividades nas mais diversas cidades, como nos mostra o trecho a seguir da entrevista de Ivone Richter, falando do núcleo da AGA de Santa Maria:

Então o nosso grupinho, quando se decidiu fundar a AGA, houve uma votação. Se o grupo de estudos queria ou não se filiar a AGA. Então se votou que sim, então se passou a ser AGA/Santa Maria. (Pergunto: Que tu eras a presidente?) Não, era a Líia Achutti. Eu nunca fui da diretoria da AGA. Era a Líia Achutti de presidente e eu era a vice. E depois houve a eleição e a Marly ficou... Depois, acho que foi o Alexandre. (Entrevista Ivone Richter, 23/04/2013).

Além das divisões entre estadual e núcleos, a organização inicial da AGA sugeria que cada núcleo municipal fosse dividido internamente em comissões, segundo a estrutura das *comissões de pesquisa* que a AGA se propunha a desenvolver. Estas comissões atenderiam pelas siglas CPAC (Comissão de Pesquisa e Ação Cultural), CENF (Comissão de Educação Não-Formal) e CEF (Comissão de Educação Formal).

Advinda de diferentes grupos de estudo, a AGA nasceu com uma forte tendência à pesquisa, explicitada no texto a seguir:

A Associação Gaúcha de Arteducação se propõe, através de um processo de investigação a proceder ao inventário da arte-educação em nosso Estado, identificando pressupostos teóricos, propósito, estrutura de funcionamento, e examinando o acervo de realizações das instituições que atuam neste âmbito (...). A pesquisa deverá contribuir para a obtenção de informações sobre diversas experiências de arte-educação no campo da educação formal e da educação não-formal, tanto tomadas globalmente quanto em seus aspectos específicos, (...) oportunizando a resolução de problemas coletivos por meio de aprendizagem conjunta (Boletim da AGA nº01, 1985).

Ressaltamos que os remanescentes do MEAB (Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil) eram ligados à comissão de *educação não-formal*. Nos próximos capítulos desta história veremos que, cada vez mais, a relação entre professores de escolinha e professores de escola foi se distanciando para polos diferentes e a ação política foi se sobrepondo às atividades de pesquisa proposta pelas três comissões iniciais.

2º PORTO: ALEXANDRE SCHNEIDERS

Durante a pesquisa, a ausência mais sentida foi a de Alexandre Schneiders da Silva. Entre todos os ex-presidentes da “estadual” da AGA, Alexandre é o único já falecido. Seu nome está presente em muitos documentos da época como incansável militante do movimento de arte-educação, tanto na AGA quanto na criação da FAEB. Alexandre aparece neste trabalho representado por sua vice, Susana Rangel Vieira da Cunha.

SUSANA RANGEL

(AGA-Porto Alegre e Vice-Presidente da AGA-Estadual)

Período na direção da AGA: De 1986 a 1988.

Entrevista realizada em sua sala de trabalho na universidade (UFRGS), em Porto Alegre/RS, dia 04 de abril de 2013.

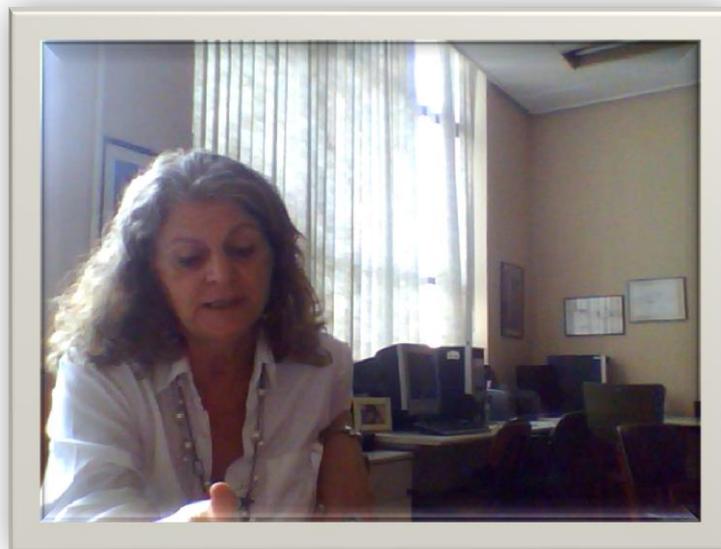


Figura 05 – Susana Rangel. Acervo pessoal.

“Ah, eu acho que o sentimento que me evoca é de mobilização e de pensar a arte como função social. Foi isso o que eu vivi na AGA. Não foi criatividade, não foi desenvolver a sensibilidade das crianças, não era isso. Para nós, era um movimento político e social, de pensar o ensino de arte para todo mundo”.

Eu não me lembro, eu acho que foi a Maria Inês Samarani, que era professora da Escolinha de Arte do Estado. Aquela ali da, da Ipiranga. Eu já me dava com ela... Sim, eu vim trabalhar no Instituto de Educação, foi aí. Eu vim trabalhar no Instituto de Educação, conheci a Jovita e a Maria Inês Samarani e daí, nós éramos as três professoras de Arte do Instituto, e a Inês nos convidou para ir nessas reuniões que aconteciam lá no CDE, na Escolinha de Arte do Estado. Foi lá que eu conheci o Alexandre. Naquela época, já havia uma divisão entre o pessoal da escolinha e quem era professor de arte do estado. Claro que nós éramos os “não-professores” na visão do pessoal que era das escolinhas. E o Alexandre não era nem de escola e nem de escolinha. E ele não era nem formado em Teatro. O Alexandre fazia Medicina na época e depois parou com a medicina e, enfim, ele gostava de teatro e foi atrás desse sonho dele. (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

Alexandre não era professor de escolinha nem de escola, era um livre-pensador, um sonhador que ousou trocar a medicina pela arte-educação. Ou seja, não estava na disputa de poder que se delineava entre as duas vertentes advindas das escolinhas (educação informal) ou das escolas formais. Em sua entrevista, Isabel Petry se referiu a ele como “uma pessoa de uma humanidade! Ele chegava e a reunião se tornava uma coisa muito humana, muito delicada, muito afetiva. Ele era uma pessoa muito bacana mesmo”.

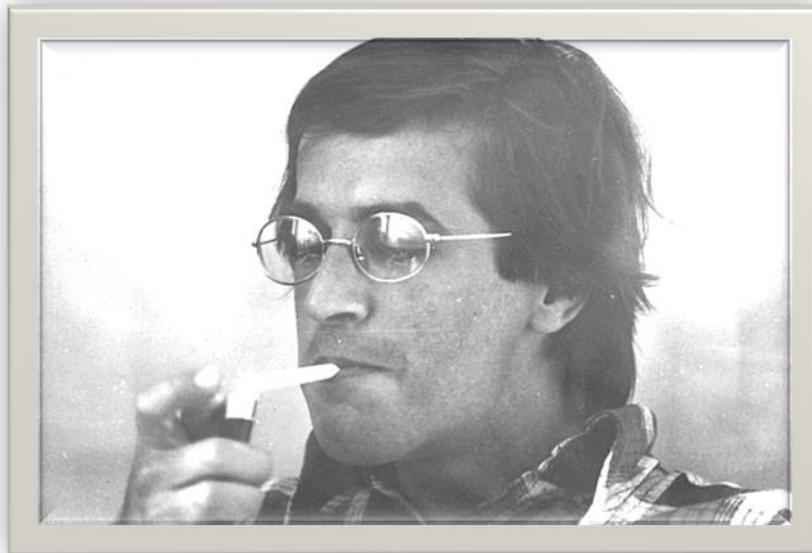


Figura 06 – Foto de Alexandre Schneiders na década de 1980 – Acervo da família.

Podemos perceber o tom ponderado e conciliador de Alexandre Schneiders, através do texto abaixo, publicado na coluna “Espaço Nacional das Associações” do boletim Fazendo Artes Nº11:

A AGA tem suas origens na implantação das escolinhas de arte, há mais de 25 anos, em várias regiões do estado, que se transformaram em focos irradiadores do movimento de educação através da arte. É desse processo que surge a AGA, em 1984; estruturada em núcleos regionais: Porto Alegre, Bagé, Santa Maria, Pelotas, Passo Fundo – inicialmente. E, mais recentemente Montenegro, Santa Cruz do Sul/Rio Pardo, Rio Grande. Núcleos que assumem características, composição e identidade próprias. Uns mais próximos da universidade, outros dos professores da rede de ensino, outros das instituições não formais. No entanto, na maioria deles, a tendência é de uma confluência de arte-educadores atuantes em todos os níveis da educação. (Boletim Fazendo Artes, 1987)

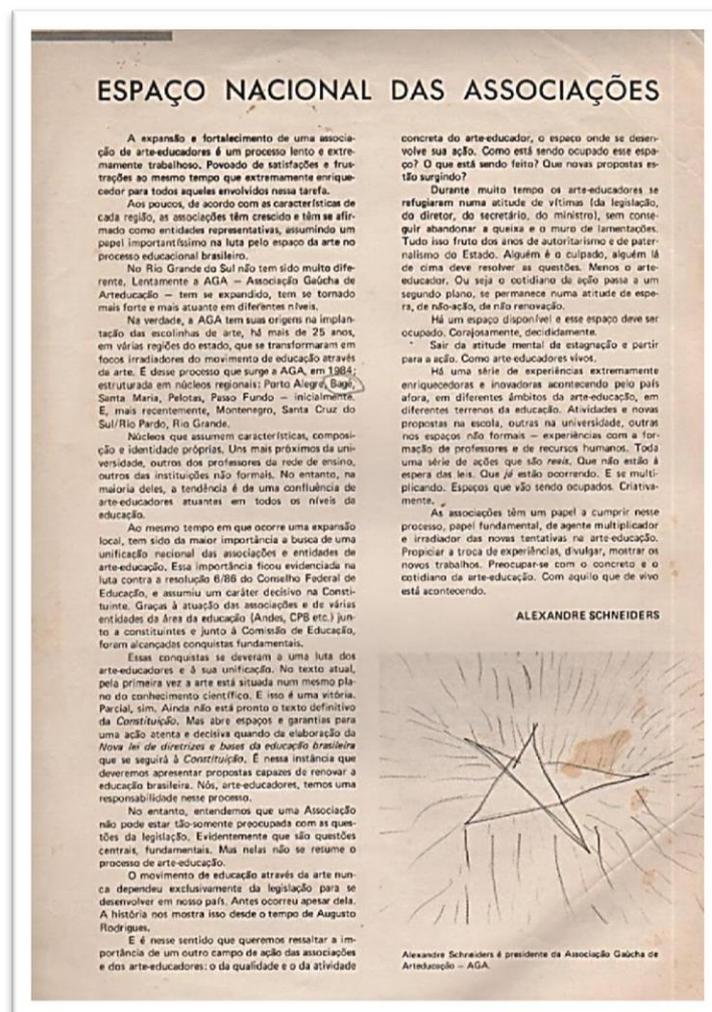


Figura 07 – Boletim Fazendo Artes – Nº11 – Ano IV – 1987. Acervo: Marly Meira. (Anexo 02)

Em tempos onde a maioria das publicações eram consideradas *subversivas*, um boletim de grande importância na história do movimento de arte-educação brasileiro foi o Boletim “Fazendo Artes”, impresso pela FUNARTE (Fundação Nacional de Artes), no Rio de Janeiro, RJ, órgão vinculado ao Ministério de Cultura, em Brasília, DF, e que mantinha um departamento de Arte-Educação, coordenado pela gaúcha Maria Bonumá.

Então, a Maria foi uma pessoa muito importante, de articular nacionalmente. A Maria, antes, ela tinha trabalhado em Brasília, na FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor), no tempo em que a Ecléia Guazzeli era presidente da FUNABEM. E ela começou a introduzir arte, projetos culturais na FUNABEM. A Ecléia também começou a tratar os internados, os jovens, de outra forma. Enfim, elas foram enquadradas na lei de segurança nacional, tiveram que responder processo e tiveram que ser demitidas... (P. Nossa, era outra época...) Mas elas fizeram uma coisa bem diferenciada. A Maria, depois, foi para a FUNARTE. Então, a Maria tinha essa coisa da política, dessa coisa de telegrama, de não-sei-o-que, isso aí era o dedo da Maria, também, nos dando ideias, dessa articulação política também, porque ela tinha essa vivência toda, que nenhum de nós tinha. Era o pessoal da escolinha, da universidade... (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

No Manifesto de Diamantina, de 1985, foi quando surgiu a ideia de um setor ligado à arte-educação no recém criado Ministério de Cultura, bem como um Conselho Nacional de Arte-Educação, com representantes de várias regiões do país. Este, objetivava orientar, dar pareceres, avaliar e estudar a reformulação dos currículos de arte e as mudanças na legislação nacional, “visando a sua correspondência à diversidade brasileira e aos princípios de aprendizagem em arte”.

Este documento, redigido durante o Encontro Nacional de Arte-Educação, realizado durante o 17º Festival de Inverno da UFMG, na cidade de Diamantina/MG, serviu de referência à elaboração de tantos outros documentos reivindicatórios elaborados nos eventos que se seguiram.

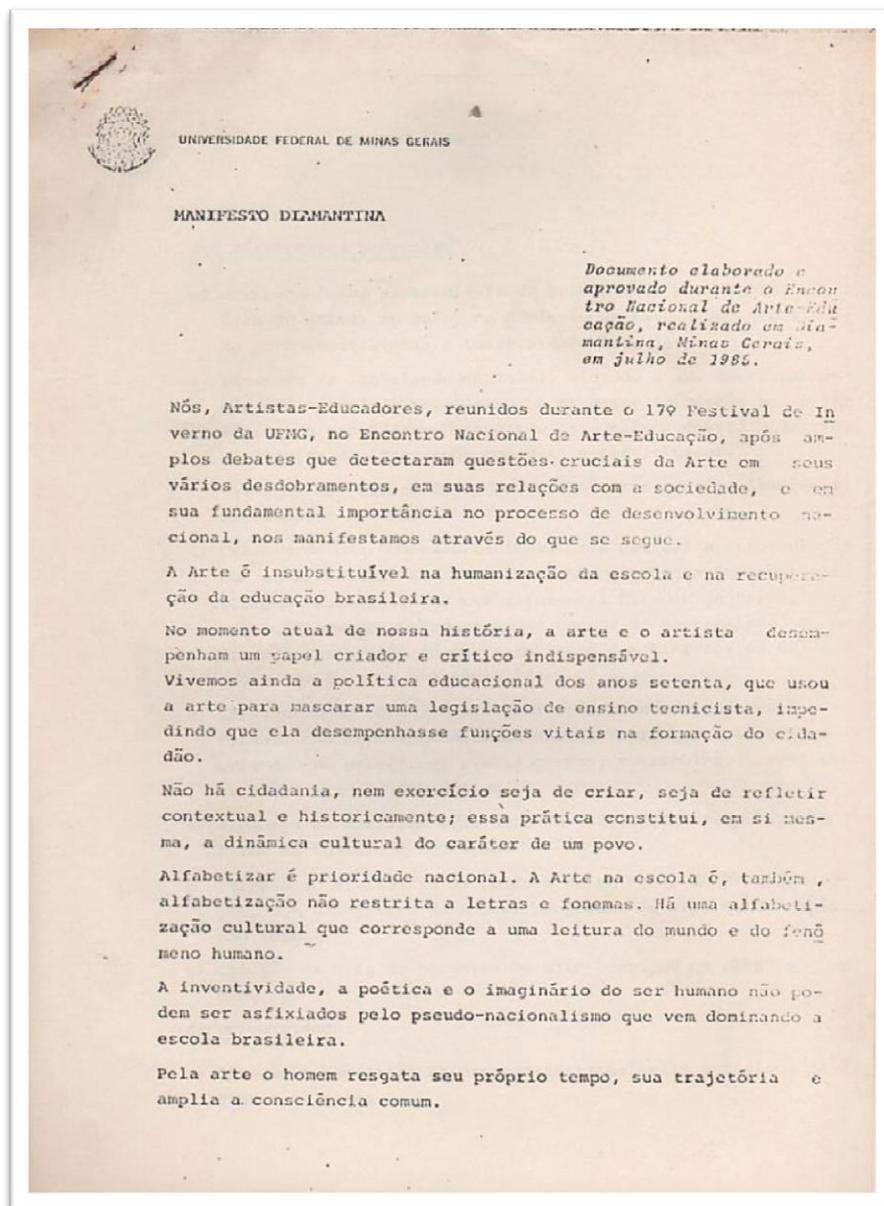


Fig. 08 – Primeira página do Manifesto Diamantina / Julho de 1985. Acervo: Isabel Petry. (Anexo 03)

As reivindicações contidas neste documento eram encaminhadas “às autoridades federais, às universidades, às secretarias estaduais e municipais de educação e aos arte-educadores” em um momento político delicado, popularmente chamado de *Nova República*.

Desde 1984, com a campanha *Diretas-Já*, o Brasil organizava suas bases para a transposição de um regime de ditadura militar para uma nova e frágil democracia. Frágil porque o pleito que elegeu o primeiro presidente civil após o mandato de cinco presidentes militares foi realizado de forma indireta, através de um Colégio Eleitoral formado por deputados e senadores, estes sim, eleitos pelo voto popular.

O presidente Tancredo Neves foi eleito dessa forma, em janeiro de 1985, mas não chegou a assumir a presidência, pois, após longa enfermidade, foi declarado morto em 21 de abril de 1985. Tancredo, que era considerado uma alternativa ao regime militar, acabou sendo substituído pelo seu vice, José Sarney, que era vinculado ao regime anterior. Durante o governo Sarney (de 1985 a 1990) é que foi elaborada a nova constituição federal e encaminhada a primeira eleição direta para presidente pós-ditadura militar, que ocorreria apenas em dezembro de 1989.

Este foi o período em que Alexandre e Susana estiveram à frente da AGA Estadual. De 1986 a 1988. Atravessaram o governo Sarney em meio a exaustivas articulações em torno da “Constituinte 87/88” e do tumultuado processo de redemocratização do país.

Na entrevista de Susana Rangel, ela destaca a importância da FUNARTE e da gaúcha Maria Bonumá para o movimento de arte-educação:

E a Maria (Bonumá) trabalhou... Sempre foi uma pessoa muito além do tempo dela. Eu não sei por que cargas d'água ela foi trabalhar no Rio, na FUNARTE, e ela criou um núcleo de arte-educação na FUNARTE. Então, tinha o Boletim de arte-educação da FUNARTE que era, sei lá, acho que doze páginas, eu não me lembro, que sempre tinha relatos de experiências reflexivas... Ela trazia pessoas, também, artistas pra falar sobre o trabalho... Enfim, ela tinha um pouco de grana lá, então, mediante edital, eu trabalhei num projeto. Eu, o Alexandre e o Elton Manganelli. Era o edital da FUNARTE. Então, a gente sabia desses editais, até para publicação... Ela também era responsável por uma coleção de educação e arte que tinha lá. Não sei se era esse nome, mas, enfim, tinha uma publicação e livros que esse setor dela bancava. E a Maria foi sempre uma voz muito importante, porque ela era do governo, dessa parte cultural, era do Ministério da Cultura, e ela conhecia a realidade daqui e conhecia a realidade de todo Brasil. Então ela foi um ponto de encontro dessas tendências e foi também dando visibilidade aos trabalhos das associações. Sempre que ela vinha a Porto Alegre, a gente fazia questão que ela desse uma fala. Eu acho que ela talvez tenha sido fundadora da AGA, mas isso eu não tenho certeza. Isso aí a Marly eu acho que pode te dizer. Mas a Maria sempre foi muito importante. (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

Maria Bonumá, então Coordenadora de Educação da FUNARTE também foi a coordenadora do II Encontro Nacional de Arte-Educação, igualmente ocorrido durante o Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG.

Ao “Manifesto de Diamantina”, de 1985, seguiu-se a “Carta de São João Del-Rei”, elaborada no ano seguinte, na cidade de São João Del-Rei, MG.

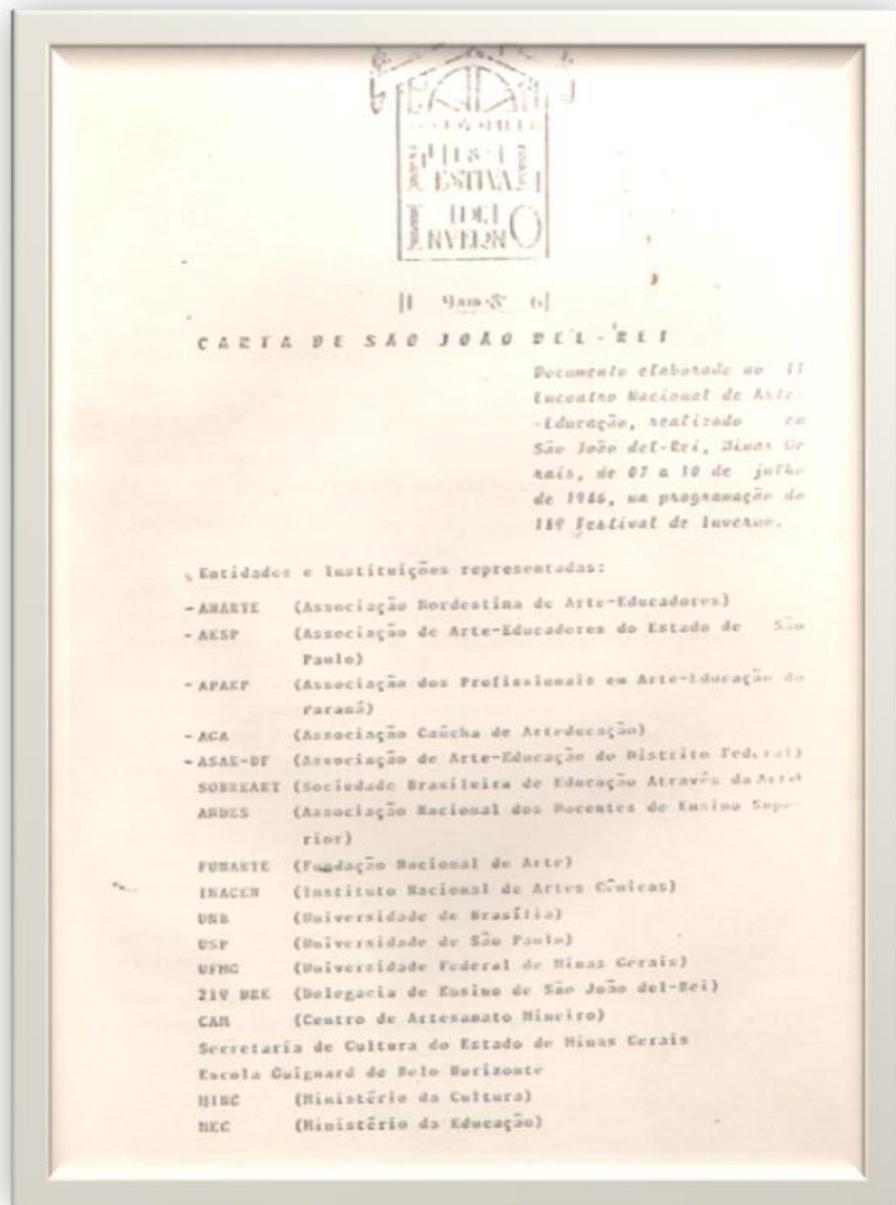


Fig. 09 – Primeira página da Carta de São João Del-Rei / Julho de 1986. Acervo: Isabel Petry.

(Anexo 04)

Na “Carta de São João Del-Rei”, foram indicados cinco nomes para compor a Comissão Nacional de Arte-Educação. Entre estes nomes, estava o de Alexandre Schneiders da Silva, como representante da região sul, ao lado de Fayga Ostrower, presidente da Sociedade Brasileira de Educação pela Arte, SOBREARTE e Ana Mae Barbosa, membro da Associação de Arte Educadores de São Paulo (AESP), representando a região sudeste. Marco Camarotti, presidente da ANARTE, a Associação Nordestina de Arte-Educadores, e representava o norte/nordeste do país e Laís Aderne, membro da Associação de Arte-Educadores do Distrito Federal (ASAE-DF), representou a região centro-oeste.

A Comissão Nacional de Arte-Educação tinha a incumbência de estudar as seguintes questões:

- A formulação de uma política educacional para o ensino das artes;
- O papel da arte dentro do processo de transformação da Educação como um todo;
- O espaço da Arte no processo de ensino e aprendizagem no nível de primeiro, segundo e terceiro graus;
- A reformulação dos currículos de formação dos professores e profissionais de Arte no nível de segundo e terceiro graus;
- A atualização e aperfeiçoamento dos Arte-Educadores em exercício, tendo em vista a especificidade das linguagens artísticas;
- A presença do Arte-Educador e do Artista sem formação acadêmica na área de ensino do primeiro, segundo e terceiro graus;
- A extensão universitária e estágios na área de Artes;
- A ampliação do apoio dos organismos de Cultura e de Educação aos projetos de pesquisas, publicações, experiências em Arte-Educação, tanto no âmbito formal como informal;
- O apoio a Encontros de reflexão e troca de experiências visando a produção de conhecimento na área;
- A relação entre a educação formal e a produção cultural.

As questões debatidas pelo movimento de arte-educação, que se fortalecia a nível nacional, foram causando uma gradativa mudança de foco no movimento aqui do Rio Grande do Sul. Desde sua origem, ligado às escolinhas de arte e à educação não-formal, a AGA do final da década de 1980, se encaminhava em direção à escola formal e aos debates sobre a legislação relativa ao ensino da Arte no primeiro, segundo e terceiro graus (hoje Ensino Básico e Ensino Superior).

Esta mudança se deixa perceber, principalmente, através da troca de endereço das reuniões da “Estadual”, que deixaram de acontecer no CDE e passaram a se realizar no Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul, o CEPERS.

A gente divulgava as reuniões, eram reuniões quinzenais. A gente fazia as reuniões no CEPERS, que era um lugar frequentado por professores, para tentar trazer os professores das escolas. Porque a gente via a miséria que estava o ensino de arte nas escolas e que tinha esse papel da gente... Se a gente falava tanto em deslocar um pouco essa discussão... Porque antes era uma discussão muito das escolinhas, e a gente queria que essa discussão fosse para os professores. É interessante porque essas pessoas, esses professores das escolas que começaram a ir a essas reuniões, até hoje, eles são professores que, a partir daqueles encontros, tiveram um posicionamento diferente. Porque as escolas nunca tinham esse espaço pra conversar sobre a arte. (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

As convergências entre as atividades das associações estaduais ou regionais junto ao Conselho Nacional de Arte-Educação, à SOBREARTE e às ações do Departamento de Educação da FUNARTE desembocaram na necessidade de unificar em um único órgão toda a representatividade do movimento de arte-educação brasileiro (MAEB). A AGA, durante a gestão de Alexandre e Susana participou ativamente da criação da Federação de Arte Educadores do Brasil, a FAEB, como mostra o depoimento a seguir:

E teve um encontro em Salvador... Foi quando a FAEB começou a ser gestada. Aquilo foi, eu acho, que em 84, 85. (...) Mas, enfim, estávamos todos lá e aí foi quando várias associações, muitas delas espelhadas na organização de São Paulo e daqui, a do Rio Grande do Sul, porque a de São Paulo foi a primeira... E eu conheci a Miriam Celeste lá, eu sabia onde eles se encontravam. Um dia, fui lá, bati, sabia o horário... Aí que eu conheci a Ivone Richter. Conheci a Ivone Richter lá em São Paulo, na associação de São Paulo, na AESP. Eu sabia da

existência deles, porque eles tinham um boletim. E esse boletim, eu nem me lembro por intermédio de quem eu fiquei sabendo... E tinha uma outra revista, que a Ana Mae também participava, e dava muitas notícias sobre o trabalho da AESP (...) E aí foi muito engraçado por que eu conheci a Ivone lá e a gente era daqui, né. (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

Novamente a Memória, mãe da História, intercepta a narrativa ao entremear um evento com outro. Teimamos em organizar em forma linear os acontecimentos, mas nem sempre a linha do tempo é a melhor alternativa para delinear um evento histórico.

Muitas vezes, durante a organização deste trabalho, me vi dividida entre o ir e vir em zigue-zague proposto pela narrativa dos entrevistados, ou insistir no curso contínuo da linha do tempo. Nestas ocasiões, optei pela fidelidade aos relatos e aos autores das narrativas, deixando ao leitor a experiência de navegar em suas próprias interpretações.



Fig. 10 – Cabeçalho com o logo do II Simpósio Internacional da História da Arte-Educação, Salvador, 1986. Acervo: Isabel Petry.

E, nesse encontro lá de São Paulo, que foi bem polêmico, e tinha várias associações... (Pergunto: De Salvador?) É, esse, desculpa, esse de Salvador. Nós entendemos que precisava ter essa associação nacional, que na época nem era o nome “federação”. A ideia era que tivesse algo que congregasse todas as associações. Eu me lembro que foi lá no Centro de Eventos de Salvador e tinha muita gente. E a gente precisava de uma máquina de escrever. Não tinha computador, né? Para escrever o que que a gente pensava dessa federação... E, enfim, não encontramos uma máquina de escrever. Então, literalmente, era nas coxas, sabe? Era eu, a Miriam, a Gisa, o Alexandre, a Jovita e o Alexandrino do Carmo, que era de Belo Horizonte, mora em Nova York, lançou um livro naquela coleção da Lucimar, de Arte e não-sei-o-que, arte e arroba... Assim, a gente sentado no chão e escrevendo... Eu me lembro aquela letrinha da Miriam, bem bonitinha, escrevendo o que que seria a FAEB... Foi escrito à mão, depois claro, foi passado a limpo e circulou. (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

Sentados no chão, diversos arte-educadores de todo Brasil escreviam, à mão, o que viria a ser a Federação dos Arte-Educadores do Brasil, a FAEB. O referido documento que depois foi “passado a limpo” e hoje compõe este trabalho, nos conta que a AGA foi a associação que se responsabilizou por centralizar o recebimento das correspondências enviadas por todas as entidades representadas naquele encontro, com o nome do representante oficial de cada uma para compor a Comissão Pró-Federação Nacional de Arte-Educação. Esta comissão tinha como objetivo primeiro “a integração das associações na luta comum pelo fortalecimento e valorização da Arte-Educação no Brasil”.

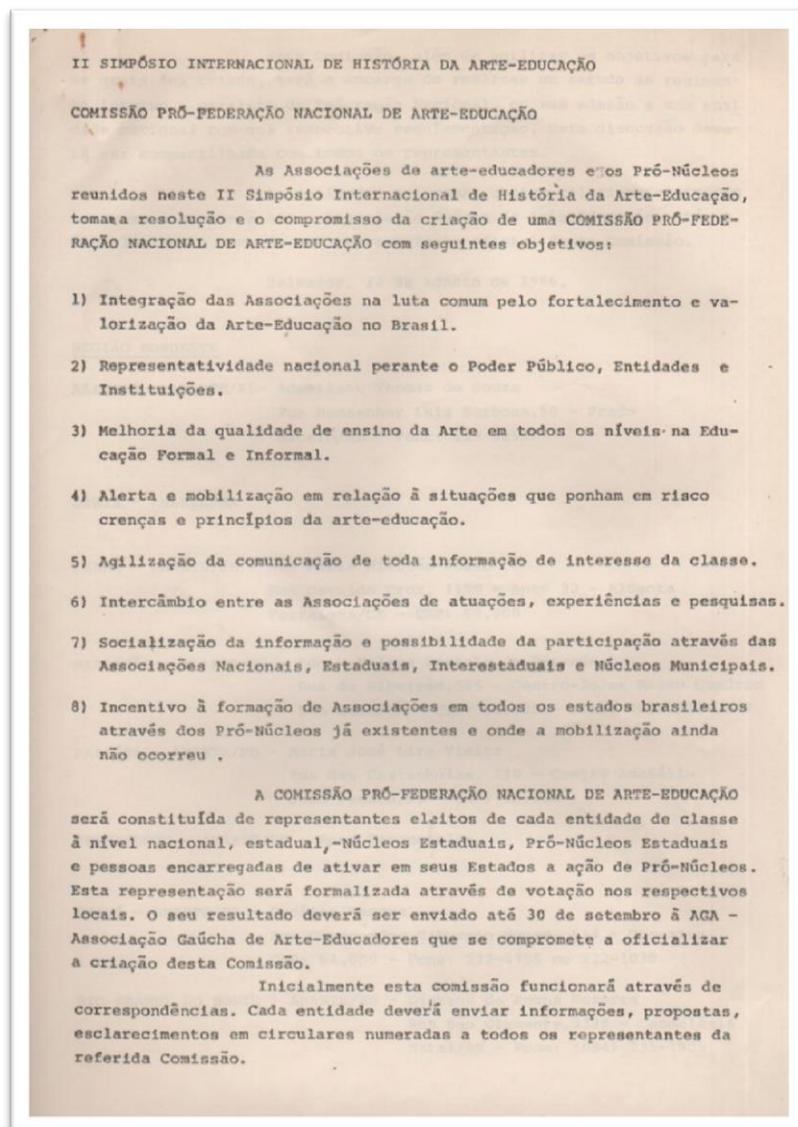


Fig.11 - Criação da Comissão Pró-Federação Nacional de Arte-Educação / Agosto de 1986.
Acervo: Isabel Petry (Anexo 05)

Em um tempo de articulações políticas conturbadas, a atuação da gestão de Alexandre Schneiders demonstrou iniciativa, liderança e coragem ao assumir responsabilidades cada vez maiores, transcendendo os próprios limites da AGA Estadual e atuando também a nível nacional.

Foi na época da abertura política. Então, tinha muito essa coisa de tentar mobilizar os políticos. Era na época da constituinte e dos telegramas... Naquela época eram telegramas, era carta com selo... Enfim, era outro jeito que a gente tinha de se organizar e de trabalhar. Porque era tudo muito mais difícil... A comunicação da gente e tudo... (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

Susana Rangel fala dos detalhes do cotidiano das comunicações em seu depoimento. Ela mostra que as articulações e trocas de correspondência eram realizadas com enorme dificuldade, visto que naquela segunda metade da década de 1980 ainda não havíamos entrado na era da comunicação via rede de computadores.

Fui ao correio. Selei muita coisa, gastei muito cuspe e cola (risos)... Ah, mas era um trabalho do cão. Porque às vezes tu chegavas com tudo, lá no correio, dentro de uma caixa, para mandar, daí a gente assinava à caneta, então não era mais considerado “impresso” e saía o dobro do que a gente pagava como impresso... A gente queria morrer, sabe? Porque xerox era caro naquela época. Então são coisas, eram dificuldades, que eu falei no início, não era só de comunicação, era de custo, era tudo. Então, meu Deus do céu, tudo era custo, hoje com o e-mail tu não gasta nada, não é? Não... E tu perdias um tempo para ir ao correio e despachar um monte de coisas - “Bom, quem é que vai fazer essa correspondência”? - Então, tinha o coitado que era aquele que ia enfrentar o correio. Muitos diziam: “Ah, mas no correio lá da Assis Brasil, o cara é mais legal, sabe”? A gente ia lá, porque o daqui do Pronto Socorro, o cara estava sempre implicando com a nossa correspondência. Então, eram umas coisas assim que, bah, o tempo que a gente tinha que ter... E até pra guardar a ata... Eu lembro que no CEPERS nos deram até um armário. Então, a gente tinha uma caixa da AGA, que eu nem sei que fim levou essa caixa, porque era uma caixa que, dependendo quem estava na coordenação, na presidência, ficava com a tal da caixa. Então, era bem complicado... (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)

Conforme o trabalho da pesquisadora pernambucana Adriana Aquino (2010, p.44), uma das maneiras de organizar a comunicação entre os membros da Comissão Pró-Federação, e que mais tarde serviria de modelo aos grupos de estudo da FAEB, foi a organização do grupo em forma de *mandala*. Em sua pesquisa, consta que neste arranjo “cada pessoa que enviasse uma correspondência, deveria enviar cópias a todas as outras, de maneira que todas estivessem a par das discussões e ideias que fossem surgindo” (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 325).

OUTRAS CONFLUÊNCIAS DESÁGUAM NO NASCIMENTO DA FAEB

Como resultado do trabalho desta comissão, cuja representante gaúcha era a prof^a Ivone Richter, foi criada a FAEB, em 18 de setembro de 1987, durante o 1º Festival Latino-Americano de Arte e Cultura (FLAAC), em Brasília. Neste ano, segundo Adriana Aquino, havia quatorze associações de arte-educadores em todo o Brasil. A AGA se fez presente na diretoria através de sua representante na comissão pró-federação: Ivone Richter assumiu como a primeira vice-presidente da história da FAEB.



Fig.12 – Foto da delegação da UFPel no 1ºFLAAC, Brasília, 1987. Acervo pessoal.



3ºMERGULHO- O tempo escorre entre as águas e me encontro no ano de 1987, no então Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística, na UFPel, universidade federal da vizinha cidade de Pelotas, a cerca de 100km de minha cidade. O ambiente universitário fervilhava com a possibilidade das primeiras eleições diretas para presidente, que só viria a acontecer em 1989. No entanto, o movimento “Diretas Já” mobilizava o Brasil inteiro desde 1984. Vinda desde as últimas plagas do Rio Grande do Sul, a perspectiva de fazer parte de um movimento a nível nacional me trazia um entusiasmo que só era compatível com minha própria condição de estudante universitária. Os estudantes de artes eram coloridos, barulhentos, alegres e criativos. Um dia entraram na sala onde nós, calouros, estudávamos, declarando estarem ali com o propósito de arregimentar interessados em participar do 1º Festival Latino-Americano de Arte e Cultura, o FLAAC, que aconteceria em setembro, no Distrito Federal, Brasília. Era a chance de conhecer a capital do Brasil e de me aproximar dos veteranos de calças matizadas. Mal sabia que participaria de um importante episódio do movimento nacional de arte-educação, pois durante o FLAAC foi criada a Federação dos Arte-Educadores do Brasil, a FAEB, e eu, que já estava ligada à AGA, voltei fortalecida com essa identidade.



Ainda em 1987, foi inaugurado um grande evento em torno do movimento de arte-educação no Rio Grande do Sul, os Seminários Nacionais de Arte-Educação da FUNDARTE, que anualmente reuniam grandes nomes da arte-educação do Brasil e do mundo em uma cidade do interior do estado chamada Montenegro. Os Seminários de Montenegro ainda existem, apesar de hoje ocorrerem a cada dois anos. Neste ano de 2014 acontecerá sua 24ª edição.

A gestão de Alexandre Schneiders da Silva termina em 1988, ano em que aconteceu em Porto Alegre o 1º ENEARTE (Encontro Nacional de Estudantes de Arte). Alberto Coelho, na época estudante, recorda ter participado deste evento em um comentário onde respondia se havia conhecido Alexandre:

(Pergunto: Tu conhecestes o Alexandre?) *É, rapidinho. Num encontro só, eu vi ele. Mas acho que foi no ENEARTE, em Porto Alegre, acho que eu vi.* (Comento: o ENEARTE. Não tinha aparecido ainda.) *É, encontro nacional dos estudantes de arte... foi em Porto Alegre.* (Em que ano, tu lembra?) *Uh... 87, 88... Eu tenho aí um selo... Eu tenho um adesivo numa agenda.* (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

Alberto não encontrou a agenda com a imagem que testemunharia aqui este evento tão importante, do qual a única referência que encontrei foi um vídeo gravado na ocasião e disponível no *youtube*¹⁰.

Embora o 1º ENEARTE não tenha sido organizado especificamente pela AGA, este encontro simboliza o quão forte se configurava o movimento de arte-educação no Rio Grande do Sul naquele final da década de 80, período em que Alexandre Schneiders se despedia da presidência da associação, vindo a morrer pouco tempo depois.

A força do encontro dos jovens estudantes de arte representa aqui o final de um ciclo e o início de outro. Como a própria vida, o movimento de arte-educação gaúcho, após a brilhante trajetória de Alexandre, continuaria rejuvenescendo, declinando e tornando a nascer.

Ainda em 1988, em meu segundo ano no curso de Licenciatura em Educação Artística da UFPel, ingressei na diretoria da AGA núcleo Pelotas, ao lado de minha mãe e de outro exemplo de arte-educadora que foi a professora Myriam Anselmo, da UFPel.

¹⁰ www.youtube.com/watch?v=0ma8sz7OwvI

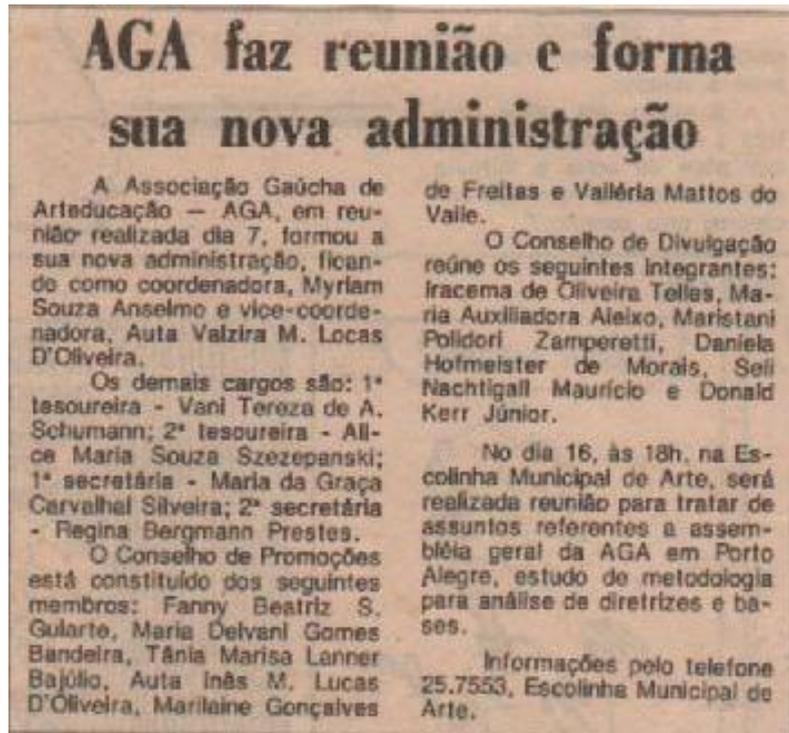


Fig.13 – Jornal Diário Popular – Pelotas, 11/06/1988. Acervo: Myriam Anselmo.

Daquela diretoria municipal da AGA, também participaram diversos colegas de faculdade que estiveram comigo no 1º FLAAC. Alguns são meus amigos até hoje, como é o caso de Marilaine Gonçalves de Freitas, Valléria de Mattos Valle e Donald Kerr Júnior (Goy).

3º Porto: CLEUSA PERALTA
(AGA-Rio Grande e Presidente da AGA-Estadual)

Período na direção da AGA: De 1986 a 1988.

Entrevista via Ayrton Corrêa, 2009.

Relato em parecer elaborado em 2013.



Figura 14 – Cleusa Peralta. Acervo pessoal.

“O que me lembro da AGA é de brigar para não tirar a arte da escola, fazer bonito nos congressos da Federação, de levar trabalho, produção de conteúdos reivindicatórios, levar estratégias”.

Cleusa Peralta inicia sua militância na AGA a partir do 1º FLAAC, praticamente ao mesmo tempo em que começa sua carreira como professora universitária na FURG (Fundação Universidade de Rio Grande).

Fui efetivada na FURG em 1986, em 1987 já foi o FLAAC, onde se propôs a formação da FAEB. Fomos para o evento com um alegre bando de professores de Rio Grande. A partir daí iniciou o nosso contato com a Ivone, a Mirian, a Marly. (...) Em 1989, em plena efervescência, acontece o II FLAAC e eu entro na presidência da AGA em 1988. Tentamos estruturar o núcleo Rio Grande, pois havia de ser feito em todo o Brasil para fortalecer as Associações em torno da recém criada Federação. (CORRÊA, 2009)

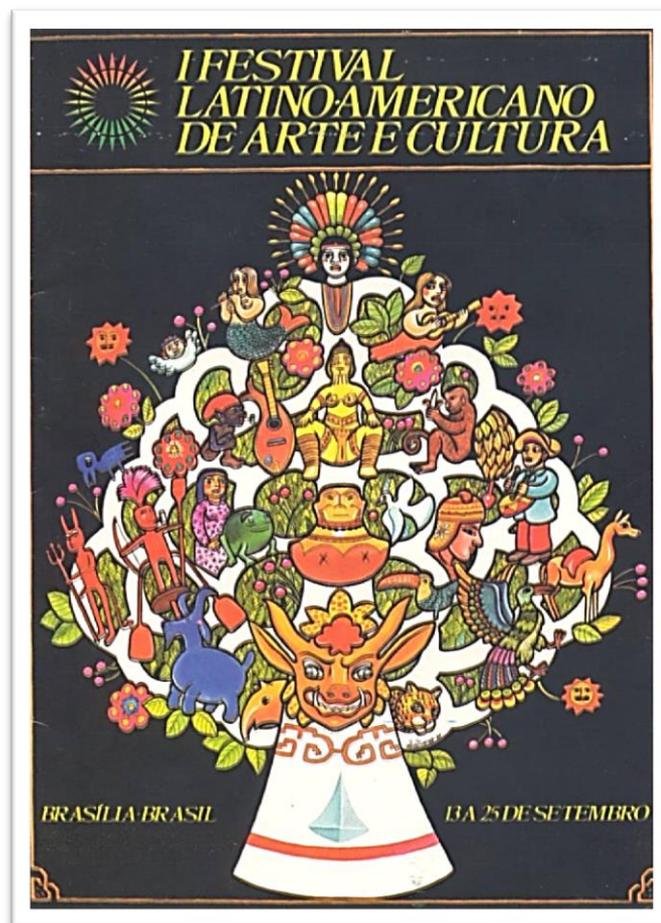


Fig.15 – Cartaz do 1º FLAAC – Brasília / 1987. Acervo: Ivone Richter.

Um ano após a criação da FAEB, em 1988, a professora da FURG, Cleusa Peralta, assume a presidência da AGA, levando a “Estadual” de volta para o interior do Rio Grande do Sul. Neste ano, a nova constituição brasileira seria promulgada e iniciaria

uma nova fase de mobilizações dos arte-educadores, desta vez mais direcionada à elaboração da LDB.

A Arte na escola passava a ocupar um maior espaço na pauta de discussões da época, o que aprofundou ainda mais a oposição com os representantes da *escolinha*, conforme as palavras de Cleusa Peralta (2013):

Minha eleição como presidente da AGA estadual teve votos 'contados' contra a candidatura de uma professora da Escolinha. A chapa que vencesse a eleição iria definir os rumos do movimento, a favor ou contra a arte na escola. Apesar de haver vencido aquela eleição, durante todo o mandato enfrentei uma forte oposição do movimento das escolinhas, especialmente forte em Santa Catarina, inicialmente apoiada pela SOBREARTE, o que indicava, inclusive, a presença de tendências opostas em nível nacional. (PERALTA, 2013)

A organização do núcleo de Rio Grande, a partir de 1988, pode ser acompanhada através das publicações do núcleo, como os dois números do informativo “*papagaio*” abaixo. Na gestão de Cleusa Peralta aumenta a profusão de boletins da AGA confeccionados artesanalmente. A seguir, analisaremos brevemente o conteúdo de dois exemplares destes boletins mimeografados do núcleo da AGA-Rio Grande.

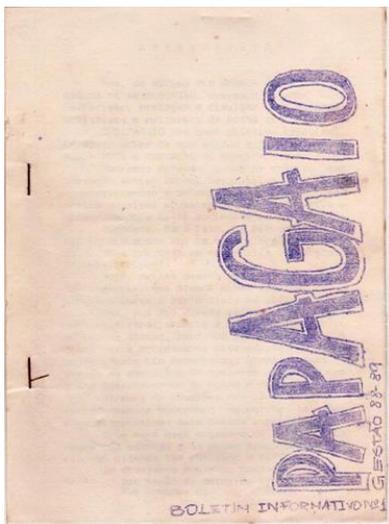


Fig.16 - Boletim AGA-R.Gde. nº01/1988



Fig.17 - Boletim AGA-R.Gde. nº02/1988

Conforme o primeiro número do “*papAGAio*”, o núcleo de Rio Grande era formado por um pequeno número de pessoas, dentre as quais, algumas logo foram compor a “Regional”, por isso tentavam ampliar o número de sócios do núcleo, que se

propunha a “ajudar a incentivar, proteger e divulgar os eventos artísticos e culturais de nossa cidade”.

O objetivo do boletim era “informar sobre os movimentos e também textos sobre arte e educação de maneira ampla (...) para que possamos nos aproximar de todos os que trabalham com arte-educação”.

Nestes termos a AGA-Rio Grande era apresentada, como um núcleo municipal que acumulava a função de municipal, regional e estadual ao mesmo tempo. Cleusa Peralta comenta sobre isso na entrevista que concedeu a Ayrton Corrêa:

Acabo conhecendo a Marly que tinha fundado a AGA e nos aproximamos até por ser vizinhos, Bagé e Rio Grande, passamos a dialogar. Logo, como Rio Grande é muito exibido, sempre tem muita gente trabalhando, não conseguimos tocar o núcleo na cidade, pois fomos assumindo a estadual. (CORRÊA, 2009)

O segundo número do “papAGAio” demonstra um tom menos local e mais afinado com a militância nacional, “sob a ameaça de que a Educação Artística não faça mais parte dos currículos escolares”. Traz informações do Seminário de Montenegro, quando representantes da AGA participaram de uma reflexão junto à então presidente da FAEB, Laís Aderne. O boletim divulga também a elaboração da *Carta de Rio Grande*, documento redigido em 07 de setembro de 1988 e que se somaria ao *Manifesto Diamantina* e à *Carta de São João Del-Rei* no rol de documentos que dariam suporte às negociações políticas que fizeram parte de todo o processo de elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases. “Precisamos estar atentos e manifestarmos nossa opinião no momento em que se elabora uma lei tão importante no traçado dos rumos da educação” (Trecho do boletim papAGAio nº02/1988).

Dentre todos os boletins da “era pré-word”, o que mais me chamou a atenção durante o recolhimento de dados para esta pesquisa, foi o que se segue, datilografado em vermelho, porque o vermelho ficaria mais nítido nas cópias xerografadas.



Fig.19 - Cartaz da I Semana de Arteeducação de Rio Grande, 1988. Acervo: Myriam Anselmo.

Este evento contou com a presença de Laís Aderne, presidente da FAEB e Mírian Celeste Martins, representante da AESP, em uma mesa sobre “O papel das associações de arteducadores frente a atual política educacional”. Um ano depois da criação da FAEB, Laís Aderne e Mírian Celeste peregrinavam pelo Brasil para fortalecer a federação através do apoio das associações.

No II Seminário Nacional de Arte-Educação de Montenegro, em 1988, foi redigida a “Documenta Rio-Grandense”, mais um documento de motivação política que incluiu os eventos de Montenegro na rota nacional das mobilizações em torno da defesa da arte-educação. Isabel Petry salienta a importância do espaço dos seminários na história da AGA:

Aconteceu muitas coisas aqui por conta do Seminário. Esse pessoal vinha pra cá e ficava aquela semana aqui, tinham muitas articulações. Eu tenho, inclusive, documentos assim, que a gente fazia moções e etc etc. e esse pessoal vinha pra cá e transitava aqui. Marcos Pereira, Luciana, ficavam tudo aí. A, a Peralta também, ficavam tudo por aqui. E como vinham esses professores de São Paulo e do Rio que era a Laís Aderne, a Ana Mae Barbosa, e etc etc. (Entrevista Isabel Petry, 03/04/2013)

O próximo documento apresentado (figura 20) mostra a primeira página da Documenta Rio-Grandense, que propunha:

- 1) Fortalecer os núcleos das associações estaduais de arte-educadores, efetivando sua integração e resguardando a representatividade da Federação dos Arte-Educadores do Brasil – FAEB – como instância máxima do movimento, apoiados, ainda, por outras instituições que congregam professores e artistas como a SOBREARTE e o CEPERGS;
- 2) Que as lideranças da área legitimadas pelo movimento estendam sua abrangência para que os princípios já consagrados pela luta que vem sendo empreendida, desde o Manifesto de Diamantina, sejam imediatamente consolidados em dispositivo legal;
- 3) Concretização, pelo Movimento de Arte-Educadores, de uma ação integradora da realidade latino-americana, celebrada através do projeto de pesquisa conjunta, proposta pela FAEB, com o título “Como o Jovem e a Criança da América Latina vêem [sic] o seu Meio”, cujas conclusões deverão ser publicadas e apresentadas no II FLAAC, em Brasília;
- 4) Incluir a Arte no elenco das matérias básicas em todos os níveis de ensino, da Pré-Escola ao 3º Grau, na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

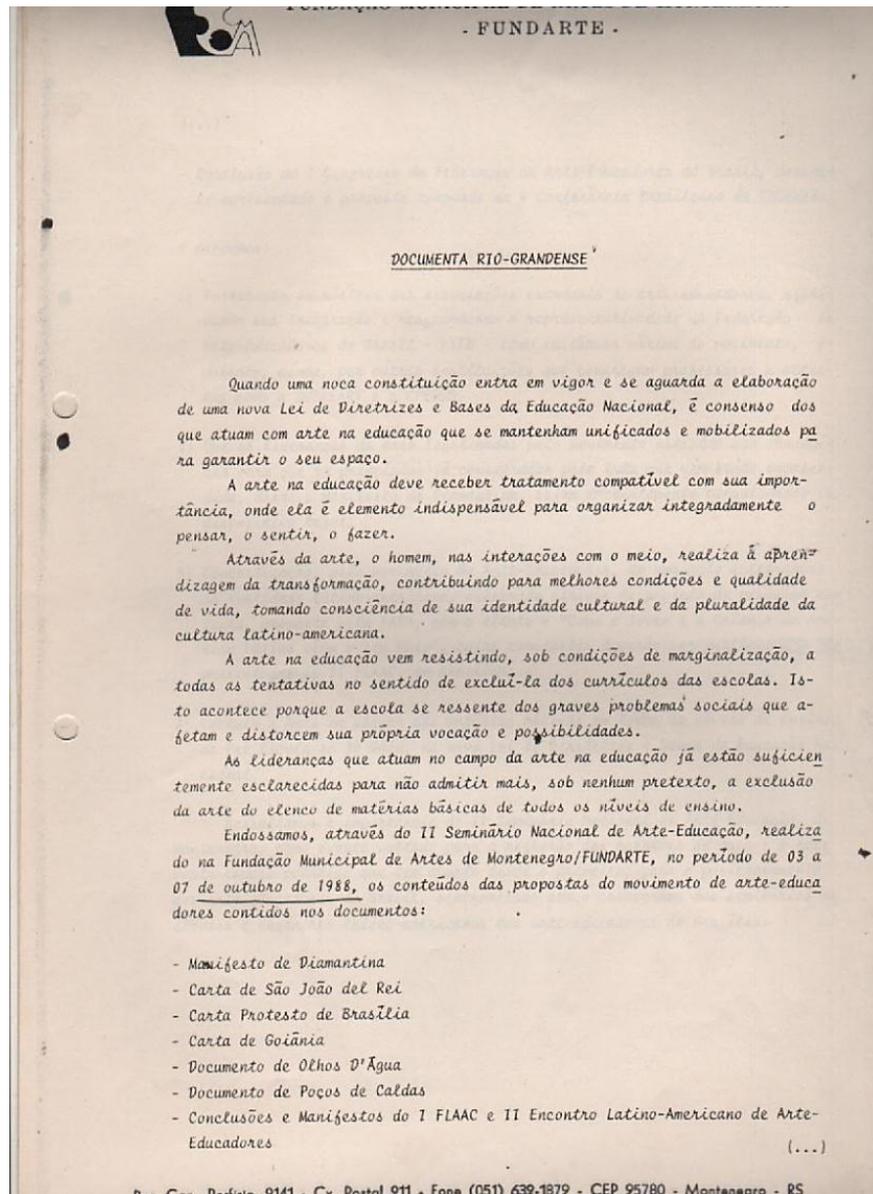


Fig.20 – Documenta Rio-Grandense, 1988. Acervo: Marly Meira. (Anexo 06)

No depoimento de Cleusa Peralta a Ayrton Corrêa, temos uma ideia do quanto o contexto nacional de abertura política influenciava os rumos do movimento de arte-educação gaúcho que estava alinhado à grande mobilização nacional:

Em 1988, ano da Constituinte, que foi redigido o famoso artigo 35, nós fazíamos toda uma campanha através de telegramas para o pessoal em Brasília, para a Bancada Gaúcha, todo um trabalho que eu nunca imaginei na vida; que era de conhecer o Salão Azul do Congresso, ir lá para ver a Ana Mae falar era uma coisa muito linda. (CORRÊA, 2009)

Curiosamente, embora a grande influência política que sempre exerceu (e ainda exerce) no movimento de arte-educação no Brasil e apesar da quantidade de livros publicados sobre o assunto, a professora da USP (Universidade de São Paulo), Ana Mae Barbosa, nunca ocupou o cargo de presidente da FAEB. Fato tão curioso quanto a professora da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), Ivone Richter, jamais ter sido presidente da AGA.

A campanha através de telegramas a que Cleusa se refere, foi repetida várias vezes e ficou conhecida como “telegramaços”. As associações concordavam um texto e enviavam uma “chuva de telegramas” a um mesmo endereço, geralmente a um gabinete da bancada estadual de deputados em Brasília, ou a um secretário ou ministro de educação.

No Boletim da FAEB – Ano II - Nº05, de junho de 1989, encontramos uma alusão a esta prática, no seguinte texto: “a FAEB agradece a grande quantidade de telegramas de apoio que recebeu de inúmeras entidades e de arte-educadores de todo o Brasil. O Rio Grande do Sul mostrou sua grande articulação”.

Na época, os telegramas eram entregues via correio tradicional e podiam ser remetidos desde uma agência de correios ou ditados por telefone e pagos na fatura da conta telefônica. Abaixo, reproduzimos um trecho do boletim da AGA nº04/1989 conclamando para uma campanha de telegramas com o seguinte texto:

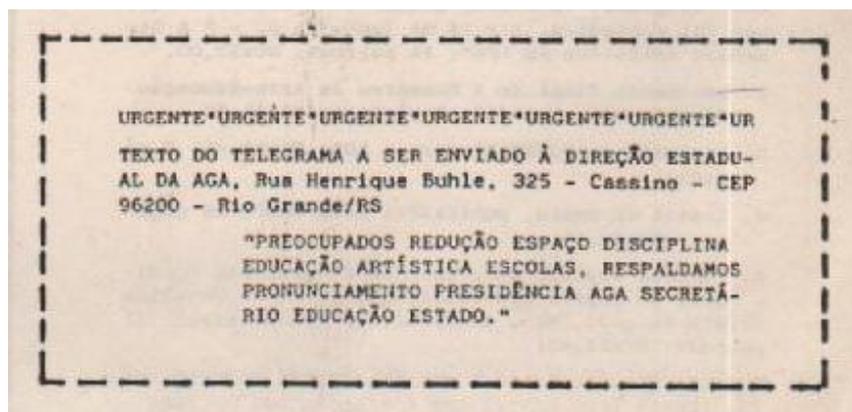


Fig.21 – Trecho do Boletim da AGA Nº04/1989. Acervo: Isabel Petry.

Constato que até hoje esta prática se mantém na rede de computadores, através de correntes de petições eletrônicas que substituíram os *telegramaços*. A proposta e a dinâmica reivindicatória continuam as mesmas, embora os instrumentos sejam outros.

Em 1989, a queda do muro de Berlim é vista como um símbolo de que o mundo não estava mais dividido entre dois polos (socialistas e capitalistas). O capitalismo parecia não ter mais fronteiras e a globalização avançava sob a bandeira do neoliberalismo. No Brasil, a fragilidade da redemocratização mostrou-se novamente quando, na primeira eleição direta pós-ditadura militar, tendo sido eleito presidente pelo voto popular o alagoano Fernando Collor de Mello, o mesmo foi afastado dois anos depois, em meio a denúncias de corrupção, em um processo de *impeachment* que mais uma vez encaminhou um “vice”, Itamar Franco, ao mais alto posto do país.

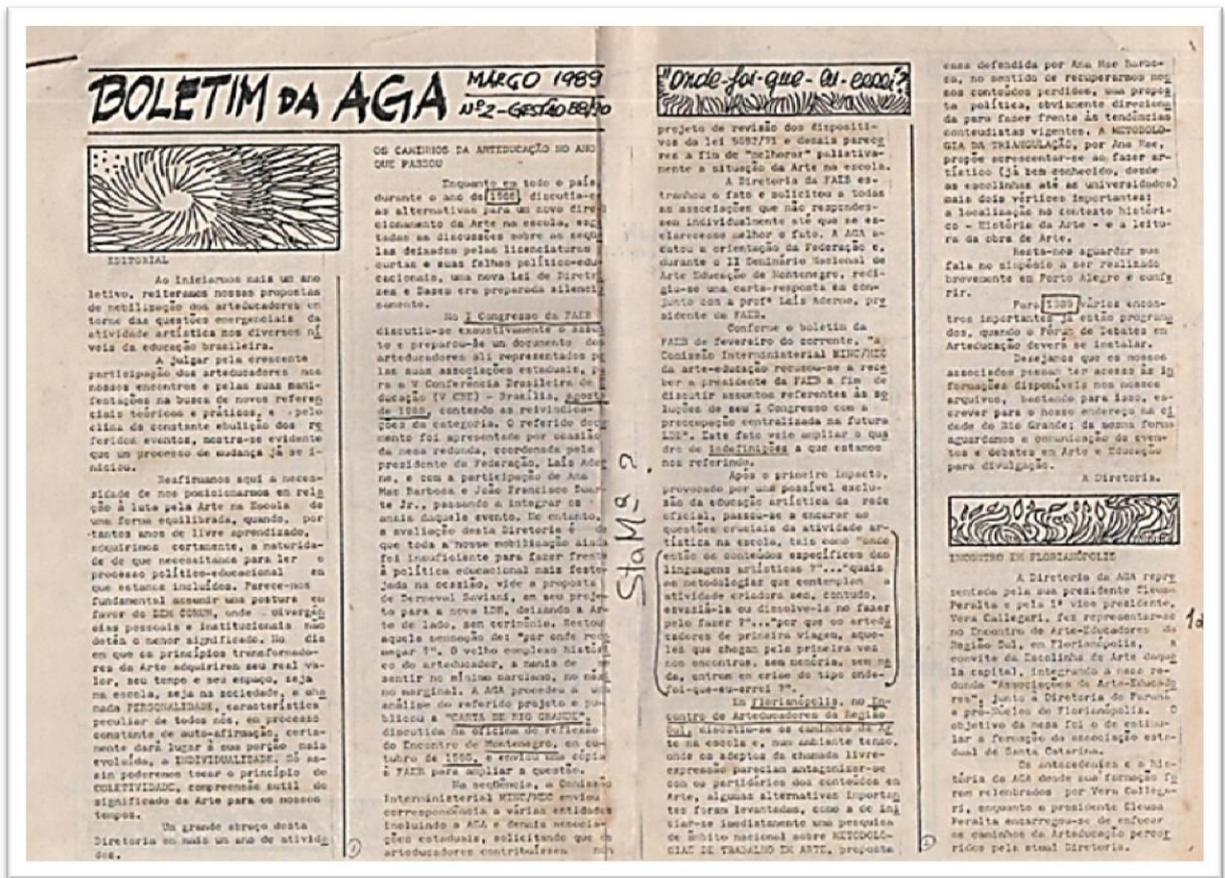


Fig.22 – Boletim da AGA (março de 1989). Acervo: Myriam Anselmo. (Anexo 07)

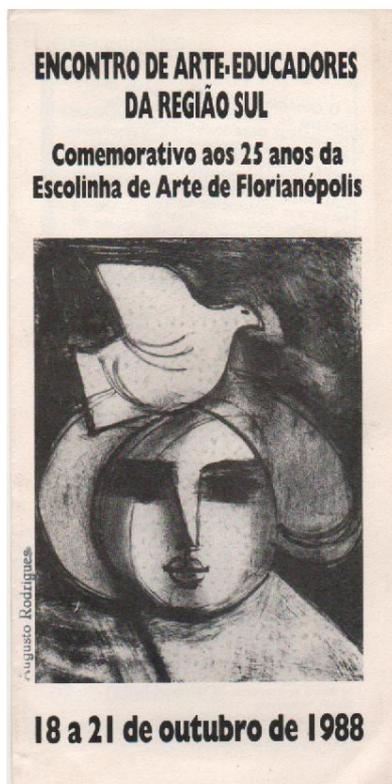
Encontramos neste boletim da AGA, o reflexo daquele ambiente político tumultuado em que se encontrava o país. O editorial fazia um balanço do ano que passara, esclarecendo que um “processo de mudança já se iniciara”.

Conforme este boletim, no Encontro de Arte-Educadores da Região Sul, que ocorrera em Florianópolis, em 1988, “discutiu-se os caminhos da Arte na escola num ambiente tenso [onde] os adeptos da chamada *livre-expressão* pareciam antagonizar-se

com os partidários dos conteúdos em Arte”. Era o auge das discussões sobre a metodologia triangular que, conforme trecho deste boletim, foi “defendida por Ana Mae Barbosa, no sentido de recuperarmos nossos conteúdos perdidos”.

O Projeto Arte na Escola, vinculado à empresa Iochpe, dava seus primeiros passos e se aproximava das lideranças do movimento de arte-educação. Com este projeto surgiu a próxima presidente da AGA, Maria Benites, mentora intelectual do *Arte na Escola* e secretária pessoal de Evelyn Iochpe. Podemos conferir a atmosfera do movimento de arte-educação da época no seguinte depoimento de Susana Rangel:

Teve um congresso em Florianópolis, que a Maria (Benites) também foi para conhecer gente e ela ficou muito com a gente lá. Nesse encontro teve uma briga histórica da Ana Mae com a... aquela, da música, a... não é Valéria... (P. Cecília Conde?) Cecília Conde. Teve uma briga histórica na mesa... A Ana Mae dizendo horrores para a coitada da Cecília Conde, porque a Cecília representava “o velho”, digamos, a concepção de ensino de arte, da Música, que a Ana Mae discordava. (Entrevista Susana Rangel, 04/04/2013)



Tal como se desenhava no final da gestão anterior, “o velho”, representado pelas práticas das escolinhas de arte e pela livre-expressão, perdia espaço para “o novo” ensino da arte, com forte tendência conteudista. Quanto a mim, que me formava naquele período, presenciei a discussão relatada no depoimento acima, o que, hoje, compreendo como um momento “divisor de águas” na minha posterior conduta como arte-educadora e como pessoa.

Fig. 23 – Programa do Encontro de Arte-Educadores da Região Sul. 1988. Acervo pessoal.



4º MERGULHO - Florianópolis. Acompanhada de um grande número de colegas da UFPel e da AGA-Pelotas estive no Encontro de Arte-Educadores da Região Sul. Lembro que acampamos na Lagoa da Conceição e, com a chuva, o camping onde estávamos alagou, nos deixando flagelados. Minha mãe, que havia ficado hospedada na casa de parentes, convenceu um primo dela a abrigar nossa delegação de estudantes nas dependências da gráfica onde ele era proprietário. Até hoje lembro do cheiro de tinta que acompanhou aquele evento. Igualmente memorável foi a oficina de Musicalização que fiz na ocasião, ministrada pela professora Cecília Conde, a mesma que depois protagonizou a cena descrita por Susana Rangel. Aquela discussão foi suficiente para que eu antipatizasse desde o início com a proposta conteudista defendida pela “nova metodologia triangular” emergente no movimento de arte-educação. Nos turbulentos anos 80 e 90, a AGA era uma grande e combativa família. Durante todo o curso universitário tive uma formação paralela, entre as aulas com os professores, os projetos de extensão, o movimento dos arte-educadores e o movimento estudantil. Aprendi a negociar com a reitoria, a me posicionar nas assembleias, a panfletar, promover festas para arrecadar dinheiro e, o que hoje me parece o mais importante, a trabalhar coletivamente. Concluí o curso universitário em 1990 e o que concluo hoje, refletindo sobre essa formação, é que a Arte, mais que uma profissão, consistia numa postura ética, estética e política. A Arte-Educação estava além das salas de aula, coloria as praças, embalava passeatas e manifestações populares. Por isso, penso em Arte, Educação e Cultura caminhando juntas. Agrego a isto a experiência estética de fundamento social, aquela que concebe que “a arte, que foi num dado momento, o luxo de alguns, torne-se uma espécie de pão cotidiano” (MAFFESOLI, 1996, p.116). Este é para mim o sentido para o qual dirijo meu trabalho e minha existência: o gozo estético compartilhado na vida cotidiana, prazer que se torna cultura.



Em junho de 1989, os gaúchos da AGA estiveram em Brasília para assistir a então presidente da FAEB, Laís Aderne fazer um pronunciamento na Comissão de Educação, Cultura e desportos do Congresso Nacional, em Brasília, respaldada por uma “chuva de telegramas” enviados por arte-educadores e apoiadores do movimento de arte-educação de todo o Brasil. O pronunciamento gerou um documento intitulado “*A dimensão artística na LDB*”. No mesmo ano, a presidente da AGA, Cleusa Peralta, tomou uma atitude semelhante, respaldada por telegramas, em audiência com o então secretário estadual de educação, Ruy Carlos Ostermann. Sobre esta experiência, Cleusa relata:

Nessa época, várias vezes entrávamos numa fria quando tínhamos que blefar, dizendo que a AGA era uma grande Associação, mas era um aqui e outro lá, e pegávamos um monte de assinaturas para poder chegar ao secretário. Lembro que para o Ostermann foi um grande blefe: “A Associação se opõe à exclusão da arte, etc”... E ele prontamente mandou anotar, e nós blefando bonito, tirávamos decisões em assembleias e saíamos correndo. Graças a esse blefe não houve a remoção da arte da grade escolar naquela época. Mas era meia dúzia de gatos pingados, aqui e ali; a Marly, nós, a Ivone... o pessoal de Santa Maria sempre muito forte. E nós pegamos as piores crises quando o parecer dos secretários de educação resolveu tirar a arte do currículo. Lembro de ter participado de audiência pública, na época do Ostermann, Secretário de Educação, em Porto Alegre e da briga que nós tivemos que fazer para que a arte não saísse do currículo, quando São Paulo tirou e grandes estados ficaram sem arte na grade escolar. (PERALTA, 2013)

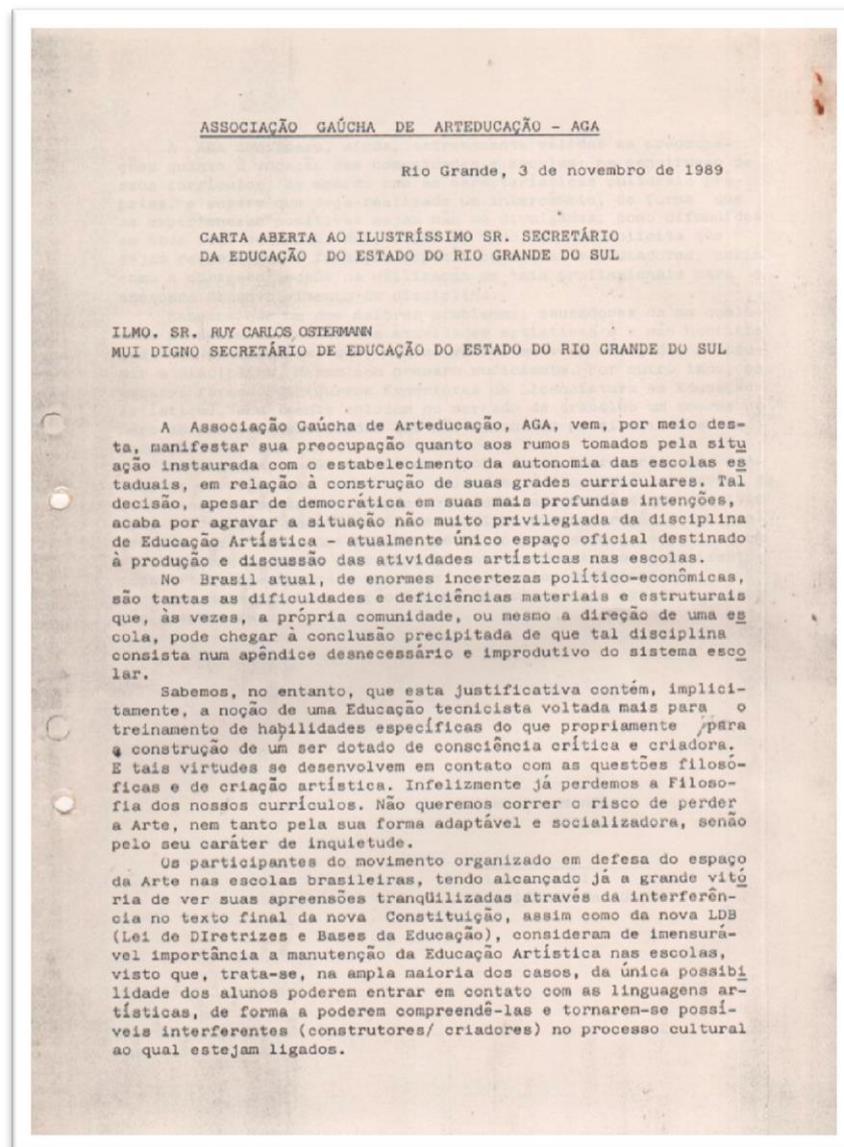


Fig.24 - Carta Aberta ao secretário Ostermann - Novembro de 1989. Acervo: Cleusa Peralta. (Anexo 08)

Em tom de despedida, o último boletim da gestão 88/90 (abaixo) justifica seu “sumiço” por “falta de infra” para manter uma rede de informações. Mais adiante, a diretoria esclarece que “nossa ação tem acontecido direto com a FAEB” e adianta que “uma nova equipe deverá assumir o espaço da militância na linha de frente da AGA”.

Em 1990, os gaúchos estavam assumindo a FAEB junto com Ivone Richter e passariam a ocupar outros postos, agora a nível nacional. Abaixo, o último boletim desta gestão:

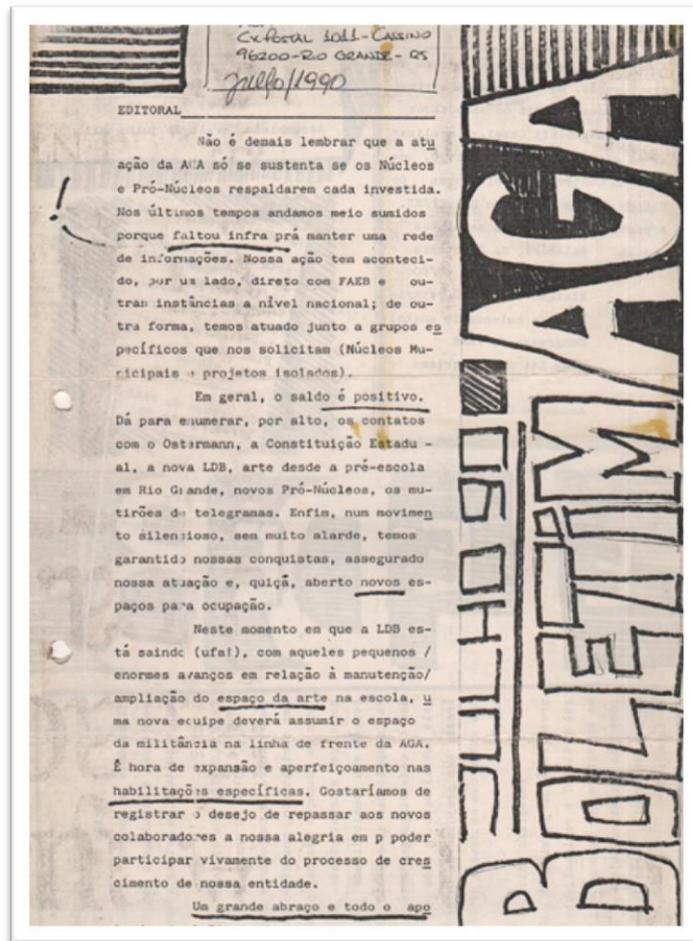


Fig.25 – Boletim da AGA – Julho de 1990. Acervo: Cleusa Peralta. (Anexo 09)

A “falta de infra”, parece se referir a uma infraestrutura estável financeiramente. Desde 1989, a AGA acompanhava a criação do Projeto Arte na Escola, que nasceu em Porto Alegre, financiado pela Fundação Iochpe. Este projeto ministrava cursos e fazia reuniões de formação com os professores de arte com vistas à utilização de novas tecnologias em sala de aula, especialmente o vídeo.

A mentora intelectual do Arte na Escola, Maria Benites, que seria a próxima presidente da AGA, aproximou-se do movimento dos arte-educadores gaúchos e, com o apoio da prefeitura municipal de Porto Alegre, do governo do estado do Rio Grande do Sul, das universidades de São Paulo, USP e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, mais a chancela de uma empresa de porte internacional, dispunha de uma “infra” incomparável à que a AGA tinha tido até então.

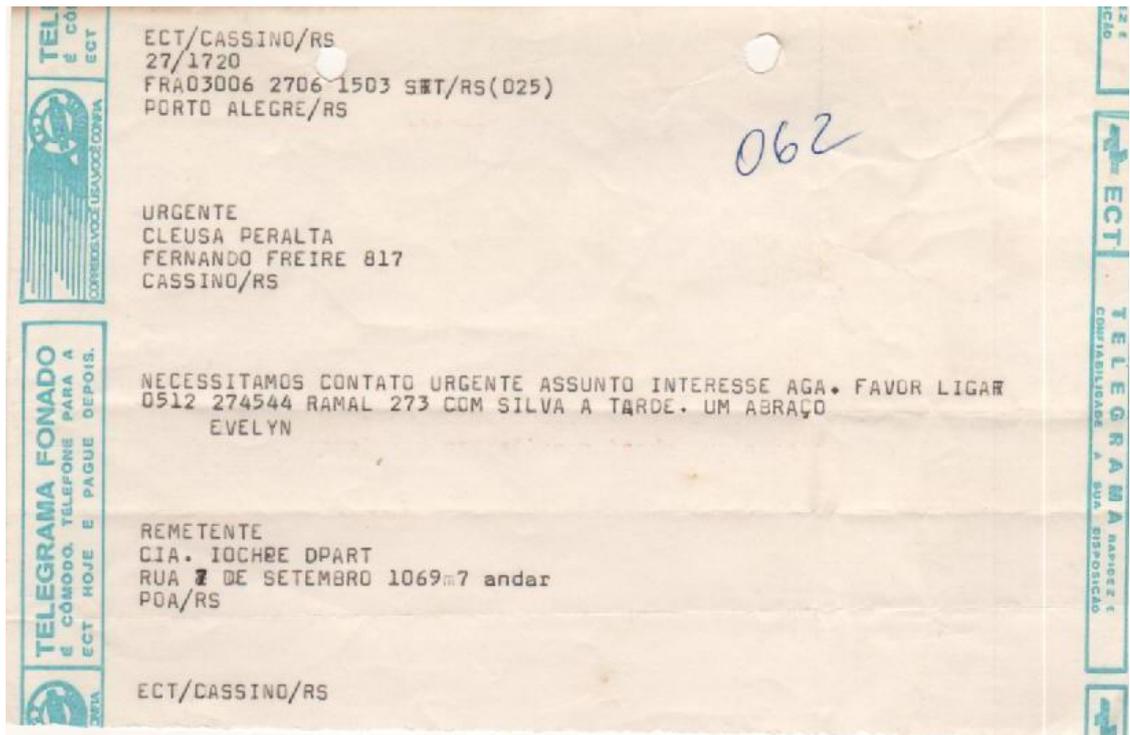


Fig.26 – Telegrama sobre “assunto interesse AGA” (sem data). Acervo: Cleusa Peralta.

A primeira gestão de Cleusa Peralta termina sob o assédio do Projeto Arte na Escola, como podemos conferir no telegrama acima, de Evelyn Iochpe à direção da AGA.

O movimento de arte-educação gaúcho se destacava nacionalmente e inspirava ações regionais de vulto como o Projeto Arte na Escola/Iochpe, que mais tarde viria a se transformar no Instituto Arte na Escola.

Neste cenário, durante o III Congresso da FAEB realizado em São Paulo, no ano de 1990, a gaúcha Ivone Richter assume a presidência da federação, contando com o apoio dos integrantes da AGA-Estadual que compuseram com ela a diretoria nacional. A seguir uma foto do dia em que os gaúchos assumiram pela primeira vez a presidência da FAEB, no congresso de São Paulo:



Fig.27 – Grupo da AGA no 3º Congresso da FAEB em São Paulo, 1990. Acervo: Cleusa Peralta.

Ao centro da foto, vê-se Ivone Richter, recém empossada presidente da FAEB, rodeada pela terceira diretoria da AGA. Com os gaúchos no comando da FAEB, começam as articulações para trazer o CONFAEB¹¹ para Porto Alegre no ano seguinte, já com a AGA sob a direção da quarta presidente, Maria Benites.

¹¹ Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil, evento que ocorre anualmente desde 1988 (AQUINO, 2010, p.45).

**4º Porto: MARIA BENITES
(Presidente da AGA Estadual)**

Período na direção da AGA: de 1991 a 1993

*Entrevista concedida via internet, em três sessões, nos dias
11, 13 e 21/01/2014.*

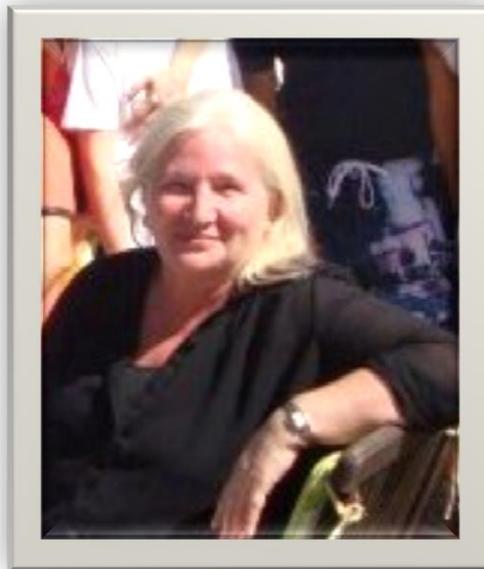


Fig.28 – Maria Benites. Acervo pessoal.

“Para mim a arte-educação, que eu não gosto de chamar assim, porque acho que a arte não tem que servir para nada a não ser para ser Arte com maiúscula, foi a possibilidade, na época, de chegar a todos os cantos da sociedade, porque a educação com a sua capilaridade permite alcançar a todos, sobretudo quando ainda se está descobrindo o mundo, quer dizer na escola”.

Eu fui convidada a ser presidente porque já tinha criado o projeto Arte na Escola quando trabalhei para a Fundação Iochpe, esse projeto foi criado pela Evelyn e por mim, para chegar aos arte-educadores. Eu fiquei na Fundação ate 1990, e a partir daí me dediquei de corpo e alma a trabalhar pelos arte-educadores, para mudar uma realidade que era muito difícil. Eu não me lembro em qual período eu participei da AGA, porque fiz tanta coisa e ficam às vezes misturadas, me diz as datas da minha gestão. (P. A última antes de ti foi a Cleusa, que ficou entre 1988 e 1990) Sei que organizei junto com a Ivone e o Marquinhos o IV Congresso da FAEB. (P. O Congresso foi em 91) Sim, foi nesse ano que eu assumi. Esse Congresso foi um verdadeiro sucesso e mostrou o poder que tinha a FAEB e a AGA. (Entrevista Maria Benites, janeiro de 2014)

Conforme Maria Benites, o motivo que a levou desde o Projeto Arte na Escola até a presidência da AGA foi o idealismo. Segundo ela, “o problema maior foi que minha ideia era formar professores, era um projeto de formação continuada que infelizmente tomou um outro rumo”. Durante o período inicial do projeto, Maria havia trilhado o interior do estado procurando saber “quem era esse arte-educador”. Como resultado de suas andanças, conta que acabou se aproximando tanto desta realidade que passou a se dedicar “de corpo e alma” ao movimento de arte-educação gaúcho.

Um dos marcos das grandes ações da AGA na década de 90 foi o sucesso do IV Congresso Nacional da FAEB, realizado, em 1991, na cidade de Porto Alegre, durante a gestão da gaúcha Ivone Mendes Richter. Segundo a pesquisadora Adriana Aquino (2010, p.46), para aquele congresso “foram convidados treze palestrantes de vários países como Alemanha, Canadá, Argentina, Chile, Itália, Venezuela, Estados Unidos e Inglaterra”. A FAEB fez parceria com várias universidades, além de fundações, órgãos públicos e empresas privadas. O tema do congresso foi “Ensino de Arte: Alienação ou Compromisso?” e contou com a participação de mais de mil inscritos.

Em 1990 começamos a organizar a nossa gestão. Eu assumi em 1991, depois da Cleusa, para organizar esse Congresso, que foi bolado pela Ivone, a Cleusa e o Marquinhos. Em Rio Grande, no dia 2 de fevereiro, isso me lembro até hoje, porque foi a criação coletiva mais fantástica que eu me lembro, éramos todos imbuídos do espírito de Iemanjá... Realmente fomos entregar as oferendas na maior instalação que eu já vi na minha vida. A praia de Rio Grande, em seus quilômetros de extensão, cheia de velas e oferendas a Iemanjá. Nunca vou esquecer esse episódio. (Entrevista Maria Benites, janeiro de 2014)

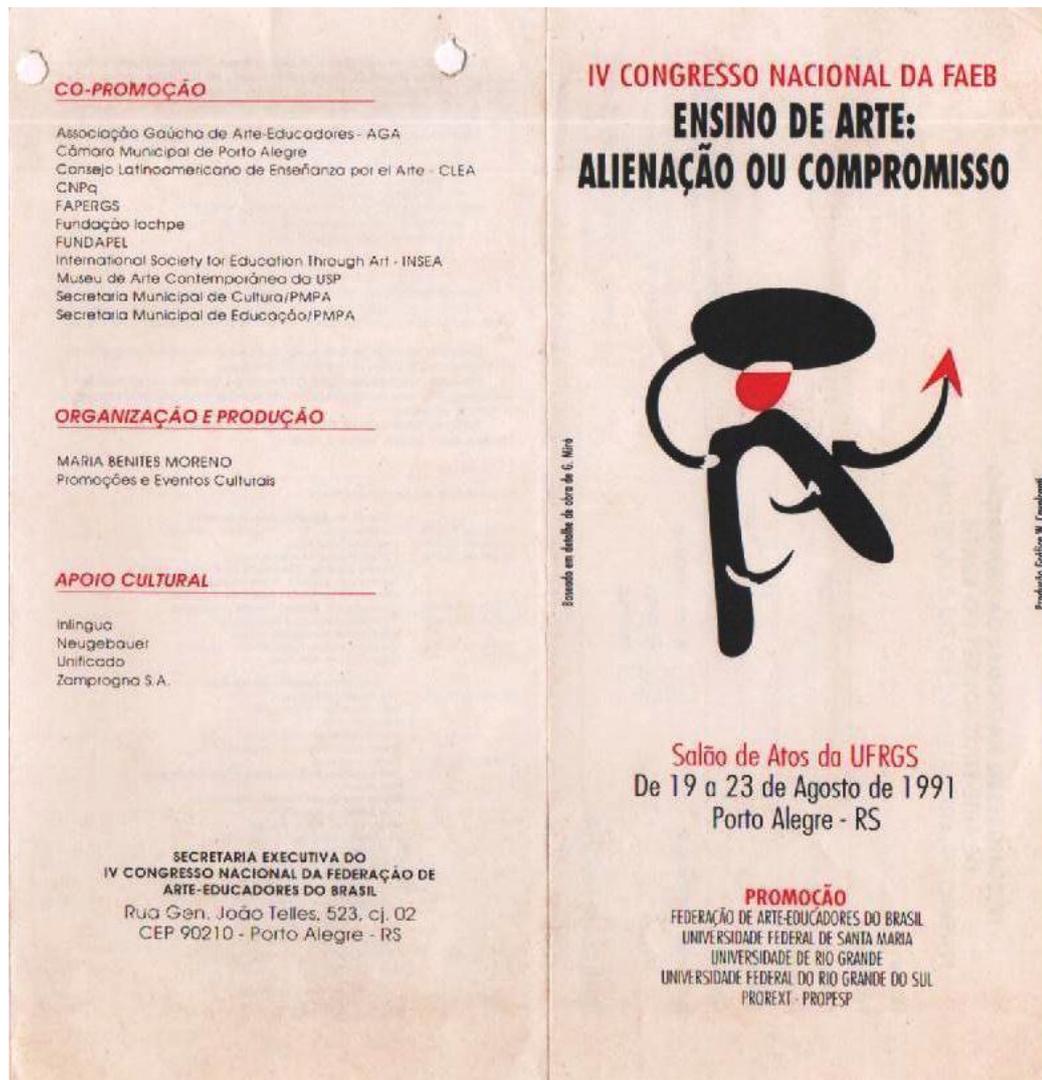


Fig.29 – Folder do IV Congresso Nacional da FAEB – Porto Alegre, Agosto de 1991. Acervo: Cleusa Peralta.

Após as mobilizações em torno da constituinte e da primeira eleição direta para presidente, aconteceria, em 1991, o processo de *impeachment* que afastaria o presidente Fernando Collor de Mello do cargo, com o apoio das manifestações de rua. O Brasil atravessava novamente um período de convulsão popular. O tema do congresso conclamava os arte-educadores a se posicionarem, comparando a falta de compromisso à alienação.

No boletim da AGA-Núcleo Porto Alegre – Nº02/1991 repercutiam no texto de capa, as “linhas de ação” tomadas no IV Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil. As linhas de ação eram:

Executar com a máxima competência e compromisso as tarefas de ocupar e ampliar o espaço das artes; como também expandir o espírito de luta e união entre todos os arte-educadores para que possamos centrar nossa atitude política em torno de uma meta comum.
(Trecho do Boletim nº02/1991)

Ainda na capa deste boletim Vê-se um desenho de criança onde uma figura feminina ostenta um coração na roupa e um trabalho artístico na mão, definindo-se orgulhosamente: “Eu sou professora de Arte”.



Fig.30 - Boletim da AGA - PoA (Nº02/outubro/1991). Acervo: Alberto Coelho.

Neste boletim, a AGA – Porto Alegre aparece com o endereço da Escola “KRAPOK – Escola de Arte, Rua Luiz Afonso, 288 – Cidade Baixa”, cujos arte-educadores responsáveis se apresentavam propondo “dar continuidade ao trabalho que vinham desenvolvendo no CDE” (primeiro endereço da AGA). O boletim ainda traz notícias sobre o curso “Arte na Escola: Leitura da Imagem” e faz propaganda da Videoteca da Fundação Iochpe. Na mesma página, um anúncio alerta: “Se antene, já nas livrarias o livro de Ana Mae Barbosa A Imagem no Ensino da Arte – Editora Perspectiva, 1991”.

Nesta época, Maria Benites já havia deixado de trabalhar no Arte na Escola e assumira a diretoria do Espaço Cultural Edel.

Bem nessa época me convidaram para ser também diretora do Espaço Cultural EDDEL, que ficava no edifício Edel, em frente à UFRGS. Aí foi um espaço maravilhoso para promover projetos pedagógicos orientados para escolas, jovens e adultos. Cada exposição que organizava tinha uma proposta de visitas monitoradas. Na época, não era frequente que as exposições tivessem projeto pedagógico, às vezes tinha visitas guiadas, mas sem projeto de continuidade. Eu comecei a desenvolver não somente um projeto pedagógico, como eventos paralelos às mostras que se iniciaram, se mal não me lembro, antes do Edel, na Casa de Cultura Mario Quintana, quando trouxe a exposição de Cartier Bresson que tinha monitores especialmente preparados para a visitação. (Entrevista Maria Benites, janeiro de 2014)

Os projetos pedagógicos desenvolvidos por Maria Benites e co-promovidos pela AGA, deram origem ao que mais tarde seriam “os educativos” da Bienal de Artes Visuais do Mercosul e da Bienal Brasil Século XX, conforme veremos a seguir.

Segundo Maria Benites, todos estes eventos foram co-produzidos pela AGA durante a sua gestão:

- Projeto Pedagógico da I Bienal de Artes Visuais do Mercosul – 1995-1997
- Projeto Geral da Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul e do Projeto da I Bienal do Mercosul - Janeiro 1995
- Bienal Brasil Século XX, em Porto Alegre (Porto Alegre- ECE – AGA-RS - Junho de 1994)
- Exposições Diálogos I no Espaço Cultural Edel (Março/Abril 1994)
- Exposição Joseph Beuys Objetos e Desenhos em Porto Alegre (Agosto 1993 - Instituto Goethe - ECE)
- Exposição Uma Ante-sala para Joseph Beuys (IAV/RGS - Agosto 1993)
- Sala Especial de Escultura "Concretismo e Neo-Concretismo no Brasil" no Espaço Cultural Edel (IAV-MAC/RS -Junho 1993)

- Exposição "Arte Contemporânea: Destaques no Sul" (ECE - Gov. Est. RGS - Novembro de 1992)
- Seminário: Arte Contemporânea Gaúcha (UFRGS - IAV/RGS - ECE Novembro 1992)
- Seminário "A Modernidade" (UFRGS-ANPAP- Agosto 1992)
- Seminário As Transformações do Conhecimento na Virada do Século (UFSM-AGA-MAC-Santa Maria, Julho de 1993)
- I e II Congresso Latino-americano sobre Patrimônio Cultural (UFRGS-SMC-PMPA-IBPC- Junho de 1991/ Agosto de 1992)
- Seminário - Cinema e América Latina (PMPA-UFRGS-USP- Festival de Cinema de Gramado - Agosto 1992)
- Seminário A TV e a Construção do Imaginário (SMC-PMPA- UFSM-FAEB-AGA - Julho 1992)
- Curso: Artes Plásticas na América Latina (Solar dos Câmara- Marco 1992)
- IV Congresso da FAEB "Educação Artística: Alienação o Compromisso" (FAEB-AGA-MAC-UFPeI-UFSM - Agosto 1991).

As atividades no Edel Trade Center trouxeram para a AGA um inédito perfil empresarial, ou seja, próximo dos grandes eventos e empresas patrocinadoras, alinhado com as tendências internacionais e, ao mesmo tempo, afinado com a política desenvolvida pelos órgãos municipais e estaduais de educação e cultura, o que podemos confirmar no depoimento abaixo:

Sim, teve vários encontros, fundamentalmente começamos a trabalhar com a Secretaria de Cultura e a Secretaria de Educação do Município [Porto Alegre] e fizemos cursos e exposições onde todas as escolas eram convidadas a visitar. Teria que ver nos meus guardados de quantas participou ativamente a AGA. (Entrevista Maria Benites, janeiro de 2014)

Entre exposições, cursos de formação e elaboração de projetos pedagógicos em parceria com empresas e órgãos públicos, o auditório do edifício Edel Trade Center tornou-se o novo local das reuniões estaduais da AGA. Assim nos mostra o boletim informativo a seguir, que fala sobre a "Jornada da AGA", realizada em 1993:

<p>JORNADA DA AGA Data: 13 de Novembro de 1993 Local: Auditório do Edel Trade Center</p> <p>Tema em debate: PROJETO: MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO NO ESTADO DO RGS.</p> <p>A AGA está convidando a todos os professores de arte-educação do Estado do RGS que queiram participar, para, no dia 13 de novembro - sábado - no Auditório do Edel Trade Center, debater durante todo o dia o PROJETO: MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO. Queremos fazer uma avaliação abordando 4 sub-temas: Calendário, Treinamento, Material e Prática deste Projeto.</p> <p>Foi convidado o Presidente da FAEB, porque pretendemos levar as condições para o VI Congresso da FAEB.</p> <p>Estão sendo convidados representantes dos Núcleos da AGA de: Rio Grande - Santa Rosa - Montenegro - Rio Pardo - Porto Alegre - Santa Maria - Pelotas - Itaj, entre outros.</p> <p>Gostaríamos de poder contar com a presença maciça dos arte educadores do Estado.</p> <p>O programa será desenvolvido das 09:00 às 12:00h e das 14:00 às 17:00h. O Edel Trade Center fica na Av. Loureiro da Silva 2001, esq. Sarmiento Leite.</p> <p>Pretendemos no mês de dezembro fazer outra jornada com a avaliação dos Projetos em Arte Educação nos Municípios do Estado.</p> <p>Para maiores informações ligue para (051) 330-6371.</p>	<p>Ficha de atualização de sócios e Interessados em receber correspondência:</p> <p>NOME:.....</p> <p>ENDEREÇO:.....</p> <p>CEP:..... CIDADE:.....</p> <p>UF:.....</p> <p>TELEFONE:..... FAX:.....</p> <p>ENDEREÇO PROFISSIONAL:.....</p> <p>INSTITUIÇÃO:.....</p> <p>Remeter para: ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE ARTE-EDUCAÇÃO: Santa Teresinha, 374 - 90040-190 - Porto Alegre - RS</p>	<p>ASSOCIAÇÃO GAÚCHA</p> <p>DE ARTE-EDUCAÇÃO</p> <p>AGA</p> <p>Boletim Informativo</p> <p>Novembro 1993</p>
--	--	--

Fig.31 – Boletim Informativo da AGA – Novembro de 1993. Acervo: Alberto Coelho.

Nesta “Jornada da AGA”, o tema em debate era o Projeto do Governo do Estado chamado “Melhoria da Qualidade de Ensino”. Durante o governo Alceu Collares, a AGA foi chamada para elaborar a proposta para a área de Educação Artística – 1º e 2º Graus, trabalho que mobilizou diversos arte-educadores gaúchos e que resultou na seguinte publicação:

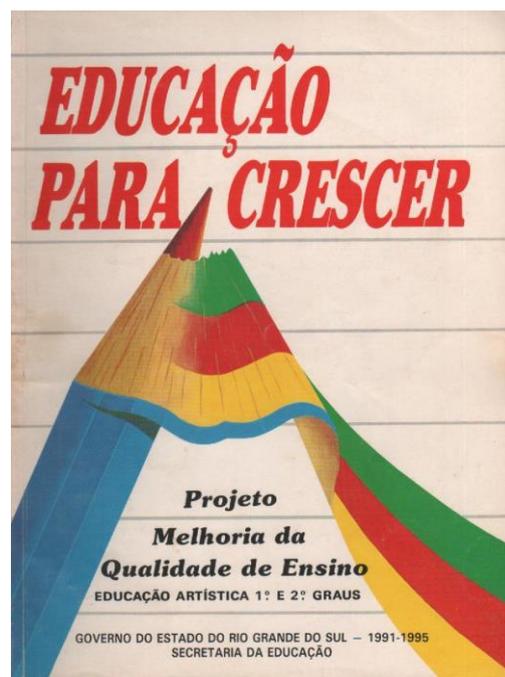


Fig.32 – Publicação organizada pela AGA em parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul – 1992. Acervo pessoal.

Na minha visão, a vocação para articulações políticas da então presidente da AGA atingiu limites insuspeitados. Chamou-me a atenção a atuação de Maria Benites durante a polêmica envolvendo a redação da LDB, no início dos anos 1990, quando a emenda Darcy Ribeiro retirava o termo *arte* do capítulo sobre educação. A este respeito, Maria recorda:

Tem um dado que talvez te possas servir, eu lembro vagamente que durante a constituinte, Darcy Ribeiro queria tirar a palavra arte do capítulo de educação. (...) E foi a partir de um movimento que criamos, as arte-educadoras, que reunimos 23 mil assinaturas e a palavra arte ficou na constituição, pergunta para Ivone ou para Marly. Eu sei que mandei loucamente cartas e liguei para centenas de pessoas para este movimento, inclusive liguei para o próprio Darcy que eu tinha conhecido no Peru, em 1975, para pedir que considerasse nosso pedido. Ele foi muito cortês. (P. Ligaste pra ele?) Claro, porque em 1975 ele estava no Peru exilado e eu fui visitar uns amigos meus que eram amigos dele; conheci ele, que foi muito gentil comigo, me ciceroneando por Lima, por isso me atrevi. Ele se lembrava e eu expliquei que tirar a palavra arte era uma aberração para quem como ele tinha lutado tanto pela educação e pela liberdade, pela diversidade, enfim, não me lembro muito bem tudo o que disse, a sorte que ele entendia espanhol. (Entrevista Maria Benites, janeiro de 2014)

Em tempo, Maria Benites é de origem argentina. No entanto, tal como Marly Meira falou no início, o Rio Grande do Sul tem essa *Geografia Estética Peculiar* que alcança o pampa uruguaio e argentino, estendendo nossa casa pela planície.

Afinal, todos somos *gauchos*, unidos pelo que Maffesoli (2000) chama de “estética do nós”.

Sob qualquer denominação que se lhe dê (emoção, sentimento, mitologia, ideologia), a sensibilidade coletiva, ultrapassando a atomização individual, suscita as condições de possibilidade para uma espécie de “aura” que vai particularizar tal ou qual época (MAFFESOLI, 2000, p,20).

Esta foi a aura estética que caracterizou a época em que Maria Benites esteve à frente da AGA. A época da geração “yuppie”¹² que sucedeu a geração “hippie”, conforme o depoimento a seguir:

Era algo mais... Acho que era um momento onde existia um entusiasmo contagiante pela descoberta do poder do grupo. Era uma verdadeira Gestalt, onde cada um potencializava o outro. As pessoas queriam contagiar-se e contagiar os outros por um mundo melhor. Não sei se éramos muito jovens e muito felizes, o que nos levava a espalhar arte por onde andávamos, era a geração que seguiu a geração paz e amor. Nós éramos arte e amor. (Entrevista Maria Benites, janeiro de 2014)

Gerações que se sucedem. Paz e amor, arte e amor... Jovens idealistas em busca de um mundo melhor. No próximo porto deste trabalho, uma nova geração assumiria a AGA, demonstrando que, independente do período histórico, o poder do grupo continuaria potencializando o movimento de arte-educação gaúcho.

¹² “Yupie” é uma derivação da sigla “YUP”, expressão que designa “Young Urban Profesional”, ou seja, Jovem Profissional Urbano (...) Normalmente, os yuppies são mais conservadores que a geração anterior, hippie. Deixando de lado as causas sociais abraçadas por aquela geração, os yuppies tendem a ser antes de mais nada, profissionais (Fonte: www.wikipedia.org/wiki/yuppie Acesso:20/02/2014).

5º PORTO: NARA MARONE

Nara Marone foi a única ex-presidente da AGA que não foi encontrada para conceder entrevista para este trabalho. Seu nome foi indicado à presidência pelo então recém-criado Conselho da AGA, porém, sua gestão nunca afinou com o trabalho que os três núcleos regionais (AGA/São Leopoldo, AGA/Santa Maria e AGA/Pelotas) desenvolviam em conjunto na época. Neste trabalho, considero que a maior representante daquele momento foi mesmo Alice Bemvenuti, presidente do núcleo da AGA/São Leopoldo, que em pouco tempo acabou sendo alçada diretamente à presidência da FAEB.

ALICE BEMVENUTI

(AGA-São Leopoldo e Presidente da FAEB)

Período de atuação na AGA: de 1994 a 1998

Entrevista ocorrida em sua residência, no município de

São Leopoldo/RS, dia 1º de abril de 2013.



Fig.33 – Alice Bemvenuti. Acervo pessoal.

*“A AGA, ela dá oportunidade, ela é um espaço
onde a gente gera a oportunidade,
faz a oportunidade acontecer
e tem oportunidade. Isso foi muito legal”.*

Com a transferência de Maria Benites para a Alemanha, a AGA ficou “à deriva” até Alice Bemvenuti resolver “fazê-la acontecer” novamente. A última presidente da AGA, que vivia no Brasil, era Cleusa Peralta e foi a ela que Alice recorreu quando “percebeu a AGA como um caminho” e decidiu empreender esforços para reerguer a associação. A própria Cleusa fala sobre isso em entrevista a Ayrton Correa:

Foi num congresso em Montenegro que a Alice Bemvenuti, quem eu não conhecia, me localizou para eu tentar salvar a AGA. Eu fui para Montenegro e ela queria saber quem eu era e como poderíamos fazer para revitalizar a AGA. Porque as pessoas se perdiam, quantas vezes a AGA se perdeu? Até há pouco tempo estavam reativando a AGA. (CORRÊA, 2009)

Naquela década de 1990, os seminários de Montenegro eram encontros anuais concorridíssimos, não somente pelos grandes nomes da arte-educação que traziam ao Rio Grande do Sul, mas também por proporcionar a aproximação entre pessoas que compartilhavam os mesmos interesses. Em busca deste movimento de aproximação “por afinidade”, Alice encontrou a AGA. Assim ela nos conta no relato a seguir:

Eu logo já identifiquei a AGA como um percurso, mas eu fui buscar acordar a AGA. Eu logo identifiquei, mas a AGA não estava em acontecimento naquele momento. Ela já era história. Aí eu fui atrás das coisas da história e fui fazer ela acontecer. Então, fui juntar pessoas que eu tinha afinidade para fazer o movimento. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

Nas eleições de 1994, onde foi eleito presidente da república o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que governaria por dois mandatos consecutivos (1995-1998 e 1999-2002), o processo de transição pós-ditadura militar foi considerado concluído. O Brasil ultrapassara o turbulento período de redemocratização, com novas leis e novos modelos de gestão do serviço público. Foi durante o governo de FHC que seria concluída e promulgada a nova LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) Nº 9394/96. Até aquele momento, as mobilizações dos arte-educadores continuariam pelo país inteiro.

A arte, para mim, foi a grande mãe, eu me encontrei ali. Então, o movimento de arte-educação era onde eu podia ser eu mesma. A gente podia, com os parceiros, fazer as coisas acontecerem. Tem toda uma coisa de resistência da AGA... Porque a AGA é as pessoas. Ela não é uma instituição que estava imposta. Ela era uma instituição que se fazia por nós... Conosco. Ela era uma instituição que era as pessoas que estavam preocupadas que a LDB iria tirar da sala de aula o ensino da arte. Então, eu botei muita energia para reestruturar isso e, para reestruturar isso, eu precisava entender ela. Aí eu vou buscar as pessoas. Me falavam os nomes das pessoas e eu falava: “Quem é a Susana Vieira da Cunha? Vou lá conhecer. Quem é a Cleusa”? Aí eu ia atrás das pessoas. Então, antes de ir a Bagé, eu já tinha ido atrás da Cleusa. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

Uma instituição que se fazia através das pessoas, que não era uma instituição imposta, esta era a AGA que Alice encontrou e que buscou reestruturar. Para isso, foi atrás de um grupo de parceiros, “onde cada um pudesse ser ele mesmo”. Um grupo que compartilhasse entre si a mesma preocupação com que a nova LDB não retirasse a Arte da sala de aula. Esta fala se alinha ao que Maffesoli chama de “ethos comunitário” (2000, p.86), que remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada. Na fala de Alice, chamou-me a atenção o caráter afetivo, de família, onde a Arte seria *uma grande mãe*.

Em um tempo em que o Brasil consolidava suas novas bases democráticas, a AGA ressurgia com uma vitalidade renovada que, conforme o depoimento a seguir, levou Alice à estrada, para buscar conhecer as pessoas do movimento de arte-educação gaúcho, com a energia e a afetividade característica de uma jovem estudante daquela época.

Então vamos criar um núcleo em São Leopoldo, porque eu moro em São Leopoldo, então, vamos criar um núcleo em São Leopoldo. Daí a gente criou um núcleo em São Leopoldo. Mas eu precisava ativar aquilo e era tudo por correspondência... Eu sabia os endereços de cor das pessoas, porque eu vivia mandando correspondência. Era datilografada... (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

5º MERGULHO - Acompanhando os tempos “yuppies”, depois de formada, fui viver em São Paulo. Fui moradora do tradicional Bairro Bexiga, situado no coração da metrópole. Frequentava aqueles pequenos cafés, teatros, livrarias, botecos com música ao vivo. Lia haí-kais nas calçadas e, acompanhando a Escola de Samba Vai-Vai, parece que entendi o recado: Vai, vai de volta para o teu lugar. Então, três anos depois, voltei para minha terra natal, onde criei em parceria com um grande e saudoso amigo, um espaço cultural chamado O Último Casarão Remanescente das Águas Não Tão Azuis de um Certo Rio. No Último Casarão tínhamos um grupo de casareiros que, além de fazer teatro experimental, atuava nas ruas, fomentava ações ecológicas no rio, organizava torneios de xadrez e vôlei de praia, acolhia reuniões políticas, de saúde mental coletiva, recitais de violão, jazz, rock, MPB e ainda contava com um espaço didático. Muitas ações do Casarão apoiaram ou eram apoiadas por órgãos municipais e estaduais. Entre o poder e a potência das instituições ou tribos instituintes, construímos ali nossa “terceira margem”. A mesma postura ética e estética que desenvolvi durante minha formação universitária e no movimento de arte-educação, segui no Último Casarão e nas escolas por onde trabalhei. Em 1997, ocupei o cargo de Secretária Municipal de Cultura, Turismo e Desporto de Pedro Osório/RS, onde percebi que me sinto melhor entre a potência do que entre o poder. A temporada que passei na SeCult coincidiu com o fim das atividades no Casarão e com o nascimento do meu filho

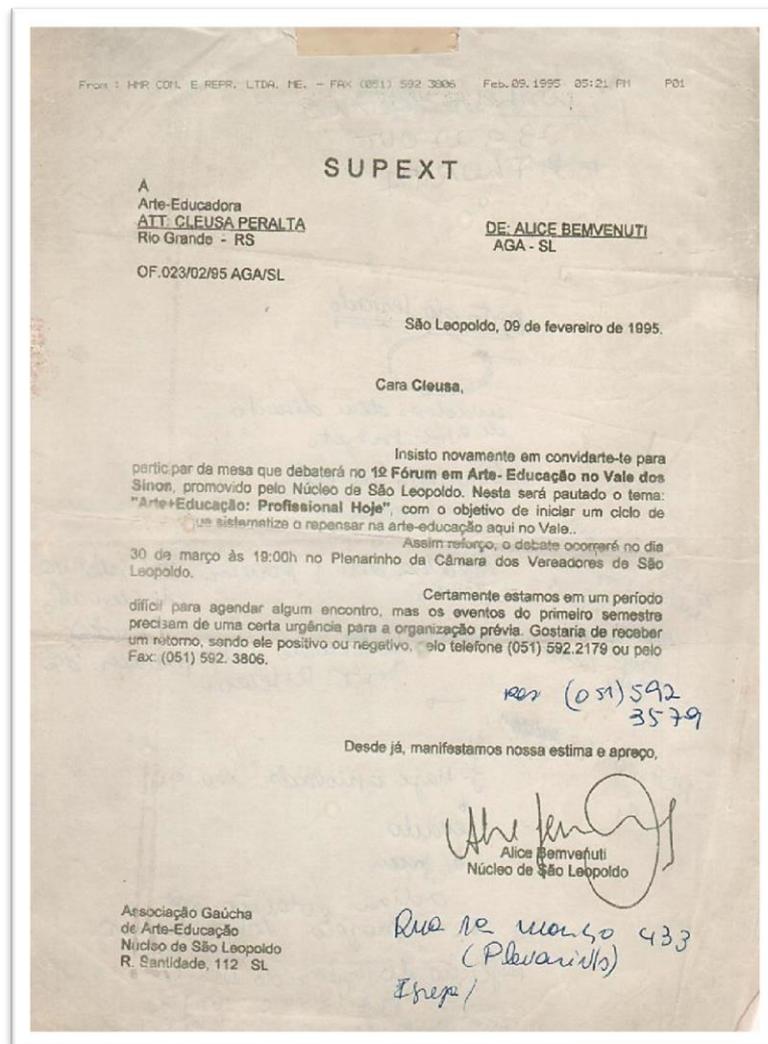


Fig.34 – Correspondência datilografada via fax, 1995. Acervo: Cleusa Peralta. (Anexo 10)

Antes dos e-mails, as correspondências e os telefonemas exigiam um alto custo de investimento, no entanto, a comunicação era fundamental para a articulação do movimento. No depoimento a seguir, Alice conta como conseguia driblar estas dificuldades:

Eu recém tinha me filiado ao Partido dos Trabalhadores, quando eu fiz 18 anos... E eu fui lá e bati na porta dos vereadores. Expliquei para eles que existia uma associação, que eu precisava de selo, porque eu precisava botar correspondências no correio, e que eu precisava do apoio deles. Então, todas as correspondências eram pagas pelos vereadores. Eu dava na mão deles 50 correspondências e eles botavam no correio. Então eu estava sempre alimentando as pessoas com essas informações. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

Comprometendo os vereadores de sua cidade com a causa da AGA, Alice passou a utilizar o aparato disponível nas instituições estabelecidas a fim de dar vida a uma associação de dominância empática, onde a tônica seriam as pessoas. Percebemos que neste momento há uma transição da lógica empresarial descrita no porto anterior para a lógica do “estar-junto”, característica da socialidade pós-moderna (MAFFESOLI, 2000). A fluidez da comunicação ainda era truncada, e o poder, vinculado à política e ao individualismo, ainda ditava as regras da AGA enquanto instituição. No entanto, o que movia a nova geração representada por Alice já era semelhante à potência das tribos contemporâneas a que Maffesoli (2000, p.91) se refere quando defende que “a saturação da forma política caminha lado a lado com a saturação do individualismo”.

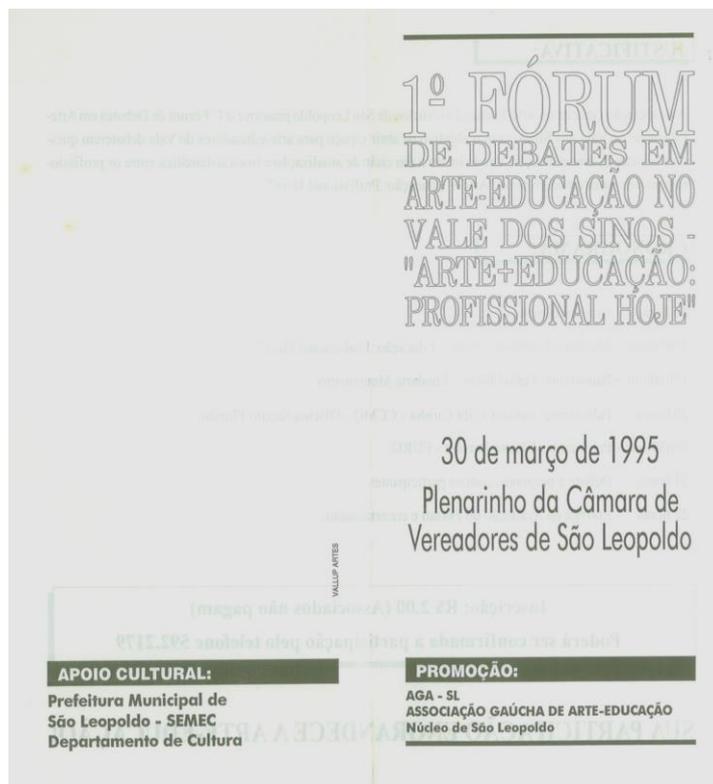


Fig.35 –Programa do encontro promovido pela AGA-São Leopoldo, 1995. Acervo: Alice Bemvenuti.

Era política. Era uma organização de militância. Essa palavra, muito aprendi com a Cleusa, de compreender isso. Eu pedi o plenarinho da Câmara dos Vereadores para fazer um encontro de arte aqui em São Leopoldo. Aí a Cleusa veio aqui em casa e eu levei ela nesse encontro. Levei a Susana Vieira da Cunha, eu acho que veio a Isabel Petry... (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

A relação que Alice estabeleceu com a AGA é de simultânea aprendizagem e construção da história do ensino da arte. Ao mesmo tempo em que aprendia, ensinava, como relata no seguinte trecho de sua entrevista:

Então eu vou localizar quem são esses professores de arte. Aí eu começo a descobrir coisas que eram surpreendentes, do tipo: “Não existem professoras de arte no município que são concursados, porque o município não tem esse cargo, essa função, esse lugar, ou essa vaga. - Como assim? - Enfim, minhas conclusões: “Só pode a gente ficar sem profissão, porque não existe uma lei que abra a porta para o professor de arte dar aula na escola. Então quem é que dá aula de arte na escola? Qualquer professor”. Claro que nisso existe uma história... Daí eu fui estudar, fui entender que lá em 71 foi feita a LDB. Em 73 é feito o primeiro curso de graduação, com dois anos... Aí eu ia dizer isso para os professores. Eu estudava a história do ensino da arte e eu falava para os professores: “Mas é por causa disso. E aí nós temos que abrir vaga e nós temos que movimentar os vereadores... Nós temos que fazer carta, fazer moção, fazer reunião, então nós temos que fazer seminário... Para gerar essa inquietação, porque se está todo mundo quieto... Então vamos nos reunir, vamos falar”. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

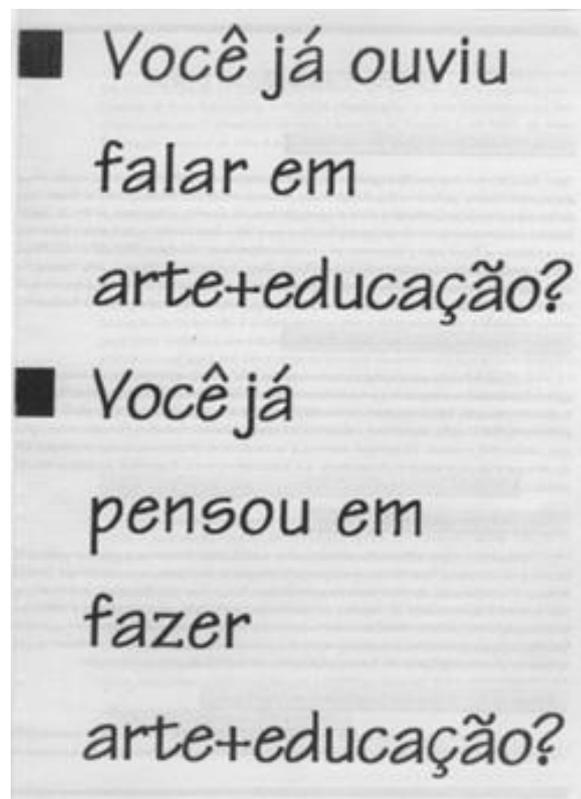


Fig.36 – Capa do Boletim da AGA/São Leopoldo, 1995. Acervo: Alberto Coelho.

Na figura anterior, a capa do Boletim do núcleo da AGA de São Leopoldo que divulgava a história do movimento de Arte-Educação no Brasil (MAEB). Abaixo, o interior do mesmo boletim, relacionando o MAEB às Escolinhas de Arte, à LDB 5692/71, à criação dos cursos de Licenciatura Curta em Educação Artística, em 1973, à luta das associações na Constituinte, à criação da AGA, em 1984, e à criação do núcleo São Leopoldo, dez anos depois, em 1994.

No mesmo período, A “Gestão Andorinha”, do núcleo da AGA de Pelotas publicou um boletim com o mesmo conteúdo, demonstrando o quanto o trabalho dos três núcleos (São Leopoldo, Pelotas e Santa Maria) era sintonizado.

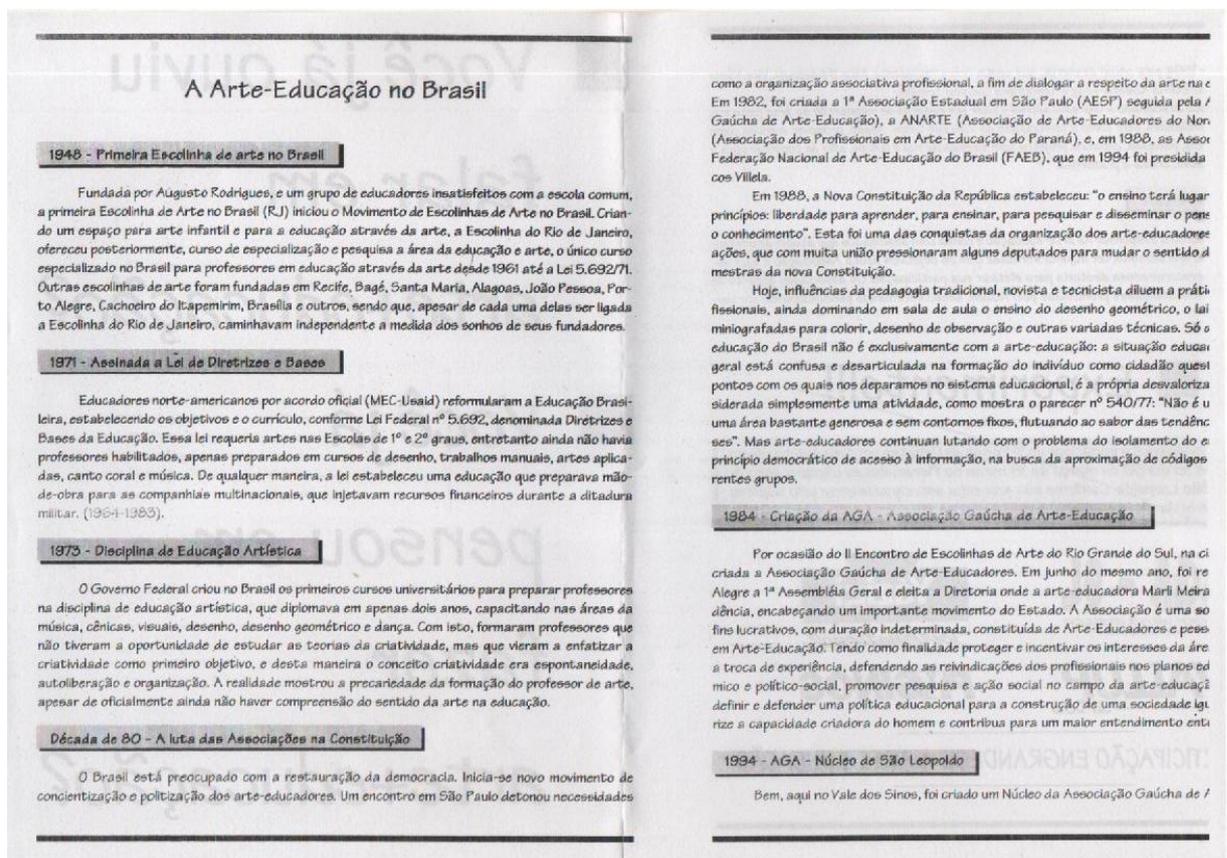


Fig.37 – Interior do Boletim da AGA/São Leopoldo, 1995. Acervo: Alberto Coelho. (Anexo 11)

A integração dos três núcleos teve sua maior demonstração em um evento chamado “Circuito Estadual de Arte-Educação”, onde as atividades aconteciam simultânea e sucessivamente nos três municípios (São Leopoldo, Pelotas e Santa Maria),

inclusive com alguns participantes viajando para levar palestrantes e participando do evento em mais de uma cidade. Sobre o desdobramento destes circuitos, que aconteceram em dois anos consecutivos, 1995 e 1996, Alice nos conta:

A questão é que nós tínhamos que fazer tudo junto, era uma programação difícil de ser coordenada. Ela começava em São Leopoldo num dia, começava em Pelotas no outro dia, começava em Santa Maria no outro dia, como uma escada. No segundo dia de São Leopoldo, era o primeiro dia de Pelotas, o segundo dia de Pelotas era o terceiro dia de São Leopoldo e fechava e depois entrava no terceiro de Pelotas, então eu conseguia participar dos três e, às vezes, tinha um domingo ou um intervalo no meio. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

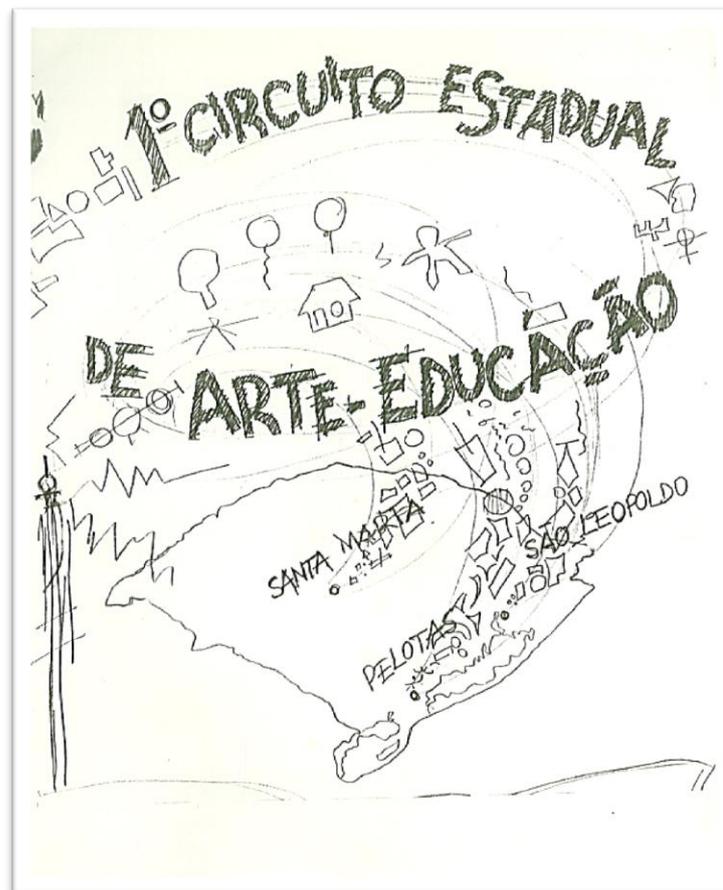


Fig.38 –Desenho de Alberto Coelho, da AGA-Pelotas. Esboço do cartaz do 1º Circuito Estadual de Arte-Educação promovido em conjunto pelos três núcleos da AGA atuantes na época. Acervo: Alice Bemvenuti.

Sobre este trabalho dos três núcleos, dissociados da direção estadual, o professor Alberto Coelho, do núcleo de Pelotas, nos conta: “Para ser bem sincero, a gente não

sentia essa necessidade de uma AGA estadual, sempre. De uma representante maior, entendeu? Nós já nos sentíamos *estadual* dessa forma”.

Durante o Seminário Nacional de Arte-Educação de Montenegro, ao encaminhar a eleição da nova diretoria estadual da AGA, o Conselho indicou o nome da professora Nara Marone, de Rio Grande, para presidir a AGA a nível estadual, o que acabou causando um descompasso entre a direção e os núcleos atuantes da época (Pelotas, Santa Maria e São Leopoldo), que não se sentiam representados pela estadual.

A seguir, uma página do segundo Livro Ata da AGA, que contém os relatos das tumultuadas reuniões daquele período. O primeiro Livro Ata, onde constava a ata de criação e a das primeiras reuniões foi dado como perdido. O segundo, com as atas de 1995 até 2005, está sob a guarda da prof^a Luciana Loponte, último porto deste trabalho.

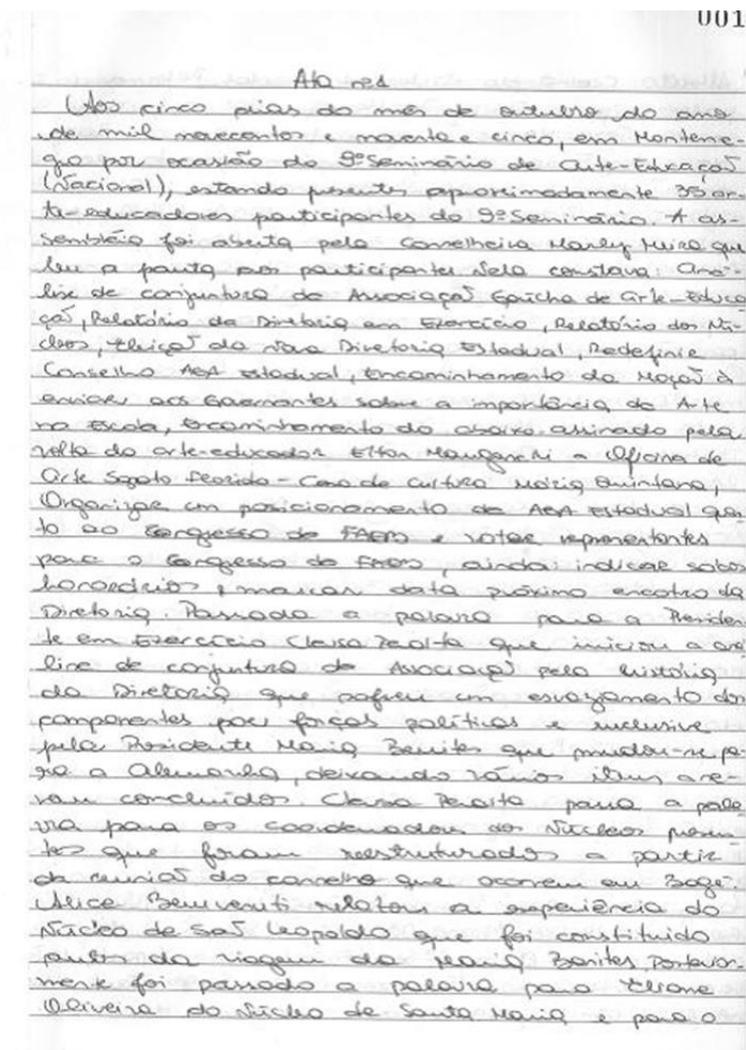


Fig.39 – Ata da reunião onde Nara Marone foi indicada presidente 1995 (1ª página).
Acervo: Luciana Loponte. (Anexo 12)

No livro *O Tempo das Tribos* (2000), quando Maffesoli fala que a potência se dissocia do poder, relembro que no período em que Alice Bemvenuti buscou e conseguiu reerguer a AGA, as atas da época demonstram que a organização desta associação estava sendo reformulada, realizando outras formas de eleição, indicando sócios honorários e criando um Conselho da AGA, formado por uma presidente estadual, representantes dos núcleos regionais e por membros da “primeira geração”, as “dinossauras da AGA”, conforme terminologia utilizada nos primeiros e-mails da AGA-Virtual.

Em certos períodos, quando a massa não mais apresenta interação com os governantes, ou ainda, quando a potência se dissocia completamente do poder, assistimos à morte do universo político e a entrada na ordem da socialidade. (MAFFESOLI, 2000, p.68)



Fig.40 – Foto da reunião do Conselho da AGA, em Bagé, 1995. Fonte: AGA- Yahoo.

No sofá, da esquerda para a direita, vê-se Eliane Oliveira, do núcleo de Santa Maria, Nara Marone, de Rio Grande e Alberto Coelho, do núcleo Pelotas. No chão, a anfitriã Marly Meira, de Bagé, Cleusa Peralta, de Rio Grande e Alice Bemvenuti, do núcleo de São Leopoldo.

Nossa, eu panfletava, panfletei muito na rua, panfletei em escola, panfletei na faculdade sobre a AGA... Eu pegava carona, pegava ônibus... Eu estava lá com o panfleto, eu estava lá com o adesivo, com a bolsa, vendendo camiseta, para que a AGA existisse... E aí quando indicam alguém não era eu. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)



Fig.41 – Panfleto de divulgação do núcleo da AGA-SL, 1995. Acervo: Alice Bemvenuti.

Segundo Alice Bemvenuti, os impressos da AGA-São Leopoldo variavam de cor a cada ano. Em 1995, eram feitos sobre papel amarelo. No ano seguinte, eram realizadas em papel da cor rosa, como no panfleto abaixo.

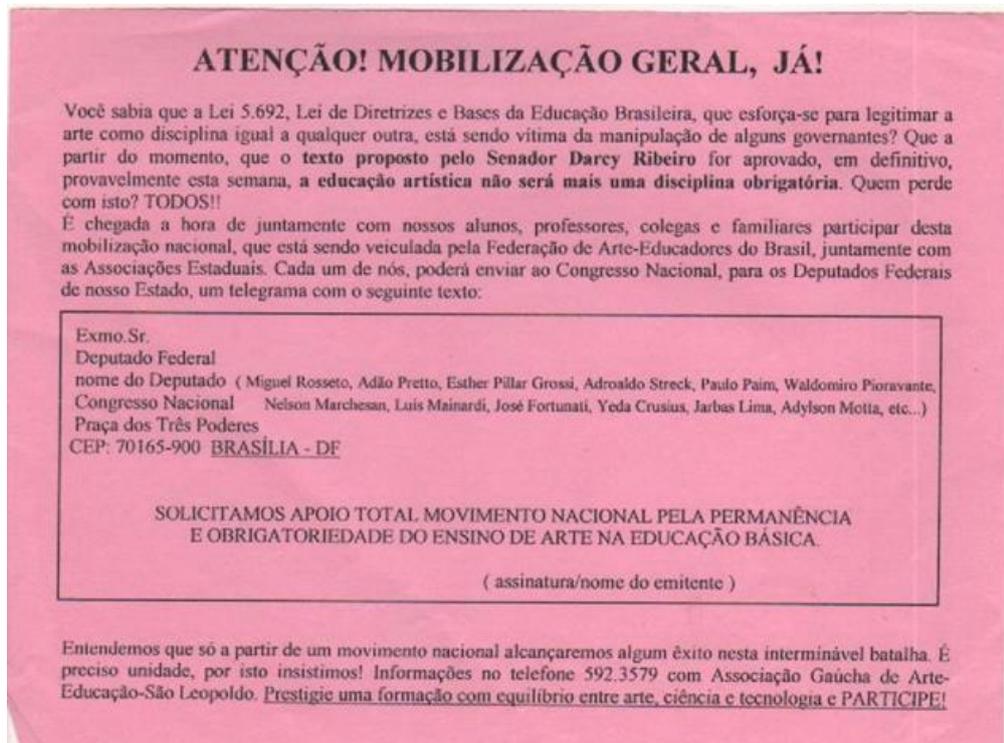


Fig.42 – Panfleto da campanha “telegramaço” da AGA-SL, 1996. Acervo: Alice Bemvenuti.

Ficou muito pontual daquele ano, que eu fiquei muito braba, muito chateada, muito incomodada... Mas eu, automaticamente, já achei outros lugares para colocar a minha energia. E aí eu vou estar na FAEB. Mas eu não deixei de ser AGA, porque eu continuei movimentando aqui, tanto que teve dois anos do núcleo de São Leopoldo que foram concomitantes com a FAEB. Eu fiquei quatro anos em São Leopoldo. Fico atuando quatro anos, e dois anos já era com a FAEB junto. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

Alice movimentou a AGA naquela retomada e quando escolheram a presidente estadual, não era ela. Não houve eleição, tampouco chapa para compor uma diretoria. Nara Marone foi indicada e aclamada. O modelo de representação na AGA havia mudado. Os estatutos da instituição não mais representavam a tribo afetiva. Assim como ocorrera no início da década, a tribo da AGA novamente ampliou o foco de atuação, ao se voltar para o movimento nacional, chegando até a FAEB.

Bom, o primeiro encontro que eu fui, da FAEB, foi em Florianópolis, que foi quando eu conheci a Lucimar. A Lucimar e a Ana Del Tabor. A Ana Del Tabor era presidente, a Lucimar era vice quando eu a conheci então... Não vou lembrar qual foi o ano, mas ali a AGA já estava movimentada. Mas como é que eu ia? Como é que era a figura da Alice? Eu lembro que eu peguei o ônibus, e eu tenho sempre essa coisa do estômago, muito visceral... Eu já ia emocionada, já tinha vontade de ir chorando no ônibus, porque eu estava indo para aquele congresso. Eu estava imaginando que o Brasil todo, todas as pessoas estavam indo em direção àquele congresso (as pessoas do ensino da arte), que naquele congresso eu encontraria as pessoas mais importantes do ensino da arte (as pessoas que falavam de pele do ensino da arte). Então, eu já chegava emocionada no lugar. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

O CONFAEB em Florianópolis, SC, aconteceu no final do ano de 1995 e a emoção a que Alice se refere é o que Maffesoli (2000, p.20) chama de *glutinum mundi*, “que faz com que a diversidade em conjunto constitua um corpo”, o corpo social. O movimento de arte-educação proporciona esta sensação a quem participa de um evento como o CONFAEB, que reúne as pessoas em torno de um interesse comum. A emoção coletiva causa reações diretamente no corpo individual (e vice-versa). Ivone Richter, em seu depoimento para este trabalho, se refere a isso como um “sentimento de calor”:

Calor humano, assim, sabe, de coisa gostosa, de reunião. De congregação de idéias, de troca... De troca de saberes humanos. Mais do que troca de conceitos ou coisas acadêmicas. Porque eu acho que a AGA pega uma parte da gente que é muito humana. Então, todo o lidar com arte é humano, não é? É muito humano. Mas o lidar com arte, às vezes, é um pouco solitário. E a arte-educação nunca é solitária. Então, quando tu te encontras com outros que compartilham dos mesmos ideais, do mesmo desprendimento dos interesses, dos cargos, das coisas, das subidas... Tem gente que está ali porque quer mesmo estar, porque precisa, porque quer ajudar, quer fazer. Aí tu te sente assim. Dá aquele calor que é o que eu sinto quando penso em AGA. (Entrevista Ivone Richter, 23/04/2013)

Nas falas de Alice e Ivone percebe-se o caráter emocional e afetivo do que Maffesoli chama de *glutinium-mundi*, o cimento da tribo, a força que aglutina a socialidade pós-moderna. Uma espécie de paixão subterrânea que caracteriza a potência instituinte das tribos, em oposição ao poder instituído das velhas instituições.

É possível que se assista agora à elaboração de uma aura estética onde se reencontrarão os elementos que remetam à pulsão comunitária, à propensão mística ou à perspectiva ecológica. Cada elemento desses, à sua maneira, dá conta da organicidade das coisas. (MAFFESOLI, 2000, p.20)

Alice, no próximo depoimento, conta que, para aliar-se a outros arte-educadores, “não esperava a pessoa se associar na AGA”:

Eu fazia assim, eu ia com o caderninho para com as pessoas: “Como é teu nome? Me dá teu endereço”. Aí eu anotava o endereço. Antes de chegar no congresso eu já tinha ficado cansada, pois eu já tinha pego 50 nomes com 50 endereços, e todas essas pessoas passavam a receber correspondência, porque eu não esperava ela se associar na AGA. Eu comecei a mandar correspondência da AGA para todo o Brasil. Então, as pessoas dos outros estados: “Ah, tu é da AMARTE? Tu é da AESP”? Todas as pessoas que eram de algum lugar, de alguma associação, de algum estado, eu comecei a ter a listagem dos nomes e aí começou a aumentar o meu número de correspondência. Eu fazia o xerox da correspondência e botava os vereadores a pagar essa correspondência. Então, lá ia eu para fazer isso... As pessoas começaram a saber o que a AGA estava fazendo. Daí quando eu entro na FAEB... Eu entro já sendo conhecida pelas pessoas. Porque as pessoas sabiam o que a

AGA já tinha feito e sabiam o que eu estava produzindo, quais eram as inquietações... Até os erros, os tropeços, tudo era compartilhado... Não tinha internet ainda. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)



Fig.43 – Mirela Meira e Alice Bemvenuti apresentam a camiseta da AGA-SL no Seminário de Arte-Educação “Memórias e Perspectivas Contemporâneas”, em Pelotas, 2013. Acervo pessoal.

O núcleo da AGA-São Leopoldo produzia bolsas, bottons, adesivos e camisetas para divulgar a associação. No detalhe, a camiseta produzida em serigrafia durante a década de 1990. Esta foto foi tirada durante o relato de Alice sobre sua trajetória na AGA e na FAEB, durante o Seminário “Memórias e Perspectivas Contemporâneas”, ocorrido em Pelotas e Bagé, de 07 a 09 de agosto de 2013.

Olha como isso é importante... Eu fui a Florianópolis, lá conheci as pessoas. Aí a gente consegue movimentar o circuito e traz a Lucimar. Nesse meio tempo (eu me arrepio de falar), nesse meio tempo, a UFU lança um curso de pós-graduação... A UFU é a Universidade Federal de Uberlândia, MG, que era onde estava a Lucimar. E aí a gente se inscreve para fazer a Especialização em Ensino da Arte. O primeiro lugar... Não tinha visto em algum lugar do Brasil que tivesse Ensino da Arte em uma especialização. Imagina, fazer Ensino da Arte em Minas Gerais, ia ser o máximo... Quando a gente traz a Lucimar, a gente diz assim para ela: “Lucimar, a gente tem que

ir até aí fazer uma prova”... E ela responde: “Mas eu estou indo até aí. Como professora da Universidade, eu vou levar a prova lacrada. Vocês vão fazer aí”. Então, a gente faz o circuito. Terminou o circuito, vai todo mundo embora, a gente se encerra numa sala, ela abre a prova lacrada e a gente faz a prova. (P. Tu e quem?) A AGA: eu, o Luciano Tomasi e a Rosana Krug. (P. Os daqui de São Leopoldo?) São Leopoldo. A AGA São Leopoldo. Ela bota de volta, lacra e leva a prova. Aí a gente vai para Pelotas, não-sei-o-que... A gente ganhou bolsa, nós três ganhamos uma bolsa e fomos. Nós íamos, os três, sempre, para Uberlândia. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

**ENSINO DE ARTE:
IDENTIDADE & CULTURA**

2º CIRCUITO ESTADUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO

Associação Gaúcha de Arte-Educação - Núcleos: São Leopoldo 5, 6 e 7/11 - Pelotas 7 e 8/11

Local: São Leopoldo
Auditério Central
Unisinos - Campus

Local: Pelotas
Escola Técnica
Federal de Pelotas

Informações e Inscrições:
São Leopoldo - Fones: (051) 592.2179 - 592.3579 - Fax: (051) 592.3806
Pelotas - Fones: (0532) 27.6661 - 71.1691 - 27.7553

PATROCÍNIO & APOIO CULTURAL

 UNISINOS União de Faculdades de Santa Leopoldina, São Leopoldo e de Extremadura - Centro de Ciências Humanas São Leopoldo	 Young São Carlos, Santa Leopoldina Nova Hamburgo Campo Bom	 62 RUA GRANDE São Leopoldo	 LESSA Associação para a Arte, a Cultura e a Educação Nova Hamburgo
 UNISINOS União de Faculdades de Santa Leopoldina, São Leopoldo e de Extremadura - Centro de Ciências Humanas São Leopoldo	 FOTO MEUS São Leopoldo	 Escola de Danças BALLET SINOS São Leopoldo	 KORALLE Porto Alegre

- Sec. Mun. de Educação, Cultura e Desporto - Esteio - Secretaria Mun. de Educação - Pelotas
- Secretaria Mun. de Educação e Cultura - N. Hamburgo - Secretaria Mun. de Educação - Parobé
- Secretaria Mun. de Educação e Cultura - Igrejinha - Secretaria Mun. de Educação - Sapiranga
- Secretaria Mun. de Educação - Guaiíba

Fig.44 – Cartaz do 2º Circuito de Arte-Educação, 1996. Acervo: Alice Bemvenuti.

Como bem observou Alice, as oportunidades de relacionamento promovidas pela AGA, eram como um canal de acesso à troca de ideias, projetos, viagens, estudos... Esta fala parece resumir a rede de relações estabelecidas na época: “Eu acho que a grande questão do momento foi entender que existia uma rede e que ela era possível”.

Faz quase 20 anos que a gente fez tudo isso, eu era muito nova e as coisas correram muito rápido. Eu me assustei muito. Ainda tenho isso, porque eu faço as coisas acontecerem muito rápido na hora em que eu estou concentrada naquilo. (Entrevista Alice Bemvenuti, 01/04/2013)

O susto a que Alice se refere relaciona-se ao fato de ela ter sido eleita presidente da FAEB no congresso de Campinas, em 1996, apenas um ano depois de ter conhecido a FAEB e com dois anos de intensa experiência na AGA. Na íntegra da entrevista concedida para este trabalho, ela relata o quanto teve dificuldade em atuar à frente da FAEB, tanto pela inexperiência, a pouca idade, quanto pelas diferenças culturais de todo o país, demonstradas principalmente no CONFAEB de Macapá, em 1997, que marcou os 10 anos da FAEB. O outro congresso que ocorreu durante sua gestão foi em Brasília, no ano de 1998.

Durante o CONFAEB de 1996, ano em que Alice e representantes da AGA foram eleitos para a diretoria da FAEB, houve uma ação durante a Bienal Internacional de São Paulo, onde foram cobertas de preto várias obras e monumentos públicos, como forma de protestar, chamando a atenção da importância da Arte na LDB.



Fig.45 – Ação de protesto da AGA/FAEB, em 1996. Acervo: Alice Bemvenuti.

Em dezembro de 1996, seria enfim promulgada a LDB 9394/96 e a luta pela inclusão do ensino de Arte nas escolas brasileiras terminaria com sucesso. Porém, os rumos do movimento seriam abalados dali por diante, já que a inclusão da arte na LDB era a maior bandeira de reivindicação dos arte-educadores. Talvez por isso, muitos digam que a arte-educação é datada e termina com a promulgação da LDB de 1996. Para outros, como eu, a luta continua, é permanente, como o fluxo das águas de um rio.

6º PORTO: ALBERTO COELHO
(AGA-Pelotas e Presidente da AGA-Estadual)

Período na direção da AGA: De 1997 a 1999.

*Entrevista ocorrida em sua residência, no município de Pelotas/RS,
dia 15 de abril de 2013.*



Fig. 46 – Alberto Coelho. Acervo pessoal.

*“Eu estou falando do passado, mas ele se presentifica.
É fundamental na formação do professor, esse momento em que
o professor se vê defendendo um ideal, defendendo uma área de
conhecimento, defendendo a sua profissão, o seu direito a dar aulas.
Sabe? É político. Esse ato político da AGA. Evidenciar isso é muito
importante. Na verdade, eu estou fazendo isso com o meu relato.
A confissão é minha, porque eu me fortaleci muito nesse momento”.*

O professor Alberto Coelho inicia sua fala tratando da importância de ter participado da AGA e o quanto isso refletiu positivamente na sua vida profissional. Lamentou não ter sido criada, nos cursos de formação dos novos professores de arte, uma cultura de valorização da história da arte-educação. Esta lacuna estaria formando uma geração que não sabe o que foi a AGA e ignora a importância de todo esse movimento na constituição de um arte-educador.

Eu me fortalecia como professor, seja dando aula em Rio Grande, de 5ª a 8ª série, seja aqui em Pelotas, dando aula, ou na sala dos professores. Sabe? A defesa... O professor lá da série tal dizia: “Ah, faz um trabalhinho, faz uma musiquinha”. Aquilo já me irritava porque eu tinha outra coisa para dizer a ela, não é? “Está bem, vamos trabalhar juntos. Mas não vamos fazer trabalhinho”, me soava pejorativo. “Vamos fazer um trabalho, vamos fazer um projeto. Tu tens os teus conteúdos, eu tenho as coisas que eu quero trabalhar, vamos integrar”. E isso era de uma militância... Não era uma atuação acanhada, quietinha, no meu canto. Eu queria sim compartilhar as coisas, ajudar na educação daquelas crianças e poderia ser junto com os outros professores, mas eu precisava que eles me ouvissem como professor de Arte. E a AGA me ajudava muito a me sentir assim, cheio de grau. Saber que eu tinha um lastro, eu tinha uma trajetória. E eu via também os outros professores: Encontros de Geografia, professores de Português... E eu dizia: “Ah, eu também tenho, olha, eu tenho uma associação”. Enfim, me fortalecia, sem dúvida. O meu discurso, as minhas teimosias, os meus enfrentamentos com a direção, com a pedagogia, com a pedagoga... (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

Alberto participou da “Gestão Andorinha” do núcleo de Pelotas, entre 1995 e 1997 e assumiu a direção da AGA Estadual em 1997, no mesmo período em que fazia parte da diretoria da FAEB, como 1º secretário da gestão de Alice Bemvenuti (1996-1998).

A Alice Bemvenuti foi uma figura importantíssima, porque a gente não só é amigo, pessoal, o que também movimenta, mas amigo de profissão. O amor da Alice pela arte-educação, pelo ensino de arte, ou pela Arte é tão grande que ela conseguiu nos levar nessa onda de reestruturar a AGA. E aí eu lembro que teve um evento lá na Sapato Florido, aquelas fotos que eu te mostrei, que foi quando a gente se engajou. A palavra engajamento, então, vem com toda a força, porque a gente

assume. A gente pega a ata da AGA e a gente faz. O MALG¹³ aqui, na época do Miranda, ele dá o espaço para nós fazermos a associação ter um endereço, uma sede. E aí tudo foi acontecendo, naquela época, do ápice da AGA no estado... E junto tinha a AGA estadual. Aconteceu a eleição da Nara, mas, na verdade, o que fortalecia mesmo a AGA estadual eram os núcleos. (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

Quando Alberto se refere ao amor à profissão e à amizade em relação à Alice, “que também movimenta”, essa fala nos traz de volta a questão da afetividade que o teria contaminado e o levado a se engajar na AGA.

Em 1995, já estando Alice a trabalhar com Susana Rangel Vieira da Cunha, na Oficina de Arte Sapato Florido¹⁴, acontece o encontro que deu origem à “nova geração” da AGA, os “babyssauros”, conforme os primeiros e-mails da AGA-Virtual.

O evento tinha como tema “Arte-Educação e a Construção do Cotidiano”. Foi a partir deste encontro que, segundo os anais, contou com a participação de centenas de arte-educadores gaúchos, a AGA voltou a viver um momento de ápice em sua história.



Fig.47 – Foto do evento promovido pela Oficina Sapato Florido, 1995. Fonte: AGA-Yahoo.

¹³ Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, ligado à Universidade Federal de Pelotas, dirigido, na época, pelo professor Wilson Miranda.

¹⁴ A Oficina de Arte Sapato Florido é uma espécie de Escolinha de Arte vinculada à Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, com sede na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre.

Na foto anterior (fig.46), o primeiro sentado da esquerda para a direita é Alberto Coelho, a seguir Luciana Loponte, Donald Kerr Jr. (Goy), um pouco à frente, Nara Marone, a seu lado Marly Meira e em pé, à direita, Cleusa Peralta. Nesta foto estão cinco dos sete presidentes da história da AGA.

A gente acaba sendo militante, porque tu vais fazer uma defesa, lá para o deputado, para fazer com que ele mantenha a obrigatoriedade do ensino de arte, então, tu pegas a bandeira. Não é só um discurso, um tanto idealista. É pé no chão, mesmo. E a gente fazia isso por uma convicção. Não era só para garantir o emprego. Mas se tinha a convicção de que era importante sim, se manter a obrigatoriedade. Isso é um exemplo que eu estou te dando. Quando tu encontravas as pessoas para isso... (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

Na gestão Andorinha, a luta pela obrigatoriedade do ensino da Arte era o que fortalecia a convicção profissional de Alberto e seus colegas de profissão. Foi durante esta gestão que, após mais de dez anos de mobilização, a principal reivindicação do movimento de arte-educação foi alcançada. Que finalidade teria a AGA a partir de então? Acompanhamos estes desdobramentos através dos boletins a seguir.

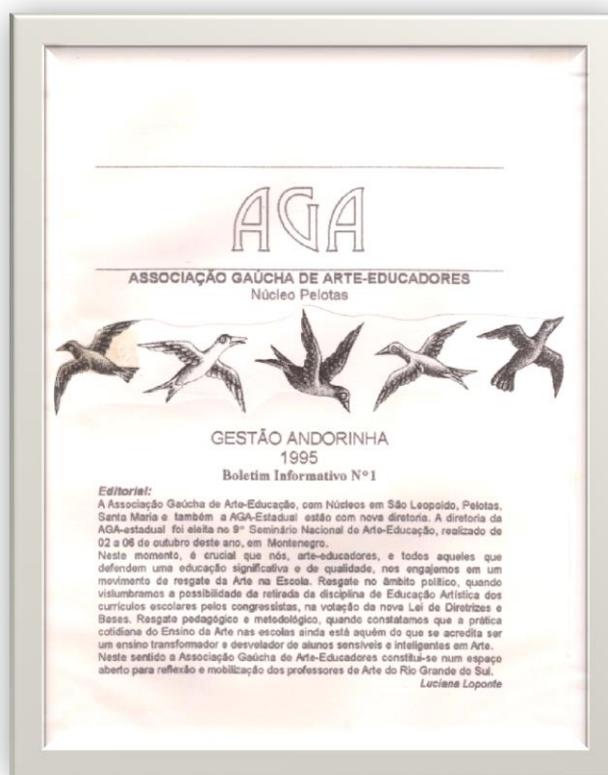


Fig.48 – Boletim da AGA Núcleo Pelotas nº01/1995. Acervo: Alberto Coelho. (Anexo 13)

O resgate político e o resgate pedagógico são a tônica do texto de abertura que integra o Editorial do primeiro boletim da “Gestão Andorinha”, em um período de reestruturação da AGA (pós-Maria Benites), quando ainda havia “a possibilidade da retirada da disciplina de Educação Artística dos currículos escolares pelos congressistas na votação da nova Lei de Diretrizes e Bases”. A gestão “Andorinha” atuou em conjunto com os núcleos de São Leopoldo e Santa Maria, conforme vimos no porto anterior e na foto a seguir.



Fig.49 – Os presidentes dos núcleos, Eliana, Alberto e Alice, 1996. Acervo: Alberto Coelho.

Como reflexo do trabalho desenvolvido pela AGA naquele momento, a eleição da nova diretoria da FAEB, composta majoritariamente por membros da AGA, foi considerada no depoimento de Luciana Loponte como “quase natural”, conforme o trecho a seguir:

Muitas vezes a presidência da FAEB acontece. (P. A AGA nesse momento está no topo?) Estava no topo porque a gente fazia coisas. Organizava circuitos de arte-educação, palestras, enfim, tem uma série de coisas que a gente começa a organizar. Era Porto Alegre, São Leopoldo, enfim, mesmo eu estando lá em Campinas, eu acompanhava de longe. Tanto que, no Congresso da FAEB, a diretoria ser composta pela AGA era uma coisa quase natural. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

No boletim a seguir, após a promulgação da LDB de 1996, a AGA já aparece compondo a diretoria da FAEB em parceria com a AESP. Quatro representantes da AGA Pelotas integravam a nova diretoria: Alberto Coelho, 1º secretário, Donald Kerr Jr. (Goy), 1º tesoureiro, Luciana Loponte, 2ª tesoureira e Cynthia Farina, que integrava a Comissão de Secretaria.



Fig. 50 – Boletim Informativo da FAEB, Ano X, Nº17, 1997. Acervo: Alberto Coelho.

Em 1997, quando a luta política parece ter arrefecido, em função do alcance da garantia do ensino da arte na LDB, o foco da atuação da AGA haveria de se voltar mais à qualidade do trabalho pedagógico e à formação continuada. Assim podemos conferir no texto de capa do próximo boletim:



Associação Gaúcha de Arte-Educadores
Núcleo Pelotas
Gestão Andorinha 1995-1997

Boletim informativo nº 4 - março 1997

**O ENSINO DA ARTE E A NOVA LDB:
DESAFIOS PARA 1997**

Iniciamos a nossa gestão inspirados no ditado popular: “*uma andorinha só não faz verão*”. O verão já está acabando e ainda poucas andorinhas juntaram-se a nós. Somos teimosos, e aqui estamos mais uma vez querendo levantar a discussão em torno de uma causa apaixonante: a valorização da arte na educação. Todos nós, que vivemos a aventura muitas vezes solitária da defesa da arte na sala de aula e na escola, sabemos da sua importância. Por que então não juntarmos forças, trocarmos experiências, garantirmos a qualidade do ensino de arte nas escolas?

No final do ano passado vencemos uma batalha fundamental, a garantia da obrigatoriedade de Educação Artística na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Fato que por si só não garante ainda a qualidade do ensino de arte realizado nas escolas, questão fundamental para a real valorização deste espaço nos currículos escolares. A conquista na LDB, é sem dúvida uma conquista dos arte-educadores congregados em diferentes associações em todo Brasil, e da Federação de Arte-Educadores do Brasil. O nosso desafio agora para o ano de 1997 é muito maior. Garantimos o nosso emprego, precisamos garantir urgentemente a qualidade de nossa ação.

A questão agora é: QUE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTE SOMOS? QUE ENSINO DE ARTE QUEREMOS?
O que tu pensas sobre isso? Qual a tua opinião? Como tu podes participar da incrementação da nossa associação? Quais as tuas sugestões? Qual a tua contribuição?

Escreve. Telefona. Aparece. Participa.
Uma só andorinha não faz verão.



Fig.51 – Boletim AGA-Núcleo Pelotas, nº 04/1997. Acervo: Alberto Coelho.

Este boletim trata como vencida a “batalha fundamental” que foi a garantia da Educação Artística na nova LDB; nele, a diretoria da AGA queixa-se de que *poucas andorinhas ainda voam juntas e o verão já estaria acabando*. Esta referência deixa-nos entrever que para muitos o movimento de arte-educação havia perdido o sentido. Ainda assim, os integrantes da AGA se diziam “teimosos” em seguir discutindo essa questão apaixonante que era a valorização da arte na educação.

Durante a Gestão Andorinha, do final da década de 90, foi que me deparei com a maior profusão de boletins e informativos da AGA. Não caberia neste trabalho incluir todos eles, mas em uma análise geral, naqueles tempos “pós-LDB” as discussões giravam

em torno da formação de grupos de estudos, da implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs¹⁵, informes sobre palestras, cursos, eventos e sugestões de leitura.

Houve um momento em que Alberto esteve ao mesmo tempo na direção da AGA e na Coordenadoria de Educação Artística da Secretaria Municipal de Educação de Pelotas. Foi um momento *muito rico* quando a AGA assumiu um papel na formação pedagógica, em parceria com a SME e com a Faculdade de Educação. Sobre essa experiência, ele conta:

A gente fazia esses projetos com a SME... Lembro de um que foi muito rico, que era SME e Faculdade de Educação. A gente trabalhava com aquelas professoras que não tinham formação, que eram professoras de séries iniciais. Não tinham os especialistas de arte. Então, ali começou a época em que a prefeitura começou a contratar professor formado pra trabalhar com séries iniciais. Só que nem todas as professoras (que eles chamavam de professora-regente) recebiam esse professor. Foi um trabalho difícil, tinha uma resistência, porque elas queriam a folga aquela... Tinha uma ideia de folga para elas, de que o professor de Educação Física e de Educação Artística as liberavam quatro períodos na semana. Mas a gente se propôs a isso e foi muito rentoso. Eu lembro bastante da gente trabalhando na Félix da Cunha ali, onde era o MALG e naquela casa cor de rosa... A gente usava aquela sede também, para trabalhar com esse grupo. E foi muito rico. Bom, aquele material, aqueles impressos da pasta, que eu te emprestei, ali revela bastante daquela movimentação que a gente fez naquela época e ficaram vários registros dessa atuação. (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

¹⁵ Parâmetros Curriculares Nacionais – publicados em 1997 para “servir de referencial para o trabalho do professor, respeitando a sua concepção pedagógica e a pluralidade brasileira”. (Fonte: PCN/Arte, 1997)



Fig.52 – A AGA reunida em sua sede no MALG, em Pelotas, em 1997. Acervo: Alberto Coelho.

Na foto, vemos ao fundo, desde a esquerda, Alberto Coelho, Alice Bemvenuti, Márcia Dias, que seria a próxima presidente do Núcleo Pelotas, Luiz Roberto Barbosa e Wilson Miranda, então diretor do MALG. Miranda foi quem cedeu o espaço do museu para que a AGA tivesse uma sede com endereço em Pelotas. No centro, vemos Ceres Torres, e na frente, da esquerda para a direita, Luciana Loponte e Cecília Borges, da Faculdade de Educação da UFPel.

Ao mesmo tempo em que a AGA teimava em manter suas atividades, o Instituto Arte na Escola semeava polos dentro das universidades pelo Brasil inteiro e, em parceria com o MEC, assumia o papel de divulgar os PCNs, conforme o relato de Isabel Petry:

O momento era outro, já não havia necessidade de tanta luta, porque [a Arte] estava incluído na lei. Só não se sabia como ia ser cumprida essa lei, não é? Eu trabalhei, depois, nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nós estivemos, a partir de um convite do MEC para o Instituto Arte na Escola, para fazer um trabalho nas secretarias de educação em todos os estados. Um trabalho de informação sobre os referenciais curriculares na área de artes e de formação de professores. Era um trabalho muito interessante, com vários professores, foi um trabalho de fôlego, realmente. Nós estivemos desde o Tocantins, passando por todo o nordeste, vindo até Santa Catarina... Isso foi em 1997/98. Um grande grupo de professores... A Ursula, de

Pelotas, participou. Achava-se que a partir dali haveria uma mudança. Eu acho que ela não se constituiu e eu percebo pela minha vivência do Instituto Arte na Escola e de participar de encontros nacionais, onde estão várias universidades reunidas, vários professores de universidades e da área de arte, que em determinado momento a coisa fica muito forte, daqui a pouco ela esmorece, há um cansaço... Aí dá uma retomada, dá um cansaço, há uma retomada... Então, a lei era muito interessante, lá no papel, mas eu acho que a formação de professores não condiz com o que a lei sugere. (Entrevista Isabel Petry, 03/04/2013)

No mesmo período em que a caravana do *Arte na Escola* percorria o país, o cansaço acaba vencendo a teimosia do grupo da AGA. O último boletim impresso a que tivemos acesso traz na capa uma gravura do artista gaúcho Glauco Rodrigues¹⁶, indicando um retorno ao “pago” e uma afirmação da identidade do movimento de arte-educação no Rio Grande do Sul.

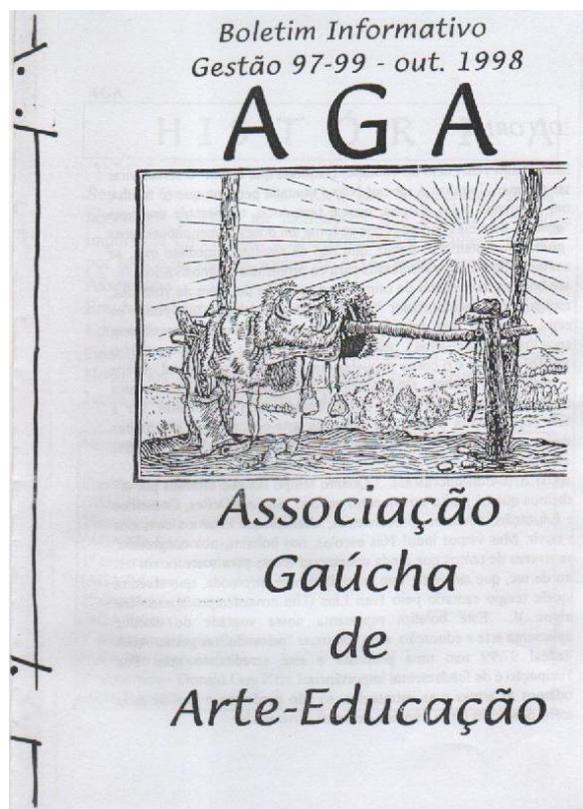


Fig.53 – Boletim da AGA-Estadual, outubro de 1998. Acervo: Alberto Coelho.

¹⁶ “Paisagem Gaúcha” – 1954 – linoleogravura – 24 X 33.cm – Coleção Renato Rosa.

Este boletim já demonstra uma preocupação com o registro da história da AGA, passados quatorze anos após a sua criação. Preocupação, aliás, compartilhada por esta pesquisa.

Nota-se que a diagramação já era totalmente feita por computador e a popularização do uso desta nova ferramenta de comunicação prenunciava a grande mudança de configuração pela qual a AGA passaria na próxima década, século e milênio, ao entrar nas redes sociais, deixando para trás os encontros presenciais.

Perguntado sobre a última atividade presencial da AGA em que participou, Alberto relembra:

Teve um encontro em Rio Grande, em que a gente elegeu uma presidência... E lá já se pensava: “Bom, já estamos com a garantia da obrigatoriedade, a arte já está na sala de aula. Vamos falar de qualidade” (...) Mas ali foi um encontro, em Rio Grande, que teve um monte de professores, na Escola de Belas Artes, a Cleusa Peralta estava, e onde se promoveu a AGA. Não sei exatamente quando... 1988, 1999... Ou foi em 2000? Ah, sabe quando? Quando caíram as torres gêmeas... 2001. No dia em que os aviões se chocaram. Nós estávamos em Rio Grande, num seminário de arte-educação promovido pela faculdade e estava a Cleusa... Lembrei. A gente olhava na TV aquilo, mas não sabia o quê que era. Achava que era a Terceira Guerra Mundial, enfim. Eu lembro de que essa preocupação veio à tona: “Vamos falar agora de qualidade. Como é que está o ensino? Como que isso está sendo levado adiante? Como saber o que está acontecendo, minimamente, dentro da sala de aula, naqueles períodos? Lá no colégio, longe do centro, ou no próprio centro. O que o professor tem feito? Leitura de imagem, por exemplo. Releitura, virou a regra”... Então, eu acho que é isso, o resultado dessa atuação após PCN, após 11 de setembro... Torres gêmeas... (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

Para muitos analistas, o episódio da queda das torres gêmeas (World Trade Center), em 2001, transmitida ao vivo para todo o globo, marca o início de uma nova era, assim como a queda do muro de Berlim, em 1989, também foi considerada um “divisor de águas” na história contemporânea.

Voltando ao movimento de arte-educação gaúcho, não vejo razão em desprezar este simbólico exemplo global (a queda das torres gêmeas) para ilustrar o encerramento de um ciclo local. O filósofo Michel Serres analisa este deslocamento através de uma referência à paisagem:

A palavra latina *pagus*, terreno lavrado, refere-se a velhas palavras cuja origem indo-europeia designa a estaca de madeira que se introduz na terra para delimitar o terreno, a pedra funerária da qual procede a tumba e a moradia construída ao redor da casa e das estátuas dos santos protetores, deuses *pagãos* ou ancestrais camponeses a quem se consagrava a habitação, as plantações, a paz serena que envolve a paisagem como uma auréola e, finalmente a *página* da internet em que anteontem eu escrevia essa venerável pré-história, a mesma que juntamente com o *pagus* acabamos de abandonar pela tela de um monitor. O endereço dirige-se para esse lugar pesadamente sobrecarregado. (...) A paisagem abandona para sempre o antigo *pagus* e o conjunto de sentidos que essa palavra envolvia (SERRES, 2003, p.213).

Hoje, o “pago” da AGA não é mais localizado no CDE, no CEPERGS, no edifício do Edel Trade Center, ou nas dependências do MALG/UFPel. Longe da antiga paisagem, o novo endereço da AGA é em uma página da internet e se encontra em qualquer monitor do mundo. <http://br.groups.yahoo.com/neo/groups/AGArs/conversations/messages>

7º PORTO - LUCIANA LOPONTE
(AGA-Pelotas, AGA-Estadual e Vice-Presidente da FAEB)

Período em que atuou na AGA: Desde 1995.

Entrevista realizada em sua sala de trabalho na universidade (UFRGS), em Porto Alegre/RS, dia 02 de abril de 2013.



Fig.54 – Luciana Loponte. Acervo pessoal.

*“Para mim, a AGA tem a ver com movimento,
com arte-educação e com a defesa da arte na educação.
Tem a ver com militância, então, tem afeto.
Conhecer pessoas que tem as mesmas paixões que eu.
O sentimento que me evoca é esse sentimento
de pertencimento a uma comunidade maior.
Que os meus problemas ligados à arte e à educação
são compartilhados por outras pessoas.
Os problemas e as soluções.
Para mim, o sentimento que a AGA e a FAEB me evocam
é esse sentimento de pertencimento
que os nossos alunos aqui não tem”...*

Luciana inicia seu relato falando na força dos afetos e na importância do sentimento de pertencimento que a AGA evoca. Compara a formação de seus alunos à sua própria formação e lamenta a falta de envolvimento deles com um movimento instigante como o de arte-educação.

O que foi que eu aprendi com a AGA e com a FAEB que eu tento passar para os meus alunos? Essa geração nova que chega ao primeiro dia de estágio dizendo: “Eu vim fazer esse estágio porque eu quero me livrar dessa licenciatura, eu quero terminar esse curso de uma vez”. Essa geração que chega ao primeiro dia de aula do estágio porque quer se livrar. A maioria não quer ser professor de arte. Eu falo na AGA, falo na FAEB, falo que existe todo um universo de pessoas preocupadas com a arte na educação, que falar sobre arte na educação é sério, tem uma responsabilidade, tem um conhecimento, tem uma pesquisa... Eu começo a apresentar isso. Uma coisa que eu fico falando para os meus alunos, quando eles se queixam do curso: “O quê é que faz um curso? É a trajetória que tu vais construindo”. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

A trajetória a que Luciana se refere nestes dois depoimentos (acima e abaixo) muito se assemelha aos “mergulhos” que propus nas páginas anteriores, as histórias de vida que fomos agregando durante o curso de nossa formação. Luciana, Alberto, Goy, Márcia Dias, Luiz Roberto e vários nomes que não foram citados aqui, mas que participaram de vários eventos narrados neste trabalho, frequentaram o mesmo curso de formação que eu, na UFPel, mais ou menos na mesma época. A professora Myriam Anselmo deu aula para todos nós e foi a responsável por divulgar a ideia da AGA entre aquela “nova geração”.

E o que fez o meu curso foram várias coisas. Uma professora que fez a diferença e disse assim: “Olha, existe a AGA”. Ela [Myriam] nos chamou para umas reuniões da AGA, a gente chegou a ir. E tinha um grupo que era o Goy, o Alberto... Isso fez a diferença também. Então, aquela nossa ida ao FLAAC, aquilo nos mudou muito. A questão de ir a um grande evento, por mais que lá no FLAAC a gente não tivesse, em relação à FAEB, a dimensão do que estava acontecendo... A gente estava lá. Eu me lembro de a gente ter ido ao Banco Central, a gente viu a Ana Mae, a Ivone falando, enfim, era algo importante, ainda que para nós não tocasse tanto. O fato de a gente ir aos eventos, esse grupo que se constituiu, a gente se instigava um ao outro... Eu me lembro que, desde o FLAAC, eu pensava que a cada ano: “Eu tenho que ir a algum lugar, a algum evento” e os eventos foram nos constituindo... O

Seminário de Montenegro, onde a gente conheceu a Ana Mae, a Ivone, a Miriam Martins (ela esteve lá na UFPel num seminário)... A gente começou a conhecer essas pessoas. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Foi com este grupo que “se instigava um ao outro” que, mais tarde, Luciana iniciaria sua atuação na AGA, durante a gestão Andorinha, do núcleo Pelotas. O próprio lema da gestão já trazia implícita a ideia de união e de coletividade – *uma andorinha só não faz verão*. Em um trecho de sua entrevista, percebemos que uma das causas do arrefecimento da AGA surgiu quando os integrantes do grupo foram, cada um, desenvolver seus projetos individuais:

Qual foi o momento em que começou a dispersar? Quando a gente começou a desenvolver os nossos projetos individuais de mestrado. Em 1995 eu fui fazer a seleção de mestrado na UNICAMP e então eu saí de Pelotas. Ficou o Alberto. Era sempre mais eu e o Alberto. E aí chegou o momento em que eu saí. A Cecília ficou com o Alberto, mas ali dispersou. A gente conseguiu ainda a Márcia Dias (...) e ela ficou com a presidência. Eu me lembro que quando eu voltei, eu terminei o mestrado e eu fui apresentar a minha dissertação numa reunião da AGA. Eu tenho a foto de eu apresentando... (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

A AGA da Gestão Andorinha dividia suas atividades entre práticas políticas e pedagógicas. Juntamente com os núcleos de São Leopoldo e Santa Maria, trazia palestras, promovia eventos e atuava no cenário local, estadual e nacional. Até que, em 1996, a LDB foi aprovada e o grupo da AGA, quase que automaticamente, assumiu a diretoria da FAEB. Conforme falamos anteriormente, o CONFAEB de 1996 realizou-se em Campinas/SP, cidade onde Luciana estava fazendo o curso de mestrado, ao lado de uma ilustre colega, Ivone Richter. Sobre este período, Luciana continua sua narrativa:

A AGA tinha esse papel político e o papel formativo. A gente cumpria um papel que o ILA¹⁷ não fazia, de falar sobre o movimento de arte-educação, apresentar publicações, o que estava acontecendo... A gente fez esse trabalho. Tanto que em 1996... O que estava acontecendo em 96? (...) Foi bem o momento em que eu estava em Campinas estudando e para a minha sorte, para a minha alegria, a minha colega de aula era a Ivone Richter. Porque eu fui fazer o mestrado com a Célia Almeida e a Ivone estava começando o doutorado com ela. Foi aí que eu

¹⁷ ILA – Instituto de Letras e Artes, antigo nome do atual Centro de Artes da UFPel.

conheci a Ivone. Eu fui colega e amiga dela, convivemos muito desde então. Eu tinha a minha atuação na AGA e lá eu comecei a conhecer os bastidores da FAEB, junto com a Ivone. Os bastidores políticos da FAEB. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Naquele momento histórico de promulgação da LDB, a parceria de Luciana e Ivone em Campinas/SP se revelou estratégica para que a AGA se aproximasse da FAEB e da AESP, a ponto de reunir paulistas e gaúchos na diretoria que seria eleita para a gestão 1997-1999, que teve Alice Bemvenuti como presidente.

Enquanto isso, nas eleições de 1998, Olívio Dutra, do PT, passa a governar o estado do Rio Grande do Sul. Durante o mandato de Olívio (de 1999 a 2002), no ano de 2001, a capital dos gaúchos, Porto Alegre, sediaria o 1º Fórum Social Mundial¹⁸. Entre tantas transformações daquele início de século e de milênio, os movimentos sociais também se transformariam. Luciana fala sobre a última atividade da AGA que recorda:

A última ação grande: Assumiu o primeiro governo do PT estadual (que era o Olívio) e nós fomos à Coordenadoria de Educação de Pelotas com uma lista. A gente pegou a Carta do CONFAEB de Goiânia com várias reivindicações nacionais, elaboramos um documento e levamos para a Coordenadoria de Educação, exigindo e tal. Mandamos o mesmo para coordenadores de cursos de Pedagogia, coordenadores de Artes Visuais, várias correspondências... Então, a gente tinha essa atuação política. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Desde aquela última atividade, no início do governo Olívio Dutra, passando pelo encontro ao qual Alberto Coelho se referiu em setembro de 2001, os documentos e depoimentos nos mostram que, após este período, a AGA esteve mais um tempo submersa. O início dos anos 2000 também mostrou uma desarticulação do movimento de arte-educação a nível nacional. Segundo AQUINO (2012), desde a criação da FAEB em 1987, os CONFAEB¹⁹s deixaram de acontecer apenas três vezes, justamente nos anos 2000, 2002 e 2005.

¹⁸ O Fórum Social Mundial (FSM) é um evento *altermundialista* organizado por movimentos sociais de muitos continentes, com o objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. Seu *slogan* é *Um outro mundo é possível*. Nas sucessivas edições o número de participantes esteve entre 10.000 a 15.000 em 2001 e cerca de 120.000 em 2009. Fonte: www.pt.wikipedia.org/wiki/Fórum_Social_Mundial

¹⁹ Congressos da Federação dos Arte-Educadores do Brasil que ocorrem anualmente há cerca de 25 anos (durante a elaboração desta pesquisa, participei do 22º e do 23º CONFAEB, realizados, respectivamente, em São Paulo/SP, 2012 e Porto de Galinhas/PE, 2013).

6º Mergulho - Minha geração conviveu com a sombra do fim do mundo. Atravessamos os perigos do final século cercados por ameaças de toda ordem como o risco de suicídios coletivos, o “bug do milênio”, quando a “virada para o ano zero-zero” acarretaria um grave colapso tecnológico e confesso que senti um certo alívio ao constatar que as temíveis profecias para o início dos anos 2000 não se concretizaram. Talvez este alívio generalizado tenha contribuído para que ocorresse o citado arrefecimento do movimento de arte-educação na primeira década do novo milênio. Contaminada pela nova consciência planetária (Morin, 2000) e repetindo o slogan do Fórum Social Mundial (dos quais participei nas primeiras edições realizadas em Porto Alegre), que “um novo mundo é possível”, me vi cruzando fronteiras rumo à Europa, em 2003 e indo viver por um ano nas longínquas e altaneiras terras de Minas Gerais, em 2005. Senti na pele a chegada dos novos tempos, quando o trânsito se torna a regra. Conhecer novos lugares, novas línguas e linguagens e entrar em contato com diversas culturas me levaram a reconhecer a importância do eco das condições globais nas minhas mais remotas especificidades locais. Voltar à AGA, por exemplo, foi uma inspiração amorosa que me chegou enquanto me deparei com uma faixa em frente à Escola de Belas Artes da UFMG. Ali constava a sigla AMARTE, que significa Associação Mineira de Arte-Educação. Outra vez longe de casa, a recomendação de “amar-te” fez com que eu voltasse a questionar como andaria o amor pela minha própria associação de arte-educadores, a AGA. Naquela época, meus estudos na UFMG não estavam diretamente relacionados à arte-educação ou ao ensino da arte. Na verdade, o que obtive na FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) foi uma formação de historiadora, a qual determinou, em última instância, o rumo do projeto que vim desenvolver na presente dissertação.

Em uma curva do rio da história, eis que a AGA ressurgiu, no ano de 2005, com uma diretoria provisória e um ambiente virtual na rede de computadores. Durante este período de transição, Luciana conta que a criação da *lista de discussões* se deu sob inspiração da recém criada *Lista da FAEB* e graças ao incentivo de sua ex-colega e amiga, Ivone Richter, matriarca da arte-educação gaúcha:



Fig.55 – Reunião de revitalização da AGA na casa de Ivone Richter, em 2005. Fonte: AGA-Yahoo.

Foi criada a lista da FAEB. Começou logo a ter muita gente e passou a ser um fórum não oficial da FAEB. Daí se começou a ver a importância das listas... E a Ivone dizia: “Luciana, tu tens que criar uma lista, tu viste como a lista da FAEB”? A Ivone ficava instigando: “Tu crias uma lista”. Então, em 2005, eu criei a lista para nós podermos divulgar as coisas. A data de criação dessa lista deve ser depois da minha defesa do doutorado porque eu estava enlouquecida, como qualquer pessoa que está terminando uma tese. Depois, era quase uma promessa para a Ivone: “Não, Ivone, depois que eu terminar”... (Eu acho que foi em junho.) Não é por acaso, junho... Eu defendi a minha tese no dia 03 de maio de 2005. Foi quando eu pude me dedicar e voltar a pensar nessas coisas, porque antes eu estava completamente tomada com o trabalho. Eu estava trabalhando na UNISC e terminando a tese. Então, não é à toa que foi depois. Um mês depois de terminar a tese... (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

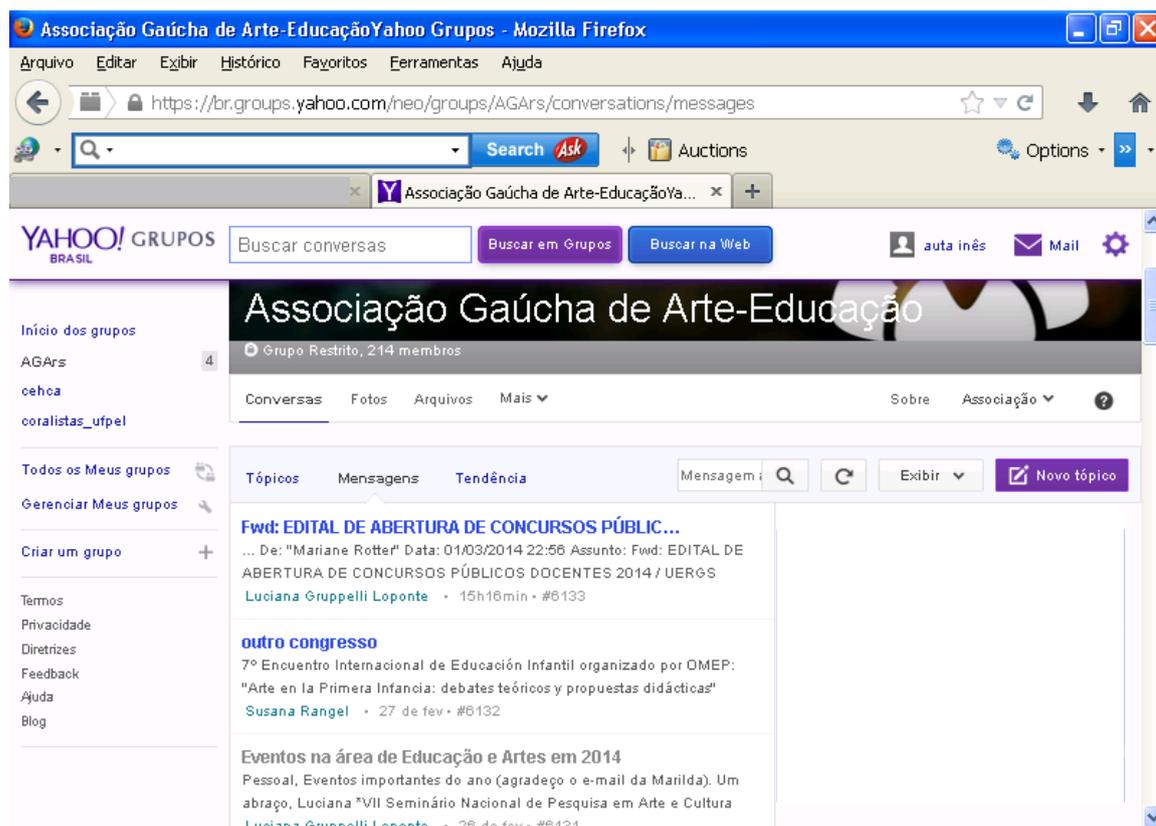


Fig.56 – Página da Lista de Discussões da AGA-Yahoo. Acesso em 03/03/2014.

Criada em 18 de junho de 2005, com o objetivo de “recuperar este movimento e esta história”, a lista da AGA-Virtual totalizava no dia do acesso, 214 membros e um acervo de 6.133 mensagens. Pode parecer pouco, mas é o que tem mantido a AGA “viva” até hoje. Acompanhando os novos tempos, neste ambiente virtual, a AGA ainda existe e continua sendo um espaço de conexão entre os arte-educadores gaúchos.

E a Ivone sempre foi uma pessoa que ficou ali me instigando, até porque eu acho que ela tem essa coisa também de não querer que morra tudo o que foi construído. Então ela fica nos instigando assim. E por ela, por causa dela, eu disse: “Vamos fazer a lista”. Eu comecei a lista e a gente divulgou num seminário de Montenegro. Tinha umas tirinhas, a gente fez umas tirinhas: “Como se associar à AGA”, a gente começou a distribuir para as pessoas, convidar pessoas e tal... e a lista foi crescendo. Hoje eu não sei quantos tem... Duzentos e poucos? É, e tem pessoas que não sei se estão recebendo todos os e-mails... Mas, a princípio são essas pessoas e sempre tem gente pedindo para entrar. Umhas pessoas eu acrescento... Alunos, eu começo a acrescentar, enfim. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

A sombra da “morte de tudo o que foi construído” parece ter sido o grande motivo da criação desta lista. Os encontros virtuais, que aos poucos passaram a substituir as reuniões presenciais, foram se tornando cada vez mais raras e o sentido desta associação começa a se transformar e mesmo a ser questionado, conforme o depoimento a seguir:

A gente começou com a lista e a ideia era a diretoria provisória, a lista e depois conseguir fazer um evento. Essa era a ideia, só que... Se a gente olhar a lista, vai ver que houve tentativas de se fazer reunião, mas chegou um momento em que não adiantava se reunir com as mesmas pessoas... Então tá. Para mim, a lista é isto: compartilho as coisas, quando tem uma questão a gente traz ali e, e eu acho que uma grande discussão, assim, não tem, não é? Talvez, para tu toques nisso, é: “Qual é o sentido dessa associação hoje”? (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

As tentativas de reunião fracassavam, as pautas não eram mais tão urgentes, as pessoas eram sempre as mesmas e os núcleos regionais não tinham mais uma ação tão efetiva. A diretoria provisória acabou jamais deixando de ser permanentemente provisória, pois o grande evento pensado para formalizar uma eleição, acabou não acontecendo. Talvez por isso Luciana não se considere presidente desta associação, ainda que, na última ata do Livro da AGA, seu nome conste liderando a diretoria.

800

DE 2005 AS 14 h NO AUDITÓRIO DO MARGS, A AGA ESTARÁ REPRESENTADA NA REUNIÃO REGIONAL DA CÂMARA SETORIAL DE ARTES VISUAIS DIA 26 DE SETEMBRO DE 2005. O GRUPO PRESENTE DEFINIU UMA DIRETORIA PROVISÓRIA, ATÉ CONSEGUIR ELEGER. PRESIDENTE - LUCIANA LOPONTE - UNISC; 1º VICE-PRESIDENTE - MARY MEIRA - GEARTE; 2º VICE-PRESIDENTE - IVONE RICHTER - UFSM; 1ª SECRETÁRIA - VERA LÚCIA MAESTRO - MARGS; 2º SECRETÁRIO - GERALDO AFONSO - PROF. EST. E MUN. PORTO ALEGRE; 1º TESOUREIRO - AUBERTO COELHO; 2º TESOUREIRO - GOY (DONALD KERR JR) - ULBRA; BUSCAR UM CONSELHO CONSULTIVO COM REPRESENTANTES DE VÁRIAS UNIVERSIDADES DO RS (CONVITES); DEFINIR UMA MENSALIDADE DE R\$ 10,00 PARA CADA ASSOCIADO; ABRIR UMA CONTA PARA A AGA; AMPUAR O MOVIMENTO PRO-AGA; INCREMENTAR A LISTA BLOG DA AGA (POR LUCIANA E GERALDO). PRÓXIMA REUNIÃO DIA 05 DE NOVEMBRO DE 2005 NO AUDITÓRIO DO MARGS AS 14 h. *Luciana*

Fig.57 – Última ata do Livro da AGA – 24/09/2005. Acervo: Luciana Loponte.

Perguntada sobre quem foi a última presidente da AGA, Luciana responde que ela “é representante de algo em torno da AGA”, pois não considera mais que a AGA seja uma associação, ou, como consta no site da FAEB, esta associação está desativada.

(P. Tu és a atual presidente da AGA?) *Não. Eu não sou nada. (Quem foi o último presidente da AGA?) Seria eu. Eu era presidente de uma diretoria provisória. Só que a gente começou a marcar reunião e começou a ficar difícil. Ninguém mais se dispunha a ir. Então foi uma diretoria que acabou assim. Era provisória, até a gente conseguir fazer um evento e poder eleger. Então, eu não me sinto presidente. Não me sinto mesmo, porque o quê que é? (...) Na verdade, as pessoas falam: “a presidente”... Não me sinto. Eu sou representante de algo em torno da AGA, mas eu*

não me sinto presidente de algo que não tem. Não é uma associação. Eu tenho uns documentos... Eu herdei, vamos dizer assim: "Bom, vamos revitalizar a AGA". Só que não se faz isso sozinho. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Luciana herdou, além de papéis, a responsabilidade de manter a mediação da lista de discussão virtual, tarefa que atualmente divide com a professora de arte caxiense Maria Helena Rossi, da UCS (Universidade de Caxias do Sul). A herança material da AGA, composta por um Livro Ata e alguns documentos não mais parece suficiente para manter a AGA ativa. Afinal, o que não está ativo na AGA? Esta foi uma das questões feitas aos oito entrevistados desta pesquisa. Entre as tantas respostas, destaco a de Alberto Coelho:

Nesse momento, lá está desativado. Eu acredito que está ativado. Mas, o que está desativado lá não é o mesmo botão que eu ativo aqui, entendeu? São botões diferentes. O que está em "off" lá está "on" aqui, mas não são da mesma ordem. A FAEB nos quer tentando reunião semanal, pagando "não-sei-o-quê" periodicamente, discutindo estatuto... Isso não tem... E acho que não vai ter mais. (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

As relações interpessoais que se estabelecem hoje, atravessadas pelas novas tecnologias, acontecem de maneira diferente do que aconteciam há trinta anos atrás. Porém, esta diferença não impede que tais relações continuem influenciando o movimento dos arte-educadores gaúchos. Novamente recorro a Maffesoli (1995) para compreender esta situação ambígua de atividade/inatividade:

As mitologias ativistas vem sendo substituídas pelo "não-fazer", pelo "estar-junto-à-toa" (...) Essa criação, que foge da lógica ativista própria da modernidade, é em muitos aspectos escondida, secreta, misteriosa. Ela não se deixa apreender pelos instrumentos de análise correntemente utilizados pelos sociólogos, mas não deixa de ser forte e sólida. Mesmo não sendo ativa, ela "faz sociedade". É esse paradoxo que é preciso abordar de frente. Para isso é preciso lembrar que pode haver nele uma ética-estética (MAFFESOLI, 1995, p.48).

A informalidade dos vínculos na AGA Contemporânea não a torna mais ou menos ativa, pois, ela continua a "fazer sociedade". Esta situação se reflete na próxima fala de Luciana:

Eu sei que as pessoas estão vendo, mas, por mais que as pessoas não se manifestem, desses 240, quem é que está lendo ali? Quem é que vê o meu e-mail e deleta? Ou quem é que vê o meu e-mail e pensa: "Bah, que legal", porque fica sabendo... Às

vezes, eu encontro pessoas que me dizem: “Ah, eu vejo as coisas que tu postas”. As pessoas me encontram e perguntam: “Tu que és a Luciana”? Eu nem sei onde está indo o meu e-mail. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Não há mais apenas um direcionamento possível na ação institucional da AGA, que parece pulverizada. Entre aquelas mensagens eletrônicas, cada um responde a que mais lhe interessa, às vezes comentam, às vezes compartilham com outras redes, outras, ignoram. Característica típica das tribos contemporâneas, o desengajamento da ordem do *político institucionalizado*, sinaliza a entrada nas dinâmicas da socialidade e na ordem da *potência instituinte* (MAFFESOLI, 2000). Esta transição tem cada vez mais abalado as relações entre a AGA e a FAEB.

Criada para agregar as associações regionais de arte-educadores, a FAEB já não pode mais contar formalmente com todas elas. Ultimamente, inclusive, tem adotado uma política de associação direta com a nacional, o que aumenta a pertinência da discussão sobre qual o atual sentido das representações estaduais.

No CONFAEB as pessoas falam AGA e olham para mim. E eu falo: “Eu não sou presidente da AGA”. Eu repito o mesmo discurso: “Tem uma lista de discussão e tal”, mas a FAEB vive das associações. E a FAEB tem essa crise toda, há tempos, porque não é só a AGA. Não tem nenhuma associação assim... Se a AESP que é a AESP tá nessa, nessa revitalização, nessa volta, que não vai nunca, não consegue... É o mesmo motivo que a gente não consegue aqui. (...) Porque eu acompanhei muito a discussão da FAEB: “Vamos nos associar à FAEB, vamos manter as associações”. (...) Eu não tenho como manter um CGC. Eu me lembro que na época que a gente retomou, eu cheguei a ligar, eu estou com o papel do CGC lá. ainda está no nome da Marly. Talvez a Marly até tivesse problemas, entende? (...) Mas essa institucionalidade, esse era um problema da FAEB. Quando algumas associações, presidentes ou diretorias, quando tu vais fazer uma reivindicação no congresso: “Tá, quem é a FAEB? Quantos associados vocês têm? Me fala”. Porque a ANPED tem como dizer isso. A ABEM tem como dizer isso. Nós temos no quadro de sócios, atualmente, tantas pessoas que pagam, tantos pagantes. A FAEB não tem condições de dizer isso. Agora ela tem condições, um pouquinho, porque está começando essa cultura. A AGA não tem. E aí eu vou chegar na frente do governador e vou dizer assim: “Eu sou a louca da AGA, que eu prometo para ti que tem um monte de gente atrás de mim”. E vou lá, só eu, na cara e na coragem? (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Segundo Maffesoli (2000, p.05), na socialidade que se apresenta, “para quem e para além das formas instituídas que sempre existem e que às vezes são dominantes, existe uma centralidade subterrânea informal que assegura a perdurância da vida em sociedade”. A AGA que temos hoje existe informalmente, tal como as tribos contemporâneas e com as características atribuídas a essas *comunidades emocionais* que são: “o aspecto efêmero, a composição cambiante, a inscrição cambiante, a inscrição local, a ausência de uma organização e a estrutura quotidiana” (MAFFESOLI, 2000, p.17).

Novos tempos, gerações que se sucedem e delineiam novos movimentos sociais articulados via rede, tudo isso indica uma configuração renovada. Que AGA teremos agora? Sobre isso, pondera a última “presidente” da AGA:

Que AGA é viável? O movimento que teve aqui ontem foi impressionante, eu estava aqui vendo os estudantes fechando o túnel da Conceição, e foi tudo articulado via rede. Rede social. Então, hoje a rede social tem um papel importante. As pessoas estão se mobilizando e tem cada vez mais um apelo para as pessoas: “Sai da frente do computador e vem para a rua” e as pessoas estão indo. Vai ter outro movimento quinta-feira. Sai da rede e começa a circular na rede, então, essa rede, ela é a ativação de algo, tem uma rede colocada aí. Qual é a nossa? A gente tá aproveitando todo o potencial dessa rede? Talvez não. (P. Não, ela está fermentando.) Mas ela está fermentando, se surge alguma coisa, se alguém resolve, assim: “Nós vamos retirar o ensino da arte das escolas”, aquela rede pode ser que apareça. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

O potencial desta rede parece fermentar. Se seguirmos o rumo desta suposição, a AGA-Virtual parece encontrar-se em estado de latência. O filósofo Michel Serres (2003) nos auxilia nesta reflexão:

As novas máquinas dirigem-se diretamente ao grande número, ao coletivo. Consequentemente esse coletivo se reconstrói e o faz como se começasse a fazê-lo. Vivemos esse acontecimento como se ele estivesse nascendo. (...) A política se transforma; com efeito, essas técnicas adquirem um poder ativo sobre os fenômenos sociais e dominam os homens de Estado; o direito e os cultos encontram-se por sua vez transformados, porque fabricam as vítimas e os deuses. Que filósofo, mesmo recente, poderia ter acreditado que um dia pudessem existir máquinas apropriadas para fabricar a política, a moral e a religião, que o *homo-faber* modelaria o *homo-politicus*, ou que o transmissor assumiria todos os lugares? (SERRES, 2003, p.239)

Quem estará por detrás destas máquinas nos novos tempos que se apresentam?
Sobre esta preocupação, Luciana Loponte continua o seu depoimento:

Que apareçam mais lideranças. Porque eu acho que é uma coisa que a Alice falava, desde a época da FAEB, que é um problema da FAEB e da AGA também: a formação de novas lideranças. Se tu foste à assembleia da FAEB lá, tu vias, em São Paulo, a gente via pessoas novas falando e querendo atuar. Tem uma menina de São Paulo que estava lá a mil... Não sei até quando ela vai aguentar, porque aí vem “os grandões” que ficam podando essas novas lideranças... (P. E ironizando, né?) Ironizando, entende? Não tem uma preocupação em formar essa geração nova. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Voltamos à questão inicial. É justamente às novas gerações que se dirige este trabalho, visando trazer à tona a história da AGA, como um relato e uma provocação aos futuros professores de arte, tanto mais arte-educadores quanto mais forem comprometidos com os movimentos sociais.

Sigo o curso dessas águas em direção à foz, com o eco das palavras que meu bisavô materno, Laudelino Medeiros, dedicou aos seus descendentes em seus escritos sobre a genealogia da família: “para que não tenham que baixar os olhos quando perguntados sobre os seus antecedentes”.

IV. TRANSBORDAMENTOS DA TERCEIRA MARGEM

Quando um homem atravessa a nado um largo rio ou um braço de mar,
 Como a ler ou a escrever, um autor ou um leitor atravessa um livro e o acaba,
 Acontece por instantes que franqueia um eixo, um meio,
 Igualmente distante das duas margens.
 Aí chegando, continuar em frente ou regressar será a mesma coisa?
 Antes desse ponto, para lá desse instante,
 O campeão ainda não deixou a sua terra de origem,
 Enquanto depois, é já o exílio a que se destina que o submerge.
Michel Serres

Concluídos os testemunhos obtidos nos sete portos, recolho as redes da AG(u)A e passo a organizar os resultados deste trabalho, consciente de que outras redes serão jogadas nas mesmas águas e delas surgirão outras reflexões, quem sabe variações sobre o mesmo tema.

No ancoradouro dessa *navegação aganática* volto às questões iniciais, revendo o processo e analisando as reverberações obtidas.

As perguntas que me assolavam no início deste trabalho eram as seguintes:

- Um grupo de discussões no espaço virtual terá se tornado a única configuração que tomou a AGA? O que aconteceu com aquele forte movimento que tanto influenciou na formação da geração de arte-educadores da qual faço parte?
- Que relação haverá entre as mudanças ocorridas na AGA com as transformações do ensino da arte durante estes últimos trinta anos?
- Com a revisão da trajetória do movimento de arte-educação, os protagonistas da AGA revelarão indícios que nos permitam compreender melhor a nossa prática cotidiana, como a importância das agregações sociais e afetivas?

Estas questões são complexas e durante o percurso desenvolvido na pesquisa revelaram que o movimento de arte-educação e a AGA estão em constante transformação, tal como o rio da minha aldeia. Habituada a perder-me em reflexões em suas margens ou imersa nele, sei que as águas de um rio jamais permanecem estáticas, elas recuam e se transpõem, algumas vezes inundam, outras, quase secam.

Volto a Maturana (2000, p.95) para ilustrar esse movimento. Ele usa a mesma metáfora da água para explicar a coerência histórica e local que temos enquanto seres humanos: “Fazemos parte da ondulação e o que fazemos gera outras ondulações”.

A ondulação que desencadeei com esta pesquisa foi suficiente para perceber que o grupo de discussões no ambiente virtual é apenas uma pequena parte de um mar de relações que constitui o movimento de arte-educação gaúcho.

Hoje, por exemplo, já temos dois grupos virtuais, além do AGA-Yahoo, a AGA-Facebook foi criada em agosto de 2013, depois do seminário que ocorreu como desdobramento desta pesquisa e sobre o qual tratarei a seguir. Atualmente a página do facebook²⁰ conta com 152 membros.

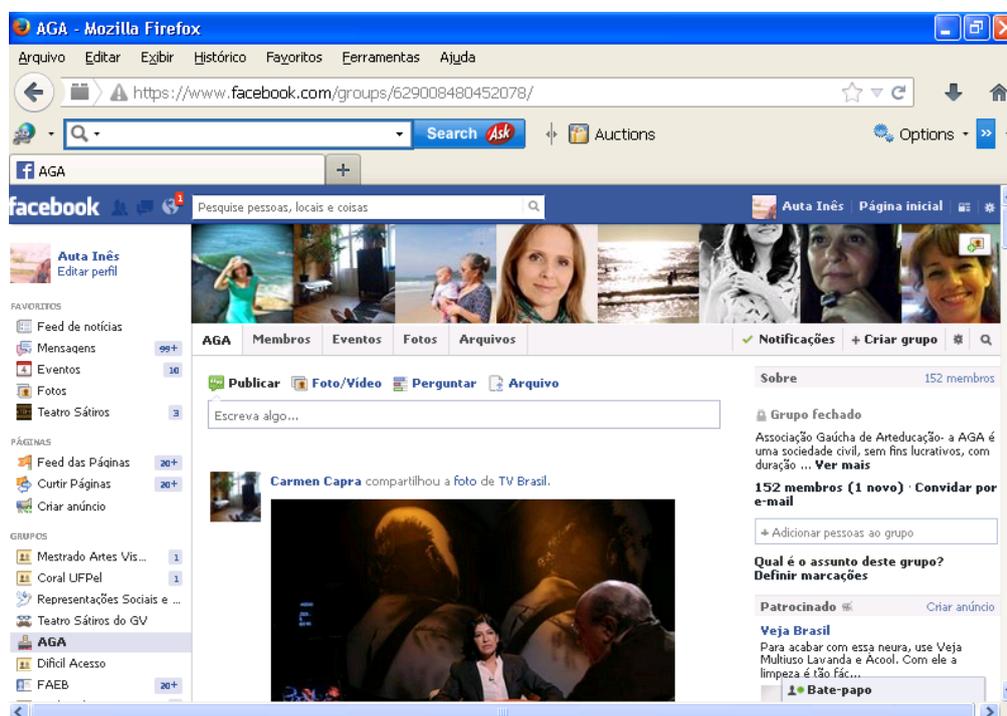


Fig.58 – Página do Grupo da AGA no Facebook. Acesso em 10/02/2014.

Além dos grupos virtuais, voltamos a nos encontrar presencialmente. Este trabalho formou uma espécie de rede de solidariedade, mobilizando tanta gente nas entrevistas e no recolhimento de materiais, que a vibração em torno deste assunto acabou fazendo com que o movimento de arte-educação gaúcho e a AGA se tornassem tema de um seminário ocorrido em Pelotas e Bagé, em agosto de 2013.

²⁰ <http://www.facebook.com/groups/629008480452078/>

Promovido pelo curso de Mestrado em Artes Visuais da UFPel, em parceria com o IFSul – Campus Pelotas/Bagé, Secretaria Municipal de Educação de Pelotas e Fundarte/UERGS (Montenegro), o projeto trazia a seguinte ementa:

O Seminário de Arte-Educação: Memórias e Perspectivas Contemporâneas pretende ser um fórum de formação continuada para discutir o tema do ensino da arte, mais especificamente voltado à relação dos movimentos sociais no campo da arte com as práticas pedagógicas e metodológicas em sala de aula. O evento caracteriza-se pela troca inter e transdisciplinar, na medida em que procura contemplar as linguagens da música, dança, teatro e artes visuais. Nesta edição do evento pretende-se dar um grande espaço para oficinas com várias linguagens da arte, além de enfatizar as memórias do movimento político-social da AGA (Associação Gaúcha de Arte-educadores), para que a história deste movimento faça refletir e talvez impulsionar a participação maior dos professores no âmbito das políticas públicas para a arte. (Fonte: Projeto Seminário de Arte-Educação: Memórias e Perspectivas Contemporâneas, 2013)

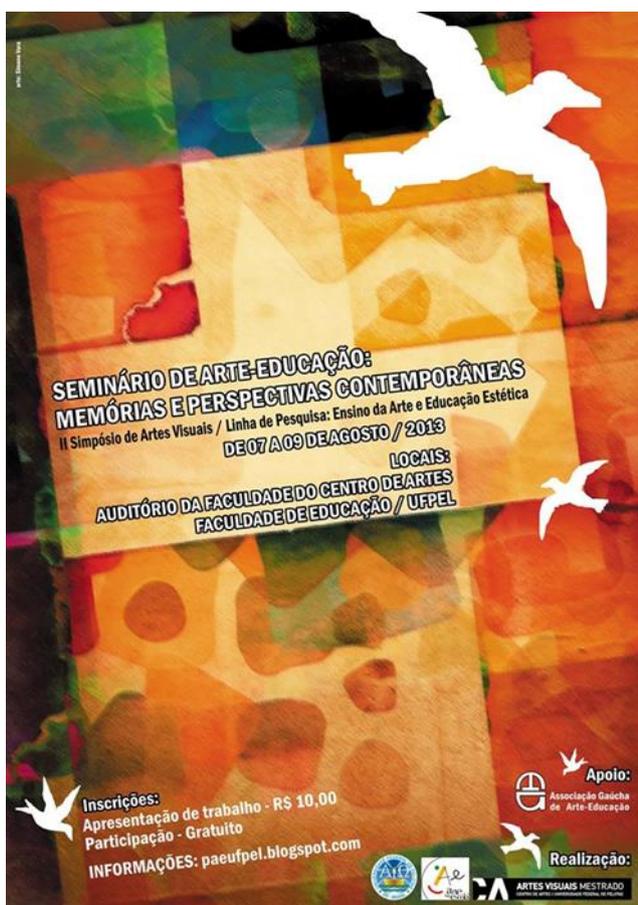


Fig.59 –Cartaz do evento decorrente desta pesquisa. Pelotas, 2013. Acervo pessoal.

O evento se chamou “Seminário de Arte-Educação: Memórias e Perspectivas Contemporâneas”. Participaram dele centenas de arte-educadores gaúchos, desde a primeira até a última presidente da AGA, passando por ex-presidentes da FAEB e

chegando até os estudantes dos primeiros semestres dos cursos de licenciatura em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Professores de Arte de vários municípios gaúchos protagonizaram uma nova “revoada de andorinhas” vindas dos mais longínquos aos mais próximos rincões do estado. Foram tantos lugares representados²¹, tão diferentes gerações, e, no entanto, o clima parecia de reencontro.



Fig.60 – Reencontro de gerações do movimento AGA-FAEB, Pelotas, 2013. Acervo pessoal.

Na foto, da esquerda para a direita, vê-se a atual diretora do Centro de Artes/UFPel, Ursula Rosa da Silva, Cleusa Peralta, Alberto Coelho, eu, a professora colombiana Wilde Salazar, mais atrás, Donald Kerr Jr. (Goy), à frente, Marly Meira, mais ao fundo, Alice Bemvenuti, Ivone Richter, ao fundo, Mirela Meira e, bem à direita, o maestro Frederico Richter.

Além das mesas que discutiram as memórias e perspectivas do movimento de arte-educação no RS, outras atividades se somaram à programação²², tais como apresentações de teatro, dança, oficinas, relatos de experiência. Entretanto, considero

²¹ Tivemos representantes de Serafina Correa, São Lourenço do Sul, Aceguá, Pedro Osório, Cerrito, Santa Cruz do Sul, Montenegro, Porto Alegre, Rio Grande, São Leopoldo, Bagé, Caxias do Sul, Pelotas e outros municípios do Rio Grande do Sul. Contamos, inclusive, com a participação de dois professores da Colômbia

²² A programação completa do Seminário de Arte-Educação “Memórias e Perspectivas Contemporâneas” em Pelotas e Bagé, encontra-se nos anexos deste trabalho (Anexo 14).

que o momento mais emocionante do seminário em Pelotas tenha sido a homenagem ao maestro Frederico Richter, emérito compositor e arte-educador da UFSM. A homenagem foi constituída por interpretações seguidas de diálogos com o compositor, a cargo do Coral UFPel, regido pelo professor Carlos Oliveira, do professor e flautista Raul d'Ávila e da soprano Magali Richter, nora do homenageado e professora de canto no Conservatório de Música da UFPel.

No detalhe do cartaz, abaixo e à direita, a AGA reaparece apoiando o evento. A presença da imagem do seu primeiro logo no cartaz sinaliza: ela está viva. No depoimento a seguir, de Marly Meira, encontro a mesma constatação:

Eu acho que a ideia AGA persiste. Ela não morreu. Sempre que tiver algumas pessoas falando sobre o papel da arte na sociedade, na escola e fora dela, a AGA vai estar vivendo. Ela vai estar viva dentro dessa discussão. Tomara que não morra conosco. (Entrevista Marly Meira, 31/05/2013)



Fig.61 – Primeiro logotipo da AGA presente no cartaz do evento.

No final do evento, uma inusitada reunião da AGA, coordenada por Alberto Coelho, permitiu que jovens que jamais tinham ouvido falar na Associação Gaúcha de Arte-Educação discutissem com antigos militantes sobre os rumos do movimento. Ali presenciamos a AG(u)A viva.



Fig.62 – Reunião da AGA, Pelotas, 09/08/2013. Arquivo pessoal.

Em um trecho da entrevista que Alberto concedeu para este trabalho, ele confirma a afirmação de Marly Meira, de que “a AGA não morreu”, utilizando quase as mesmas palavras que ela:

Eu acho que a evocação da AGA é dizer que ela existe ainda. Ela persiste ou ela insiste. Ela está entre nós, como... sei lá, se é potência, o quê que é... Eu sei que por aí ela se preserva (...) Não é por nada que eu vejo as pessoas que na época também se envolveram... Hoje, quando tu falas, elas vibram, querem participar e se engajar. E se tu pedir materiais, fotos, eu tenho certeza que elas vão te mandar. Porque é isso, eu acho que quem tem que cuidar da AGA somos nós, os professores de arte. A gente cuida da AGA. E vamos cuidar até morrer, entende? E essa ideia de uma associação que nos associa, que nos aproxima, por um elo que não é mais burocrático, regimental, estatutário... É por outra coisa, não é? E que é legal te ver aí pesquisando... Eu acho que tu vais dar algumas respostas. Vai aparecer alguma coisa sobre o que é que mantém a gente nessa vibração, nessa aposta, de saber que vamos sim nos manter juntos, unidos. (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

No Seminário de Arte-Educação de Pelotas e Bagé, estávamos todos juntos, unidos novamente, e a AGA estava entre nós, como potência ou como afeto. Diferentes autores falam sobre essa força subterrânea que nos aproxima e nos mantém nessa aposta. Um deles é Edgar Morin (2005), que se dirige ao afeto como “o cimento da comunidade”. Na mesma linha, Michel Maffesoli (2000) se refere à força dos afetos como “potência” ou “glutimum mundi”. A natureza dos afetos também é tema explorado por

Marcos Gleizer (2005), em seu livro intitulado *Espinosa & a Afetividade Humana*. Ele aponta a definição espinosiana de afeto encontrada na *Ética III*: “Por afeto (*affectum*) entendo as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções” (Espinoza apud GLEIZER, 2005, p.33).

O afeto aumenta ou diminui a potência do corpo individual ou socialmente compreendido. Neste trabalho, podemos perceber que a ideia da AGA ainda afeta os arte-educadores do Rio Grande do Sul. Abaixo, desde o outro lado do oceano, Maria Benites também se refere à importância dos afetos provocados pelo contato entre os membros da AGA, mesmo que ela se mantivesse apenas como um grupo na internet:

Esses contatos virtuais mudam no concreto a visão do mundo, e ao reacender interesses e afetos influem diretamente no corpo, não é? (P. É... tens toda razão.) Durante mais de 10 anos estudei o fenômeno da comunicação via internet, orientei vários doutorandos, assim que, se um dia precisares alguma dica, me avisa. (Entrevista Maria Benites, janeiro de 2014)

Por fim, as reverberações deste seminário continuam em trabalhos acadêmicos, em comentários nos grupos da AGA e da FAEB e em articulações via e-mail que resultaram na realização de um pós-encontro, em Porto Alegre, na casa de Ivone Richter, onde se discutiu linhas de ação para o movimento no futuro e a postura que tomaríamos no próximo CONFAEB, onde estive como *representante da tribo*. Deste pós-encontro, temos a seguinte foto:



Fig.63 – Pós-encontro, em Porto Alegre, 14/09/2013. Acervo pessoal.

Da esquerda para a direita, eu, Ivone Richter, Luciana Loponte, Marly Meira, Alice Bemvenuti e Alberto Coelho. Enquanto grupo afetivo a AGA permanece ativa, o que mudou foi a prática institucional reivindicatória, que já não parece mais ter o mesmo sentido. Nesta reunião pós-encontro, tentamos esboçar uma “carta-aberta” ou “carta-manifesto” a partir das discussões ocorridas no seminário de Pelotas. No entanto, o imediatismo daquele momento já havia passado, algumas demandas já haviam sido alcançadas e a elaboração da carta foi protelada para uma próxima reunião. Com o passar do tempo, a outra reunião foi desmarcada e a carta deixou de ser considerada relevante, não sendo concluída.

Por outro lado, nos dois últimos CONFAEBs, onde fomos defender a nova configuração da AGA como *tribo afetual*, a ideia continuou a agregar aliados.

Em São Paulo, durante o XXII CONFAEB, no ano de 2012, a apresentação desta pesquisa (na época denominada *O Último Casarão Remanescente das Águas não tão Azuis de um Certo Rio*)²³, foi cercada por uma atmosfera afetual impressionante que terminou entre aplausos, sorrisos e lágrimas, em uma sala lotada, onde se reencontraram amigas “tribalistas”, colegas e ex-colegas que hoje vivem em várias partes do país.

²³ Texto disponível nos site do evento: <http://xxiiconfaeb2012.blogspot.com.br>

Na foto abaixo, ainda envoltas pela nebulosa afetual que acompanhou a apresentação deste trabalho, vemos, da esquerda para a direita, eu, Márcia Lins (RJ), Rosa Alves Pereira (MG), Ana Cláudia Assunção (CE) e as colegas da UFPel Mirela Meira e Maureen Montovani (RS).



Fig.64 – Encontro de “Tribalistas da AGA” no XXII CONFAEB, São Paulo, 2012. Acervo pessoal.

No ano seguinte, durante o XXIII CONFAEB, realizado em Porto de Galinhas/PE/2013, as reverberações da “tribo da AGA” continuaram, influenciadas principalmente pela conferência de abertura, a cargo do principal teórico desta pesquisa, Michel Maffesoli. A presença de Maffesoli naquele evento foi providencial para que percebêssemos a atualidade das discussões propostas aqui e o quanto a teoria se mistura com a prática na pós-modernidade. O tema do congresso foi “Arte-Educação no Pós-Mundo”.

A tribo, articulada por intermédio da internet, se ampliava. A ex-colega da UFPel, Ana Cláudia Assunção, que participou de atividades da AGA comigo desde o final da década de 1980, e hoje vive no nordeste, me apresentou a presidente da ANARTE/PE, Adriana Aquino. Esta, que também pesquisa sobre o movimento de arte-educação no Brasil, juntou-se à Ana Lídia Paixão, sua amiga e também professora de Arte da rede pública de Pernambuco, e decidiram dividir o aluguel de uma casa no local do evento. A

iniciativa se difundiu pelas redes sociais e foi acolhida por pessoas de diferentes estados do país, como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e Paraíba. Dez arte-educadores, incluindo a mim, aderiram à ideia que lotou uma casa de três andares e que ficou conhecida como a “Casa da ANARTE”.

Além de aprofundar as discussões iniciadas no *Confaeb-Oficial*, na Casa da ANARTE aconteceu o que chamamos de *Confaeb-Paralelo*, onde a potência se sobrepunha ao poder e as discussões não tinham hora para terminar.



Fig.65 – Casa da ANARTE. XXIII CONFAEB, Porto de Galinhas/PE, 2013. Acervo pessoal.

Entre articulações virtuais e encontros presenciais, o que vivemos na Casa da ANARTE foi uma experiência de *tribo*, onde tudo era partilhado, desde o alimento até as referências teóricas de cada um. Uma nova forma de movimento de arte-educação pode ser delineada, sustentado pelo desejo de estar-junto, pelo afeto e pela socialidade pós-moderna emergente: “Organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que comungam valores (...) numa constelação de contornos mal definidos e totalmente fluidos. Esta é a principal característica da pós-modernidade” (MAFFESOLI, 2005, p.18).

Estas são as conclusões “vazantes” a respeito das questões que impulsionaram esta pesquisa. A AGA permanece viva no campo dos afetos, que são o cimento das tribos. O movimento são as pessoas e quanto mais eu me aproximava delas, mais vitalidade a AGA ia adquirindo.

O texto aqui apresentado foi tomando uma lógica própria, seguindo os valiosos testemunhos dos protagonistas da história da AGA, vozes que tomaram a maior parte do espaço deste trabalho. Quando iniciei a pesquisa, pensei que fosse registrar a história de algo que já tinha acabado. No entanto, fui surpreendida pela paixão com que os entrevistados tratavam o tema. Hoje considero que ter me aproximado de pessoas tão comprometidas com a história da arte-educação no Rio Grande do Sul me deu mais do que este texto, por melhor que fosse, poderia lhes dar. Pensei em dar e recebi.

Ter mergulhado nas águas da AGA durante a elaboração desta dissertação acabou se revelando uma rica experiência de práxis, aqui compreendida como a teoria que embasa e molda a prática, onde acabei revisitando os caminhos trilhados e escolhas pessoais e profissionais que me trouxeram até a posição onde estou agora. Foi como mergulhar no espelho das ág(u)as, refletindo em e sobre meu próprio reflexo por todos os lados. Ter me visto criança, questionando os desmandos do poder militar sobre os artistas engajados que embalsamaram minha infância, pode sim ter impulsionado a minha decisão de seguir a carreira de arte-educadora. Reconsiderar o fato de ter sido criada em uma pequena e periférica cidade de fronteira, “quase caindo fora do Brasil”, também hoje parece fazer um novo sentido na construção dos valores “contrabandistas” que sempre acompanharam minha formação. O câmbio, a troca de idioma, de moeda e de valores com os estrangeiros, que nada mais são além de *vecinos*, fizeram parte do sistema vascular, venal ou arterial dessa metáfora das águas onde transito curiosa, em constante busca de proximidade com outras culturas, outras línguas e outros modos de viver. Este trabalho me fez reiterar o quão importante foi a militância na AGA para que eu me tornasse a pessoa e a profissional que sou, compreendendo sobretudo o caráter social que sempre dei à minhas aulas e aos meus alunos. As interlocuções teóricas principalmente com Michel Maffesoli e Michel Serres enriqueceram as reflexões sobre as diferentes configurações da AGA, obra e instrumento da “socialidade”, processo do qual faço parte, desde as instituições até alcançar as tribos contemporâneas.

Chego ao final deste trabalho com a sensação de que muito foi dito, mas muito mais se poderia explorar das vivências e experiências expostas por tantas vozes. A história da arte-educação no Rio Grande do Sul ainda está começando a ser contada e o registro dela se apresenta como um campo imenso de investigação que se estende “a perder de vista”, como o pampa gaúcho.

Por fim, vejo que não só é possível vislumbrar as transformações ocorridas na história do ensino da arte através da translucidação da AG(u)A, como vice-versa. A AGA é causa e consequência de nossa prática cotidiana, alienada ou comprometida.

Espero que outros pesquisadores deem andamento às questões levantadas aqui. Quem sabe eu mesmo continue escrevendo sobre elas. O certo é que seguirei atuando no movimento de arte-educação gaúcho, afinal, ele se confunde com a minha própria vida. Talvez por isso, seja tão difícil terminar esta dissertação com um ponto final...

V. REFERÊNCIAS

AQUINO, Adriana Carla. **CONFAEB e Suas Concepções em Processo de 2001 a 2010**. Dissertação de Mestrado. Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFPB e UFPE. João Pessoa, 2000.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino de Arte: memória e história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Jorge Luís. **El Oro de los Tigres**. Buenos Aires: Emecé, 1972.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional No 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l5692_71.htm>. Acessado em: 3 Mar. 2012.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Pesquisa em 16/04/2012>. Acessado em: 16 Abr. 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC /SEF, 1998.

BUENO, Eduardo. **Brasil: Uma História**. São Paulo: Ática, 2003.

CONY, Carlos Heitor. **Pessach: a travessia**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

CORRÊA, Ayrton Dutra. **Arte-Educadores do Rio Grande do Sul: Trajetórias vivenciais ao longo da carreira**. Pesquisa vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Ensino de Arte – LAPEA, Grupo de Pesquisa Educação e Arte – CNPq. Santa Maria, 2009.

COTRIM, Gilberto. **História Global – Brasil e Geral**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Posfácio”. IN: ARAGON, Louis. **O Camponês de Paris**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa & a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

_____. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

_____. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Violência Totalitária: ensaio de antropologia política**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **O Mistério da Conjunção: Ensaio sobre Comunicação, Corpo e Socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e Representações Sociais: As dinâmicas da mente**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2006.

MATURANA, Humberto. **Transdisciplinaridade e Cognição**. IN: Educação e Transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2000.

_____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MEIRA, Marly. "Construindo Trajetórias". IN: **Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino**. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Educação, 1992.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. **O Método 5. A Humanidade da Humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. **Escolinha de Arte do Brasil**. IN: REVISTA DO INEP.MEC/SEC, 1980.

SERRES, Michel. **A Lenda dos Anjos**. São Paulo: Ed. Aleph, 1995.

_____. **O Terceiro Instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

_____. **Hominescências: o começo de uma outra humanidade?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VI. ANEXOS

Anexo 01 – Boletim da AGA Nº01 / 1985

Anexo 02 – Boletim Fazendo Artes Nº 11 / 1985 (Texto de Alexandre Schneiders)

Anexo 03 – Manifesto Diamantina / 1985

Anexo 04 – Carta de São João Del-Rei / 1986

Anexo 05 – Documento da Comissão Pró-Federação Nacional de Arte-Educação / 1986

Anexo 06 – Documenta Rio-Grandense / 1988

Anexo 07 – Boletim da AGA-Estadual / 1989

Anexo 08 – Carta Aberta ao Secretário Ostermann / 1989

Anexo 09 – Boletim da AGA-Estadual / 1990

Anexo 10 – Correspondência da AGA via fax / 1995

Anexo 11 – Boletim da AGA-SL /1995

Anexo 12 – Ata Nº 01 / 1995

Anexo 13 – Boletim da AGA – Pelotas / 1995

Anexo 14 – Programação do Seminário de Arte-Educação de Pelotas e Bagé / 2013



ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE ARTE EDUCAÇÃO – AGA

Ano 1 – nº 1 – setembro 1985

A 20 de maio de 1984, por ocasião do 11º Encontro de Escolinhas de Arte do Rio Grande do Sul, na cidade de Bagé, foi criada a Associação Gaúcha de Arteducação – AGA, por iniciativa dos participantes, tanto da capital como do interior do Estado.

A finalidade da referida Associação é a de congregar pessoas e instituições que atuem na área de Arte-Educação, protegendo e incentivando os seus interesses.

A 30 de junho do mesmo ano, foi realizada em Porto Alegre, a 1ª Assembléia Geral da Entidade, reunindo no Centro de Desenvolvimento da Expressão – CDE, da Subsecretaria de Cultura, da SEC, arte-educadores e pessoas interessadas em Arte-Educação, da capital e do interior do Estado.

Buscando uma estrutura administrativa que lhe permitisse a realização de seus objetivos, nessa ocasião foi eleita a Diretoria, Coordenadores de Núcleo e criadas Comissões de Estudo. A 1ª Diretoria ficou assim constituída:

Presidente – Prof.^ª Marly Meira – de Bagé

1º Vice-Presidente – Prof.^ª Maria Lúcia Varnieri – de Porto Alegre.

2º Vice-Presidente – Prof.^ª Maritânia Perdomini – de Porto Alegre.

1ª Secretária – Prof.^ª Francisca Dallabona – de Porto Alegre

1º Tesoureiro – Prof.^ª Eleonora Fabre Miranda de Porto Alegre

2º Tesoureiro – Prof.^ª Vera Callegari de Porto Alegre

Durante essa 1ª Assembléia foi apresentado pela Prof.^ª Marly Meira, um ante-projeto de Estatuto.

Em vários encontros que ocorreram ainda no ano de 1984, discutiu-se propostas, muitos aspectos e idéias foram analisados, houve muita troca de experiências entre professores, arte-educadores e artistas, ficando definidas Comissões de Estudos sobre “Educação Formal”, “Educação Não Formal” e de “Pesquisa e Ação Cultural”, esta última com a coordenação da Prof.^ª Maria Leda Macedo.

Após estudos do ante-projeto, foi elaborado e aprovado em Assembléia Geral, a 10 de novembro de 1984, o Estatuto da Associação. A sede da AGA, ficou na Av. Ipiranga, 389, em Porto Alegre, no prédio do Centro de Desenvolvimento da Expressão – CDE.

Constam nos estatutos que a AGA é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com duração indeterminada, constituída de arte-educadores e pessoas interessadas em Arte-Educação, da capital e do interior.

Tem como objetivos:

a) Congregar pessoas e instituições que atuam na área da Arte e da

ESPAÇO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES

A expansão e fortalecimento de uma associação de arte-educadores é um processo lento e extremamente trabalhoso. Povoado de satisfações e frustrações ao mesmo tempo que extremamente enriquecedor para todos aqueles envolvidos nessa tarefa.

Aos poucos, de acordo com as características de cada região, as associações têm crescido e têm se afirmado como entidades representativas, assumindo um papel importantíssimo na luta pelo espaço da arte no processo educacional brasileiro.

No Rio Grande do Sul não tem sido muito diferente. Lentamente a AGA — Associação Gaúcha de Arteeducação — tem se expandido, tem se tomado mais forte e mais atuante em diferentes níveis.

Na verdade, a AGA tem suas origens na implantação das escolinhas de arte, há mais de 25 anos, em várias regiões do estado, que se transformaram em focos irradiadores do movimento de educação através da arte. É desse processo que surge a AGA, em 1984; estruturada em núcleos regionais: Porto Alegre, Bagé, Santa Maria, Pelotas, Passo Fundo — inicialmente. E, mais recentemente, Montenegro, Santa Cruz do Sul/Rio Pardo, Rio Grande.

Núcleos que assumem características, composição e identidade próprias. Uns mais próximos da universidade, outros dos professores da rede de ensino, outros das instituições não formais. No entanto, na maioria deles, a tendência é de uma confluência de arte-educadores atuantes em todos os níveis da educação.

Ao mesmo tempo em que ocorre uma expansão local, tem sido de maior importância a busca de uma unificação nacional das associações e entidades de arte-educação. Essa importância ficou evidenciada na luta contra a resolução 8/86 do Conselho Federal de Educação, e assumiu um caráter decisivo na Constituinte. Graças à atuação das associações e de várias entidades da área da educação (Andes, CPB etc.) junto a constituintes e junto à Comissão de Educação, foram alcançadas conquistas fundamentais.

Essas conquistas se deveram a uma luta dos arte-educadores e à sua unificação. No texto atual, pela primeira vez a arte está situada num mesmo plano do conhecimento científico. E isso é uma vitória. Parcial, sim. Ainda não está pronto o texto definitivo da *Constituição*. Mas abre espaços e garantias para uma ação atenta e decisiva quando da elaboração da *Nova lei de diretrizes e bases da educação brasileira* que se seguirá à *Constituição*. É nessa instância que deveremos apresentar propostas capazes de renovar a educação brasileira. Nós, arte-educadores, temos a responsabilidade nesse processo.

No entanto, entendemos que uma Associação não pode estar tão-somente preocupada com as questões da legislação. Evidentemente que são questões centrais, fundamentais. Mas nelas não se resume o processo de arte-educação.

O movimento de educação através da arte nunca dependeu exclusivamente da legislação para se desenvolver em nosso país. Antes ocorreu apesar dela. A história nos mostra isso desde o tempo de Augusto Rodrigues.

E é nesse sentido que queremos ressaltar a importância de um outro campo de ação das associações e dos arte-educadores: o da qualidade e o da atividade

concreta do arte-educador, o espaço onde se desenvolve sua ação. Como está sendo ocupado esse espaço? O que está sendo feito? Que novas propostas estão surgindo?

Durante muito tempo os arte-educadores se refugiaram numa atitude de vítimas (da legislação, do diretor, do secretário, do ministro), sem conseguir abandonar a queixa e o muro de lamentações. Tudo isso fruto dos anos de autoritarismo e de paternalismo do Estado. Alguém é o culpado, alguém lá de cima deve resolver as questões. Menos o arte-educador. Ou seja o cotidiano da ação passa a um segundo plano, se permanece numa atitude de espera, de não-ação, de não renovação.

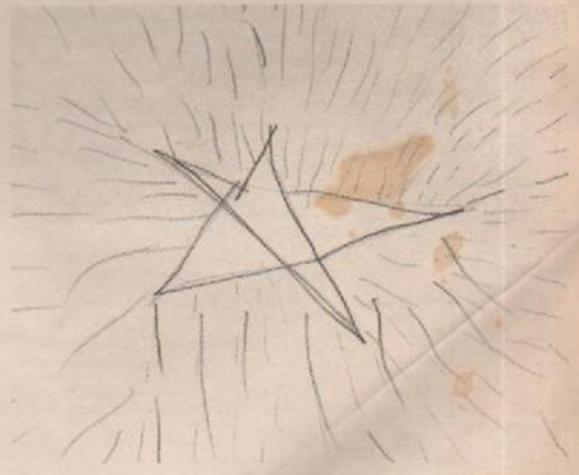
Há um espaço disponível e esse espaço deve ser ocupado. Corajosamente, decididamente.

Sair da atitude mental de estagnação e partir para a ação. Como arte-educadores vivos.

Há uma série de experiências extremamente enriquecedoras e inovadoras acontecendo pelo país afora, em diferentes âmbitos da arte-educação, em diferentes terrenos da educação. Atividades e novas propostas na escola, outras na universidade, outras nos espaços não formais — experiências com a formação de professores e de recursos humanos. Toda uma série de ações que são *reais*. Que não estão à espera das leis. Que *já* estão ocorrendo. E se multiplicando. Espaços que vão sendo ocupados. Criativamente.

As associações têm um papel a cumprir nesse processo, papel fundamental, de agente multiplicador e irradiador das novas tentativas na arte-educação. Propiciar a troca de experiências, divulgar, mostrar os novos trabalhos. Preocupar-se com o concreto e o cotidiano da arte-educação. Com aquilo que de vivo está acontecendo.

ALEXANDRE SCHNEIDERS



Alexandre Schneiders é presidente da Associação Gaúcha de Arteeducação — AGA.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

MANIFESTO DIAMANTINA

*Documento elaborado e
aprovado durante o Encontro
Nacional de Arte-Educação,
realizado em Diamantina,
Minas Gerais,
em julho de 1985.*

Nós, Artistas-Educadores, reunidos durante o 17º Festival de Inverno da UFMG, no Encontro Nacional de Arte-Educação, após amplos debates que detectaram questões cruciais da Arte em seus vários desdobramentos, em suas relações com a sociedade, e em sua fundamental importância no processo de desenvolvimento nacional, nos manifestamos através do que se segue.

A Arte é insubstituível na humanização da escola e na recuperação da educação brasileira.

No momento atual de nossa história, a arte e o artista desempenham um papel criador e crítico indispensável.

Vivemos ainda a política educacional dos anos setenta, que usou a arte para mascarar uma legislação de ensino tecnicista, impedindo que ela desempenhasse funções vitais na formação do cidadão.

Não há cidadania, nem exercício seja de criar, seja de refletir contextual e historicamente; essa prática constitui, em si mesma, a dinâmica cultural do caráter de um povo.

Alfabetizar é prioridade nacional. A Arte na escola é, também, alfabetização não restrita a letras e fonemas. Há uma alfabetização cultural que corresponde a uma leitura do mundo e do fenômeno humano.

A inventividade, a poética e o imaginário do ser humano não podem ser asfixiados pelo pseudo-nacionalismo que vem dominando a escola brasileira.

Pela arte o homem resgata seu próprio tempo, sua trajetória e amplia a consciência comum.

Reivindicamos:

das Autoridades Federais:

- a) Presença de um especialista de reconhecida participação na área de Artes, no país, na Comissão de Alto Nível constituída para reestruturar a Universidade Brasileira.
- b) Reestudo da legislação nacional, visando a sua correspondência à diversidade brasileira, e na maior adequação aos princípios de aprendizagem da arte. Esse estudo deverá expressar os anseios da área, após consulta e participação.
- c) Extinção dos cursos de licenciatura curta e da polivalência em Educação Artística.
- d) Criação de uma Comissão Nacional para estudar a reformulação dos currículos de arte. Recomenda-se que dessa Comissão participem representantes dos diferentes Estados da União, e representantes dos estudantes dos cursos de bacharelado e de licenciatura, além de representantes dos Ministérios da Educação, da Cultura e especialistas da área.
- e) Criação de um Conselho Nacional de Arte-Educação e/ou artistas, com representantes de várias regiões do país, que oriente, dê pareceres, avalie cursos, currículos, projetos ou outra matéria específica.
- f) Presença de Artistas e/ou Arte-Educadores em órgãos deliberativos da Cultura e Educação.
- g) Criação no Ministério da Cultura de um setor de Arte-Educação, com o objetivo de apoiar programas de arte na educação não formal.
- h) Criação da área de pesquisa em Arte-Educação na CAPES e no CNPq.

da Universidade:

- a) Criação e ampliação de espaços institucionais e físicos adequados às artes.

- b) Criação e ampliação de espaços específicos e adequados à comunicação do produto cultural decorrente da práxis universitária.
- c) Realização de cursos de especialização e mestrado, visando à melhor formação de profissionais da Arte-Educação.
- d) Criação de novos cursos de licenciatura plena em artes e realização de cursos adequados a professores que já atuam, sem formação específica, na área de artes no 1º e 2º graus.
- e) Inclusão de uma disciplina de fundamentos de Arte-Educação nos cursos de Pedagogia, visando a uma melhor compreensão do papel da arte na educação.

das Secretarias Estaduais e Municipais da Educação e da Cultura:

- a) Criação de espaço adequado à área de artes nas escolas, e respeito às especificidades da área, inclusive abolindo a polivalência.
- b) Adoção de uma política de contratação de pessoal através de concurso público.
- c) Ampliação e aperfeiçoamento da prática artística e seus fundamentos nos cursos de formação para o magistério.
- d) Participação do Arte-Educador na elaboração de qualquer projeto que a Secretaria venha a implementar.

aos Arte-Educadores:

Os participantes do Encontro Nacional de Arte-Educação encaminham aos Arte-Educadores propostas no sentido de:

- a) ampliar a política de criação e atuação de associações de classe nas diferentes regiões do país;
- b) criar uma federação das associações estaduais e regionais de Arte-Educação, legitimando sua representação ao nível nacional e internacional;
- c) ampliar a política de divulgação das questões concernentes à Arte-Educação.

Diamantina, 20 de julho de 1985.



[1 9am 8' 6]

CARTA DE SÃO JOÃO DEL-REI

Documento elaborado no 11 Encontro Nacional de Arte-Educação, realizado em São João del-Rei, Minas Gerais, de 07 a 10 de julho de 1986, na programação do 11º Festival de Inverno.

Entidades e instituições representadas:

- ANARTE (Associação Nordestina de Arte-Educadores)
- AESP (Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo)
- APAEP (Associação dos Profissionais em Arte-Educação do Paraná)
- ACA (Associação Gaúcha de Arte-Educação)
- ASAE-DF (Associação de Arte-Educação do Distrito Federal)
- SOBREART (Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte)
- ANDES (Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior)
- FUNARTE (Fundação Nacional de Arte)
- INACEN (Instituto Nacional de Artes Cênicas)
- UNB (Universidade de Brasília)
- USP (Universidade de São Paulo)
- UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)
- 21ª DRE (Delegacia de Ensino de São João del-Rei)
- CAH (Centro de Artesanato Mineiro)
- Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais
- Escola Guignard de Belo Horizonte
- MIHC (Ministério da Cultura)
- MEC (Ministério da Educação)



[9 de Maio de 1968]

Fayga Ostrower
 Presidente da SOBREART

Sônia Lobato Jacques de Moraes
 Representante do Núcleo do Estado do Rio de Janeiro - SOBREART

Katia da Luz Almeida
 INACEN/Assessoria de Artes Cênicas/Educação

Lúcia Marina Moreira Penna
 Projeto Fazendo Artes - FUNARTE

Abgar Antônio Campos Tirados
 Diretor do Conservatório Estadual José Maria Xavier e
 Representante da 21ª DRE de São João del-Rei

Maria Amélia Dornelles Dângelo
 Diretora do Centro de Artesanto Mineiro e
 Representante da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais

José Herculano Ferreira
 Diretor da Escola Guignard

Eduardo Luiz Luppi
 Diretor da Escola de Belas-Artes e
 Coordenador do Núcleo de Arte-Educação de Minas Gerais

Luiz Pompeu de Campos
 Diretor-Geral do Centro Pedagógico

Vanessa Paiva
 Departamento de Comunicação Social - UFMG



[19 de Maio de 1968]

03

no 11 Encontro Nacional de Arte-Educação, indicamos Artistas e Arte-Educadores representativos das várias regiões do país:

- . FAYGA OSTROWER - Artista-plástica e Presidente da SOBREART (sociedade Brasileira de Educação Através da Arte). Representante dos Artistas.
- . ALEXANDRE SCHNEIDERS DA SILVA - Arte-Educador. Presidente da Associação Gaúcha de Arteducação. Representante da Região Sul.
- . ANA MAE BARBOSA - Doutora em Arte-Educação. Membro da Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo. Representante da Região Sudeste.
- . MARCO CAMAROTTI - Arte-Educador. Presidente da Associação Nordestina de Arte-Educadores. Representante do Norte e Nordeste.
- . LAÍS ADERNE - Arte-Educadora. Membro da Associação de Arte-Educadores do Distrito Federal. Representante da Região Centro-Oeste.

Recomenda-se à Comissão Nacional de Arte-Educação o estudo das seguintes questões:

- . A formulação de uma política educacional para o ensino das artes.
- . O papel da Arte dentro do processo de transformação da Educação como um todo.
- . O espaço da Arte no processo de ensino e aprendizagem no nível de primeiro, segundo e terceiro graus.
- . A reformulação dos currículos de formação dos professores e profissionais de Arte, no nível de segundo e terceiro graus.
- . A atualização e aperfeiçoamento dos Arte-Educadores em exercício, tendo em vista a especificidade das linguagens artísticas.



[1 9 de 8 6]

04

- . A presença do Arte-Educador e do Artista sem formação acadêmica na área de ensino de primeiro, segundo e terceiro graus.
- . A extensão universitária e estágios na área de Artes.
- . A ampliação do apoio dos organismos de Cultura e de Educação aos projetos de pesquisas, publicações, experiências em Arte-Educação, tanto no âmbito formal como informal.
- . O apoio a Encontros de reflexão e troca de experiências visando a produção de conhecimento na área.
- . A relação entre a educação e a produção cultural.

São João del-Rei, 10 de julho de 1986

Maria Bonura
 Profa. MARIA BONURA
 Coordenadora de Educação da FUNARTE

José Adolfo Moura
 Prof. JOSÉ ADOLFO MOURA
 Coordenador-Geral Adjunto do 189 Festival de Inverno

Lucia Gouveia Pimentel
 Profa. LÚCIA GOUVEIA PIMENTEL
 Coordenadora de Arte-Educação do 189 Festival de Inverno



[1968] (6)

II ENCONTRO NACIONAL DE ARTE-EDUCAÇÃO
SÃO JOÃO DEL-REI
PARTICIPANTES

Maria Bonumã

Coordenadora de Educação da FUNARTE
Coordenadora do Encontro

Lúcia Couvêa Pimentel

Coordenadora de Arte-Educação do 18º Festival de Inverno
Coordenadora do Encontro

Lais Aderne

Representante da Universidade de Brasília e da Associação de
Arte-Educação do Distrito Federal

Maria Emília Possani

Presidente da Associação dos Profissionais em Arte-Educação
do Paraná

Carmen Virgínia da Costa Lima

Representante da Associação Nordestina de Arte-Educadores

Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz

Representante da Associação de Arte-Educadores do Estado de
São Paulo e da Universidade de São Paulo

Regina Maria Lintz Funari

Representante da Associação de Arte-Educadores do Estado de
São Paulo

Alexandre Schneiders da Silva

Presidente da Associação Gaúcha de Arte-Educação

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ARTE-EDUCAÇÃO

COMISSÃO PRÓ-FEDERAÇÃO NACIONAL DE ARTE-EDUCAÇÃO

As Associações de arte-educadores e os Pró-Núcleos reunidos neste II Simpósio Internacional de História da Arte-Educação, tomam a resolução e o compromisso da criação de uma COMISSÃO PRÓ-FEDERAÇÃO NACIONAL DE ARTE-EDUCAÇÃO com seguintes objetivos:

- 1) Integração das Associações na luta comum pelo fortalecimento e valorização da Arte-Educação no Brasil.
- 2) Representatividade nacional perante o Poder Público, Entidades e Instituições.
- 3) Melhoria da qualidade de ensino da Arte em todos os níveis na Educação Formal e Informal.
- 4) Alerta e mobilização em relação às situações que ponham em risco crenças e princípios da arte-educação.
- 5) Agilização da comunicação de toda informação de interesse da classe.
- 6) Intercâmbio entre as Associações de atuações, experiências e pesquisas.
- 7) Socialização da informação e possibilidade da participação através das Associações Nacionais, Estaduais, Interestaduais e Núcleos Municipais.
- 8) Incentivo à formação de Associações em todos os estados brasileiros através dos Pró-Núcleos já existentes e onde a mobilização ainda não ocorreu.

A COMISSÃO PRÓ-FEDERAÇÃO NACIONAL DE ARTE-EDUCAÇÃO será constituída de representantes eleitos de cada entidade de classe à nível nacional, estadual, -Núcleos Estaduais, Pró-Núcleos Estaduais e pessoas encarregadas de ativar em seus Estados a ação de Pró-Núcleos. Esta representação será formalizada através de votação nos respectivos locais. O seu resultado deverá ser enviado até 30 de setembro à AGA - Associação Gaúcha de Arte-Educadores que se compromete a oficializar a criação desta Comissão.

Inicialmente esta comissão funcionará através de correspondências. Cada entidade deverá enviar informações, propostas, esclarecimentos em circulares numeradas a todos os representantes da referida Comissão.

Esta Comissão, além de agilizar os objetivos para os quais foi criada, terá o encargo de realizar um estudo de regimento interno e estatuto da Federação Nacional, ou sua adesão a uma entidade nacional com sua respectiva regulamentação. Esta discussão deverá ser compartilhada com todos os representantes.

As entidades e pessoas abaixo relacionadas comprometem-se a enviar à AGA - Associação Gaúcha de Arte-Educação, até a data limite, o nome do seu representante oficial desta Comissão.

Salvador, 22 de agosto de 1986.

REGIÃO NORDESTE

ALAGOAS - ANARTE/AL - Ademilson Thomaz de Souza
Rua Monsenhor Luiz Barbosa, 50 - Prado
Maceió/AL - Fone: 223-8252

BAHIA - ANARTE/BA

CEARÁ - ANARTE/CE - Ana Maria Militão Porto
Rua Osvaldo Cruz, 1190 - Aptº 32 - Aldeota
Fortaleza/CE - CEP: 60.000

MARANHÃO/- ANARTE/MA - Lucia Helena Bortolo de Rezende
Rua do Ribeirão, 385 - Centro-Solar Nazeu Quadros
São Luiz/MA - CEP: 65.000 - Fone: (098) 227-3049

PARAÍBA - ANARTE/PB - Maria José Lira Vieira
Rua das Castanholas, 110 - Conjto Anatália
João Pessoa/PB - CEP: 58.000

PERNAMBUCO - ANARTE/PE - Rosa Vasconcelos

PIAUÍ - ANARTE/PI - Cecília Menezes
Rua Governador Tiburcio Nunes, 614 - Terezina
CEP: 64.000 - Fone: 222-6755 ou 222-1038

RIO GRANDE DO NORTE - ANARTE/RN - Djackson da Rocha Bezerra
Rua São Clemente, 3338 - Candelária
Natal/RN - Fone: (084) 231-7905

SERGIPE - ANARTE/SE - Aglaé Alencar
 Rua Eduardo Abreu, 82 - Recanto do Sol -
 Bairro Atalaia-Aracaju/SE - CEP: 49.000

REGIÃO NORTE

ACRE - Francisca Matias
 Divisão de Artes-Universidade Federal do Acre
 Fone: (068) 224-2396

AMAPÁ -

AMAZONAS - Socorro Santiago
 Setor de Artes da Universidade do Amazonas
 Rua Ramos Ferreira, 1036 - Fone: (092) 234-4542

PARÁ - Josebel Akel Fares
 Trav. 14 de Abril, 1589 - S.Brás
 Belém/Pará - CEP: 66.000 - Fone: (091) 229-1971

RONDÔNIA - Waldemar Matos e Silva
 Rua Álvaro Maia, 1434 - Bairro Olaria - Porto Velho
 Rondônia - CEP: 78.900 - Fone: 221-2071

RORAIMA -

REGIÃO CENTRO OESTE

DISTRITO FEDERAL - AsAE/DF - Lydia Garcia B. de Mello
 HIGS - 709 - Bloco M Casa 30
 CEP: 70360 - Fone: 243-6091

GOIÁS -

MATO GROSSO - José Serafim Bertolotto
 Caixa Postal 326 - Cuiabá/MT - CEP: 78000 (Centro)
 Maria Alice Rossi Otto

MATO GROSSO DO SUL - Rua Rui Barbosa nº 1820 Ap.43 Bl. Suíça
 Campo Grande - MS 79.100. Fone 6245252

REGIÃO SUDESTE

ESPÍRITO SANTO -

MINAS GERAIS - Pró-Núcleos

RIO DE JANEIRO - SOBREARTE - Fayga Ostrower
 Av. Rui Barbosa, 532 - Aptº 1001

PRÓ-NÚCLEO - Sonia Lobato Jacques de Moraes
 Rua Paulo VI, 500/406 - Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 22231 - Fone: 551-9784

SÃO PAULO - AESP - Mirian Celeste F.D. Martins
 Rua Bandeira Paulista, 992 - Itaim - São Paulo/SP
 CEP:04532 - Fone: 282-4291 (às 6as.Feiras-14:00/18:00hs)
 ou 241-6297

REGIÃO SUL

PARANÁ - APAEP - Maria José Braga
 Av. Souza Naves, 655 - Aptº 73 - Cristo Rei
 Curitiba/PR - CEP: 80050

SANTA CATARINA - Dora Maria Dutra Bay
 Rua Antenor Mesquita, 2 - Aptº 904-A
 Centro - Florianópolis/SC - CEP:88.000 -Fone(0482)230957

RIO GRANDE DO SUL - AGA - Alexandre Schneiders da Silva
 Av. Ipiranga, 389
 Porto Alegre/RS - CEP: 90.000

SIGLAS DAS ASSOCIAÇÕES acima representadas:

SOBREARTE - Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte

AESP - Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo

ANARTE - Associação Nordestina de Arte - Educadores
 Núcleos: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco,
 Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

AGA - Associação Gaúcha de Arteducação

APAEP - Associação dos Profissionais de Arte-Educação do Paraná

AsAE-DF - Associação de Arte-Educadores do Distrito Federal.

1991

Obs.: Os espaços em branco deverão ser preenchidos até a data limite de
 30 de setembro de 1986. Para tanto, é necessário que todos os no-
 mes citados, procurem contato com os Estados ainda não representa-
 dos.

DOCUMENTA RIO-GRANDENSE

Quando uma nova constituição entra em vigor e se aguarda a elaboração de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é consenso dos que atuam com arte na educação que se mantenham unificados e mobilizados para garantir o seu espaço.

A arte na educação deve receber tratamento compatível com sua importância, onde ela é elemento indispensável para organizar integralmente o pensar, o sentir, o fazer.

Através da arte, o homem, nas interações com o meio, realiza a aprendizagem da transformação, contribuindo para melhores condições e qualidade de vida, tomando consciência de sua identidade cultural e da pluralidade da cultura latino-americana.

A arte na educação vem resistindo, sob condições de marginalização, a todas as tentativas no sentido de excluí-la dos currículos das escolas. Isto acontece porque a escola se ressentida dos graves problemas sociais que afetam e distorcem sua própria vocação e possibilidades.

As lideranças que atuam no campo da arte na educação já estão suficientemente esclarecidas para não admitir mais, sob nenhum pretexto, a exclusão da arte do elenco de matérias básicas de todos os níveis de ensino.

Endossamos, através do II Seminário Nacional de Arte-Educação, realizado na Fundação Municipal de Artes de Montenegro/FUNDARTE, no período de 03 a 07 de outubro de 1988, os conteúdos das propostas do movimento de arte-educadores contidos nos documentos:

- Manifesto de Diamantina
 - Carta de São João del Rei
 - Carta Protesto de Brasília
 - Carta de Goiânia
 - Documento de Olhos D'Água
 - Documento de Poços de Caldas
 - Conclusões e Manifestos do I FLAAC e II Encontro Latino-Americano de Arte-Educadores
- (...)

(...)

- Conclusão do I Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil, documento apresentado e proposta aprovada na V Conferência Brasileira de Educação,

e propomos:

- 1) Fortalecer os núcleos das associações estaduais de arte-educadores, efetivando sua integração e resguardando a representatividade da Federação de Arte-Educadores do Brasil - FAEB - como instância máxima do movimento, apoiados, ainda, por outras instituições que congregam professores e artistas como a SOBREART e o CPERGS.
- 2) Que as lideranças da área legitimadas pelo movimento estendam sua abrangência para que os princípios já consagrados pela luta que vem sendo empreendida, desde o Manifesto de Diamantina, sejam imediatamente consolidados em dispositivo legal;
- 3) Concretização, pelo Movimento de Arte-Educadores, de uma ação integradora da realidade latino-americana, celebrada através de projeto de pesquisa conjunta, proposta pela FAEB, com o título - "Como o Jovem e a Criança da América Latina vêem o seu Meio", cujas conclusões deverão ser publicadas e apresentadas no II FLAAC, em Brasília;
- 4) Incluir a Arte no elenco das matérias básicas em todos os níveis de ensino, da Pré-Escola ao 3º Grau, na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Ressaltamos a importância do II Seminário Nacional de Arte-Educação de Montenegro, como evento voltado para a reflexão das questões da área e o relevante espaço político que tem aberto desde o primeiro, para o posicionamento dos arte-educadores do Brasil, sincronizado com o cronograma dos seminários nacionais e encontros latino-americanos dos arte-educadores de Brasília.



FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
- FUNDARTE -

- MARLY RIBEIRO MEIRA - *Diretora da Faculdade de belas Artes - FUNBA - BAGÉ/RS*
- LAYS ADERNE - *Professora da Universidade de Brasília/DF.
Coordenadora da Casa de Cultura da América Latina.
Diretora da FAEB - Federação de Arte-Educadores do Brasil.*
- SILVIO A. MERHY - *Professor do Curso de Música do Centro de Letras e Artes -
UNI-RIO - RIO DE JANEIRO/RJ e integrante da equipe de professores
da Coordenadoria de Educ. Musical - INM/FUNARTE.*
- INÊS M. FLORES - *Diretora do Museu de Arte / Banco Central del Equador
Guayaquil/EQUADOR.*
- LYLLY MARTIN R. - *Ministra Conselheira da Embaixada da Costa Rica*
- THEREZINHA PETRY CARDONA - *Diretora da Fundação Municipal de Artes de Montenegro
FUNDARTE - MONTENEGRO/RS.*
- MARIA ISABEL PETRY KEHRWALD - *Professora da FUNDARTE.
Chefe do Setor de Artes Plásticas da FUNDARTE.
Coordenadora do Curso de Estudos Adicionais em
Educação Artística - FUNDARTE - MONTENEGRO/RS.*
- MARIA LEDA MACEDO - *Professora aposentada.
Artesã (papel artesanal).*
- NOEMI KELLERMANN - *Diretora da Escola Superior de Música de Blumenau -
Teatro Carlos Gomes - BLUMENAU/SC.*
- LUIZ CARLOS CSEKÓ - *Professor do Conservatório Brasileiro de Música.
Professor dos Seminários de Música Prô-Arte.
Integrante da equipe de professores da Coordenadoria de
Educação Musical - INM/FUNARTE - RIO DE JANEIRO/RJ.*
- IRION PAULO NOLASCO RODRIGUES - *Professor do Depto de Artes Cênicas da UFRGS.
Mestre em Teatro - University of Kansas/USA.*
- ILO KRUGLI - *Diretor do Teatro Ventoforte.
Coordenador de cursos e projetos.*



FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
- FUNDARTE -

Montenegro, dia 07 de outubro de 1988.

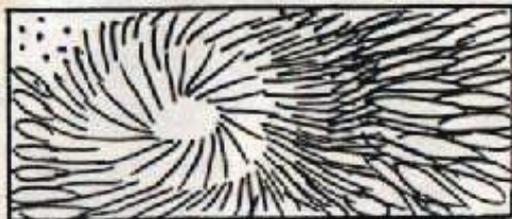
Assinam esta Documenta:

<i>Marly Ribeiro Meira</i>	-	MARLY RIBEIRO MEIRA
<i>Lais Aderne</i>	-	LAIS ADERNE
<i>Silvio Augusto Merhy</i>	-	SILVIO AUGUSTO MERHY
<i>Inês M. Flores</i>	-	INÊS M. FLORES
<i>Lilly Martin R.</i>		LILLY MARTIN R.
<i>Therzinhá P. Cardona</i>		THEREZINHA P. CARDONA
<i>Maria Isabel P. Kehrwald</i>	-	MARIA ISABEL P. KEHRWALD
<i>Maria Leda Macedo</i>		MARIA LEDA MACEDO
<i>Noemi Kellermann</i>		NOEMI KELLERMANN
<i>Lutz Carlos Csekó</i>		LUTZ CARLOS CSEKÓ
<i>Trion P. Nolasco</i>		TRION P. NOLASCO
<i>Ilo Krugli</i>		ILO KRUGLI
<i>Helvia Miotto Juchén</i>		HELVIA MIOTTO JUCHÉN
<i>Marisa Souza da Silva</i>		MARISA SOUZA DA SILVA

BOLETIM DA AGIA

MARÇO 1989

Nº 2 - GESTÃO 88/90



EDITORIAL

Ao iniciarmos mais um ano letivo, reiteramos nossas propostas de mobilização dos arteducadores em torno das questões emergenciais da atividade artística nos diversos níveis da educação brasileira.

A julgar pela crescente participação dos arteducadores nos nossos encontros e pelas suas manifestações na busca de novos referenciais teóricos e práticos, e pelo clima de constante ebulição dos referidos eventos, mostra-se evidente que um processo de mudança já se iniciou.

Reafirmamos aqui a necessidade de nos posicionarmos em relação à luta pela Arte na Escola de uma forma equilibrada, quando, por tantos anos de livre aprendizado, adquirimos certamente, a maturidade de que necessitamos para ler o processo político-educacional em que estamos incluídos. Parece-nos fundamental assumir uma postura em favor do DEM. COMUM, onde as divergências pessoais e institucionais não detêm o menor significado. No dia em que os princípios transformadores da Arte adquirirem seu real valor, seu tempo e seu espaço, seja na escola, seja na sociedade, a chamada PERSONALIDADE, característica peculiar de todos nós, em processo constante de auto-afirmação, certamente dará lugar à sua porção mais evoluída, a INDIVIDUALIDADE. Só assim poderemos tocar o princípio de COLETIVIDADE, compreensão sutil do significado da Arte para os nossos tempos.

Um grande abraço desta Diretoria em mais um ano de atividades.

OS CAMINHOS DA ARTE EDUCAÇÃO NO ANO QUE PASSOU

Enquanto em todo o país, durante o ano de 1988 discutia-se as alternativas para um novo direcionamento da Arte na escola, esgotadas as discussões sobre as sequelas deixadas pelas licenciaturas curtas e suas felizes político-educacionais, uma nova Lei de Diretrizes e Bases era preparada silenciosamente.

No I Congresso da FAEB discutiu-se exaustivamente o assunto e preparou-se um documento dos arteducadores ali representados pelas suas associações estaduais, para a V Conferência Brasileira de Educação (V CBE) - Brasília, agosto de 1988, contendo as reivindicações da categoria. O referido documento foi apresentado por ocasião da mesa redonda, coordenada pela presidente da Federação, Laís Aderne, e com a participação de Ana Mae Barbosa e João Francisco Duarte Jr., passando a integrar os anais daquele evento. No entanto, a avaliação desta Diretoria é de que toda a nossa mobilização ainda foi insuficiente para fazer frente à política educacional mais festejada na ocasião, vide a proposta de Derneval Saviani, em seu projeto para a nova LDB, deixando a Arte de lado, sem cerimônia. Restou aquela sensação de: "por onde começar?". O velho complexo histórico do arteducador, a mania de se sentir no mínimo marciano, no máximo marginal. A AGA procedeu a uma análise do referido projeto e publicou a "CARTA DE RIO GRANDE", discutida na oficina de reflexão do Encontro de Montenegro, em outubro de 1988, e enviou uma cópia à FAEB para ampliar a questão.

Na sequência, a Comissão Interministerial MINC/MEC enviou correspondência a várias entidades incluindo a AGA e demais associações estaduais, solicitando que os arteducadores contribuíssem num

"Onde-foi-que-eu-errei?"

projeto de revisão dos dispositivos da lei 5692/71 e demais pareceres a fim de "melhorar" paliativamente a situação da Arte na escola.

A Diretoria da FAEB estranhou o fato e solicitou a todas as associações que não respondessem individualmente até que se esclarecesse melhor o fato. A AGA adotou a orientação da Federação e, durante o II Seminário Nacional de Arte Educação de Montenegro, redigiu-se uma carta-resposta em conjunto com a prof.^a Laís Aderne, presidente da FAEB.

Conforme o boletim da FAEB de fevereiro do corrente, "a Comissão Interministerial MINC/MEC da arte-educação recusou-se a receber a presidente da FAEB a fim de discutir assuntos referentes às soluções de seu I Congresso com a preocupação centralizada na futura LDB". Este fato veio ampliar o quadro de indefinições a que estamos nos referindo.

Após o primeiro impacto, provocado por uma possível exclusão da educação artística da rede oficial, passou-se a encarar as questões cruciais da atividade artística na escola, tais como "onde estão os conteúdos específicos das linguagens artísticas?"... "quais as metodologias que contemplem a atividade criadora sem, contudo, esvaziá-la ou dissolvê-la no fazer pelo fazer?"... "por que os arteeducadores de primeira viagem, aqueles que chegam pela primeira vez nos encontros, sem memória, sem nada, entram em crise do tipo onde-foi-que-eu-errei?"

Em Florianópolis, no Encontro de Arteeducadores da Região Sul, discutiu-se os caminhos da Arte na escola e, num ambiente tenso, onde os adeptos da chamada livre-expressão pareciam antagonizar-se com os partidários dos conteúdos em Arte, algumas alternativas importantes foram levantadas, como a de iniciar-se imediatamente uma pesquisa de âmbito nacional sobre METODOLOGIAS DE TRABALHO EM ARTE, proposta

essa defendida por Ana Mae Barbosa, no sentido de recuperarmos nos conteúdos perdidos, uma proposta política, obviamente direcionada para fazer frente às tendências conteudistas vigentes. A METODOLOGIA DA TRIANGULAÇÃO, por Ana Mae, propõe acrescentar-se ao fazer artístico (já bem conhecido, desde as escolinhas até as universidades) mais dois vértices importantes: a localização no contexto histórico - História da Arte - e a leitura da obra de Arte.

Resta-nos aguardar sua fala no simpósio a ser realizado brevemente em Porto Alegre e conferir.

Para 1989 vários encontros importantes já estão programados, quando o Fórum de Debates em Arteeducação deverá se instalar.

Desejamos que os nossos associados possam ter acesso às informações disponíveis nos nossos arquivos, bastando para isso, escrever para o nosso endereço na cidade do Rio Grande; da mesma forma aguardamos a comunicação de eventos e debates em Arte e Educação para divulgação.

A Diretoria.



ENCONTRO EM FLORIANÓPOLIS

A Diretoria da AGA representada pela sua presidente Cleusa Peralta e pela 1ª vice presidente, Vera Callegari, fez representar-se no Encontro de Arte-Educadores da Região Sul, em Florianópolis, a convite da Escolinha de Arte daquela capital, integrando a mesa redonda "Associações de Arte-Educadores", junto à Diretoria do Paraná e pró-Núcleo de Florianópolis. O objetivo da mesa foi o de estimular a formação da associação estadual de Santa Catarina.

Os antecedentes e o História da AGA desde sua formação foram relembrados por Vera Callegari, enquanto a presidente Cleusa Peralta encarregou-se de enfocar os caminhos da Arteeducação percorridos pela atual Diretoria.

Sta Ma?

1 dia

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE ARTEEDUCAÇÃO - AGA

Rio Grande, 3 de novembro de 1989

CARTA ABERTA AO ILUSTRÍSSIMO SR. SECRETÁRIO
DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

ILMO. SR. RUY CARLOS OSTERMANN
MUI DIGNO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

A Associação Gaúcha de Arteducação, AGA, vem, por meio desta, manifestar sua preocupação quanto aos rumos tomados pela situação instaurada com o estabelecimento da autonomia das escolas estaduais, em relação à construção de suas grades curriculares. Tal decisão, apesar de democrática em suas mais profundas intenções, acaba por agravar a situação não muito privilegiada da disciplina de Educação Artística - atualmente único espaço oficial destinado à produção e discussão das atividades artísticas nas escolas.

No Brasil atual, de enormes incertezas político-econômicas, são tantas as dificuldades e deficiências materiais e estruturais que, às vezes, a própria comunidade, ou mesmo a direção de uma escola, pode chegar à conclusão precipitada de que tal disciplina consista num apêndice desnecessário e improdutivo do sistema escolar.

Sabemos, no entanto, que esta justificativa contém, implicitamente, a noção de uma Educação tecnicista voltada mais para o treinamento de habilidades específicas do que propriamente para a construção de um ser dotado de consciência crítica e criadora. E tais virtudes se desenvolvem em contato com as questões filosóficas e de criação artística. Infelizmente já perdemos a Filosofia dos nossos currículos. Não queremos correr o risco de perder a Arte, nem tanto pela sua forma adaptável e socializadora, senão pelo seu caráter de inquietude.

Os participantes do movimento organizado em defesa do espaço da Arte nas escolas brasileiras, tendo alcançado já a grande vitória de ver suas apreensões tranquilizadas através da interferência no texto final da nova Constituição, assim como da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), consideram de imensurável importância a manutenção da Educação Artística nas escolas, visto que, trata-se, na ampla maioria dos casos, da única possibilidade dos alunos poderem entrar em contato com as linguagens artísticas, de forma a poderem compreendê-las e tornarem-se possíveis interferentes (construtores/ criadores) no processo cultural ao qual estejam ligados.

A AGA considera, ainda, extremamente válidas as preocupações quanto à vocação das comunidades e escolas, na construção de seus currículos, de acordo com as características culturais próprias, e sugere que seja realizado um intercâmbio, de forma que as experiências positivas sejam não só divulgadas, como difundidas em toda rede estadual. Mas, acima de tudo, a AGA solicita que sejam respeitadas a formação específica dos arte-educadores, assim como a obrigatoriedade na utilização de tais profissionais para o adequado desenvolvimento da disciplina.

Sabemos que um dos maiores problemas, causadores da má qualidade no desenvolvimento das atividades artísticas é a não habilitação dos professores, que, muitas vezes, se vêem obrigados a assumir a disciplina, mesmo sem preparo suficiente. Por outro lado, os centros formadores (Cursos Superiores de Licenciatura em Educação Artística), anualmente colocam no mercado de trabalho um enorme número de pessoas habilitadas que não encontram possibilidades de absorção.

Finalmente, a AGA solicita o apoio desta Secretaria, no sentido de divulgar seu trabalho e coloca-se à disposição, através de seus associados, estreitamente vinculados às questões que envolvem Arte e Educação, para discutir e auxiliar na construção de um programa de ação que prime pelo respeito ao profissional e pela busca de competência, assim como pelo incentivo irrestrito às manifestações artístico-culturais nascidas nas escolas deste estado.

Sem mais, a Associação Gaúcha de Arteducação agradece a atenção dispensada.

Atenciosamente,

Cleusa Peralta
Presidente da AGA

ACA
Cx. Postal 1011 - Cassino
96200 - RIO GRANDE - RS
julho/1990

EDITORAL

Não é demais lembrar que a atuação da ACA só se sustenta se os Núcleos e Pró-Núcleos respaldarem cada investida. Nos últimos tempos andamos meio sumidos porque faltou infra prá manter uma rede de informações. Nossa ação tem acontecido, por um lado, direto com FAEB e outras instâncias a nível nacional; de outra forma, temos atuado junto a grupos específicos que nos solicitam (Núcleos Municipais e projetos isolados).

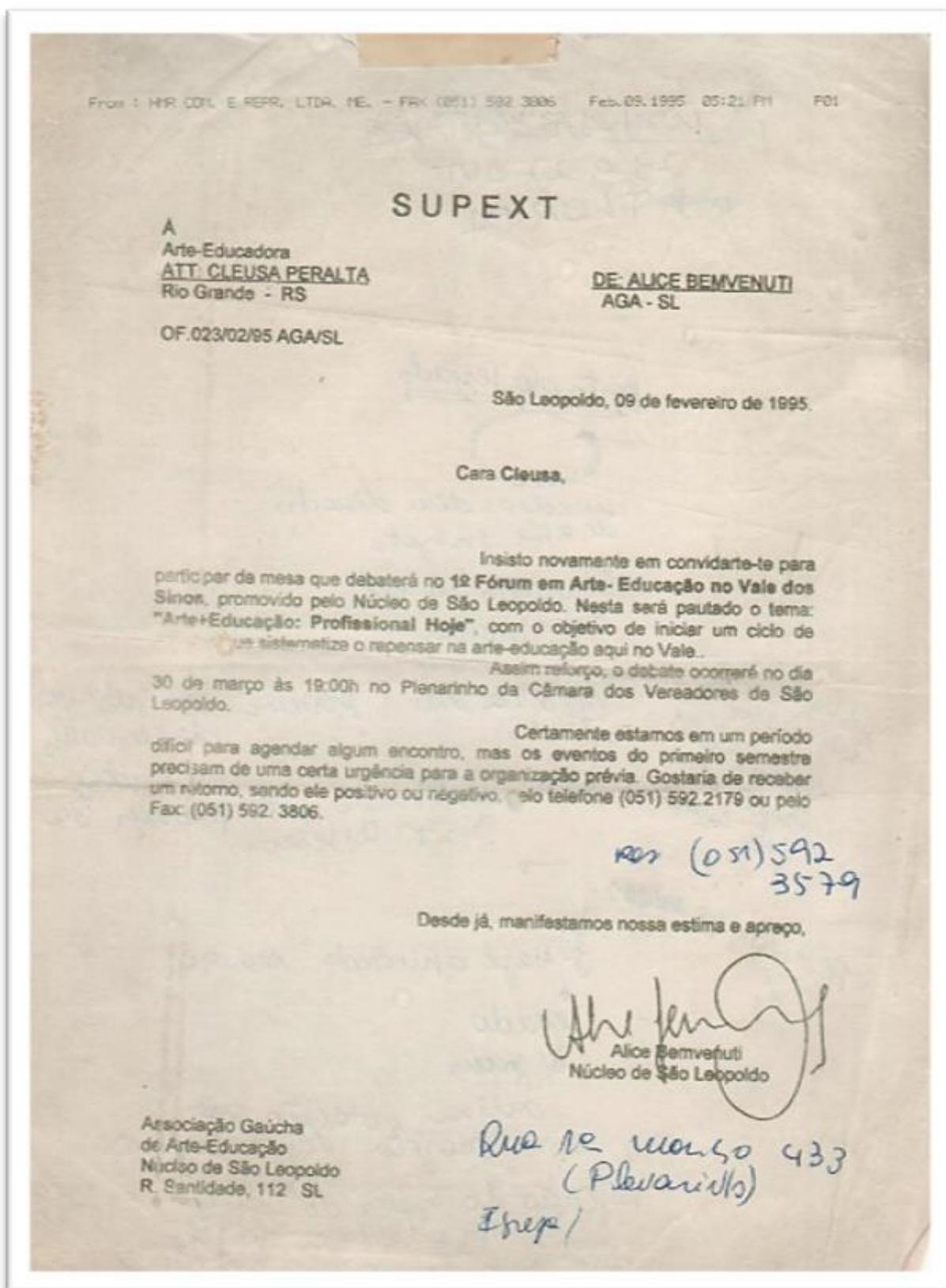
Em geral, o saldo é positivo. Dá para enumerar, por alto, os contatos com o Ostermann, a Constituição Estadual, a nova LDB, arte desde a pré-escola em Rio Grande, novos Pró-Núcleos, os mutirões de telegramas. Enfim, num movimento silencioso, sem muito alarde, temos garantido nossas conquistas, assegurado nossa atuação e, quicã, aberto novos espaços para ocupação.

Neste momento em que a LDB está saindo (uf!), com aqueles pequenos / enormes avanços em relação à manutenção/ ampliação do espaço da arte na escola, uma nova equipe deverá assumir o espaço da militância na linha de frente da AGA. É hora de expansão e aperfeiçoamento nas habilitações específicas. Gostaríamos de registrar o desejo de repassar aos novos colaboradores a nossa alegria em poder participar vivamente do processo de crescimento de nossa entidade.

Um grande abraço e todo o apoio da atual Diretoria.

BOLETIM AGA

(Anexo 09) Boletim da AGA - 1990



(Anexo 10) Correspondência Via Fax / 1995

A Arte-Educação no Brasil

1948 - Primeira Escolinha de arte no Brasil

Fundada por Augusto Rodrigues, e um grupo de educadores insatisfeitos com a escola comum, a primeira Escolinha de Arte no Brasil (RJ) iniciou o Movimento de Escolinhas de Arte no Brasil. Criando um espaço para arte infantil e para a educação através da arte, a Escolinha do Rio de Janeiro, ofereceu posteriormente, curso de especialização e pesquisa a área da educação e arte, o único curso especializado no Brasil para professores em educação através da arte desde 1961 até a Lei 5.692/71. Outras escolinhas de arte foram fundadas em Recife, Bagé, Santa Maria, Alagoas, João Pessoa, Porto Alegre, Cachoeiro do Itapemirim, Brasília e outros, sendo que, apesar de cada uma delas ser ligada a Escolinha do Rio de Janeiro, caminhavam independente a medida dos sonhos de seus fundadores.

1971 - Assinada a Lei de Diretrizes e Bases

Educadores norte-americanos por acordo oficial (MEC-Usaid) reformularam a Educação Brasileira, estabelecendo os objetivos e o currículo, conforme Lei Federal nº 5.692, denominada Diretrizes e Bases da Educação. Essa lei requeria artes nas Escolas de 1º e 2º graus, entretanto ainda não havia professores habilitados, apenas preparados em cursos de desenho, trabalhos manuais, artes aplicadas, canto coral e música. De qualquer maneira, a lei estabeleceu uma educação que preparava mão-de-obra para as companhias multinacionais, que injetavam recursos financeiros durante a ditadura militar. (1964-1983).

1973 - Disciplina de Educação Artística

O Governo Federal criou no Brasil os primeiros cursos universitários para preparar professores na disciplina de educação artística, que diplomava em apenas dois anos, capacitando nas áreas da música, cênicas, visuais, desenho, desenho geométrico e dança. Com isto, formaram professores que não tiveram a oportunidade de estudar as teorias da criatividade, mas que vieram a enfatizar a criatividade como primeiro objetivo, e desta maneira o conceito criatividade era espontaneidade, autoliberação e organização. A realidade mostrou a precariedade da formação do professor de arte, apesar de oficialmente ainda não haver compreensão do sentido da arte na educação.

Década de 80 - A luta das Associações na Constituição

O Brasil está preocupado com a restauração da democracia. Inicia-se novo movimento de conscientização e politização dos arte-educadores. Um encontro em São Paulo detonou necessidades

como a organização associativa profissional, a fim de dialogar a respeito da arte na c
 Em 1982, foi criada a 1ª Associação Estadual em São Paulo (AESP) seguida pela /
 Gaúcha de Arte-Educação), a ANARTE (Associação de Arte-Educadores do Nor
 (Associação dos Profissionais em Arte-Educação do Paraná), e, em 1988, as Assor
 Federação Nacional de Arte-Educação do Brasil (FAEB), que em 1994 foi presidida
 cos Villela.

Em 1988, a Nova Constituição da República estabeleceu: "o ensino terá lugar
 princípios: liberdade para aprender, para ensinar, para pesquisar e disseminar o pens
 o conhecimento". Esta foi uma das conquistas da organização dos arte-educadores
 ações, que com muita união pressionaram alguns deputados para mudar o sentido d
 mestras da nova Constituição.

Hoje, influências da pedagogia tradicional, novista e tecnicista diluem a prát
 fissionais, ainda dominando em sala de aula o ensino do desenho geométrico, o lai
 miniografadas para colorir, desenho de observação e outras variadas técnicas. Só o
 educação do Brasil não é exclusivamente com a arte-educação: a situação educar
 geral está confusa e desarticulada na formação do indivíduo como cidadão que
 pontos com os quais nos deparamos no sistema educacional, é a própria desvaloriza
 siderada simplesmente uma atividade, como mostra o parecer nº 540/77: "Não é u
 uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendênc
 ses". Mas arte-educadores continuam lutando com o problema do isolamento do e
 princípio democrático de acesso à informação, na busca da aproximação de códig
 rentes grupos.

1984 - Criação da AGA - Associação Gaúcha de Arte-Educação

Por ocasião do II Encontro de Escolinhas de Arte do Rio Grande do Sul, na ci
 criada a Associação Gaúcha de Arte-Educadores. Em junho do mesmo ano, foi re
 Alegre a 1ª Assembleia Geral e eleita a Diretoria onde a arte-educadora Marli Meira
 dência, encabeçando um importante movimento do Estado. A Associação é uma so
 fins lucrativos, com duração indeterminada, constituída de Arte-Educadores e pes
 em Arte-Educação. Tendo como finalidade proteger e incentivar os interesses da ár
 a troca de experiência, defendendo as reivindicações dos profissionais nos planos ed
 mico e político-social, promover pesquisa e ação social no campo da arte-educaçã
 definir e defender uma política educacional para a construção de uma sociedade igi
 rize a capacidade criadora do homem e contribua para um maior entendimento enti

1994 - AGA - Núcleo de São Leopoldo

Bem, aqui no Vale dos Sinos, foi criado um Núcleo da Associação Gaúcha de /

100

Alberto Coelho pelo Núcleo de Pesquisas. Retomando a palavra para Cleusa Reolta que dá continuidade a pauta. Sara Marone sugere primeiramente antes da votação do projeto, o encaminhamento da indicação dos primeiros sócios-honorários: Cleusa Reolta, Ivone Richter, Marley Meira e Marcos Villela pelos arte-educadores Alice Benvenuti, Donald Kerr Junior, Alberto Coelho e Sara Marone. Cleusa, emocionada, coloca em votação a indicação que é aceita e aplaudida. Com a palavra Marley Meira, que também, emocionada encaminha a redefinição do Conselho da AEA, sendo assim constituído pelo nome: Marley Meira, Susana Vieira da Cunha, Cleusa Reolta, Mirela Meira, Donald Kerr Junior, Rosana Krug, Isabel Petry, Terezinha Petry Cardona, Marcos Villela e Ivone Richter. Também encaminhado a leitura da Moção organizada pela ASA no 3º Seminário Nacional de Arte-Educação que vem solicitar:

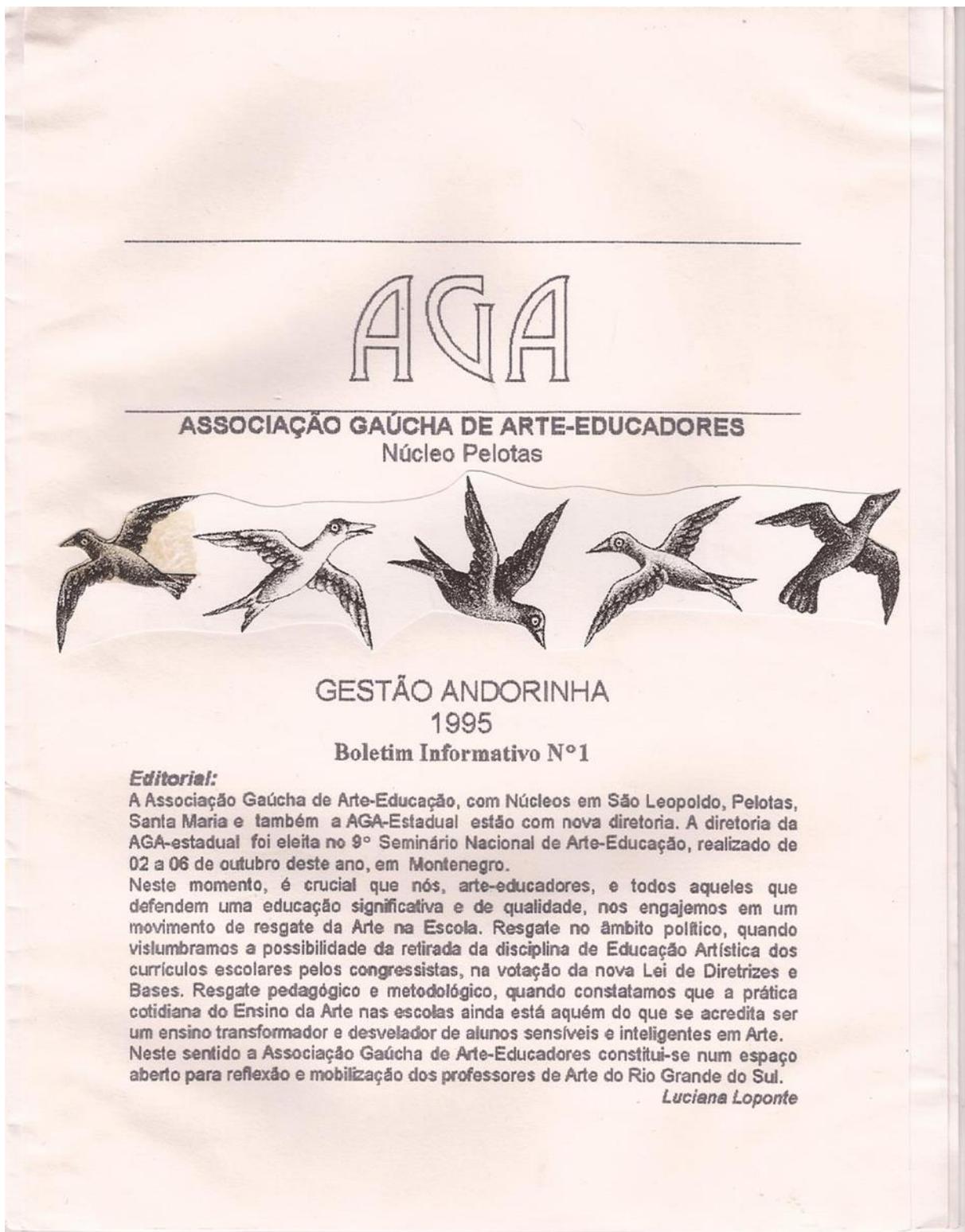
- a defesa do ensino da arte como disciplina obrigatória, na educação básica e a inserção da arte como área básica de conhecimento, como também o apoio à criação de políticas de arte-educação na cultura, como garantia de uma arte pela qualificação do viver, e pelo entendimento dos problemas que afetam a arte e a cultura, imprescindíveis à transformações de conhecimento, dos comportamentos humanos, individuais e sociais.

Cleusa Reolta passa então a palavra, concluindo então junto ao grupo presente, para a nova Diretoria que se torna a vigente a partir de agora passa a coordenar a assembleia. Foi lida a nominata que tomou posse: Presidente: Sara Marone, Vice Alice Benvenuti, 2º Vice Eliane Oliveira, 1º Secretário Maria de Fátima Nounha Dantas, 2º Secretário Luciana Loponte, 1º Tesoureiro Alberto Coelho e 2º tesoureiro Geaia Borges. Sara Marone assim com a palavra sobre o assunto da pauta.

002

organiza um posicionamento de ASA estadual quanto ao Congresso de FAEB e os representantes que irão. Susana Vieira de Cunha aborda alguns questionamentos, que por sua vez, são respondidos à alguns participantes, sobre qual é a real atuação e participação das Associações (do Brasil) no congresso. Até que ponto o Congresso foi constituído com voz das Associações, pois afinal, a única participação efetiva em uma única tarde no programa do Congresso que ocorreu em Florianópolis do dia 25 a 27 de outubro deste ano. Marly Neiza também coloca algumas questões sobre essa luta, que neste momento precisa ser esclarecido. Alice Bemvenuti fala do contato que manteve com a Presidente de FAEB Ana Del Pólar, que revelou a desarticulação entre a Comissão organizadora do VIII Congresso e a Diretoria da FAEB. Cláudia Pereira ilustrou a caminhada da ASA e o congresso que ocorreu em Porto Alegre, com também alguns confrontos, que mostram o quanto é necessário elucidar e participar com a palavra desta Assembleia. Marly Neiza propôs a registro de um documento para levar ao VIII Congresso para ser levado a "formação" dos, ou seja, a votação dos representantes que irão ao VIII Congresso. Assim ficando: Donald Kerr Junior e Cecília Borges representantes de Pelotas, Alice Bemvenuti representante de São Leopoldo, Ivone Richter representante de Santa Maria, Magda Nabinger, Teuzinha Pety Cardona, Mário Reidel e Saprta Aislott de Montenegro - FUNDARTE. Estes nomes serão enviados à FAEB por fax para confirmar as presenças. Nara conceui, falando que será levado também ao Congresso o Documento Final do 3º Seminário Nacional de Art-felucagem. Passado a palavra para o Alberto que é porta voz do desejo surgidos de alguns art-

educadores participantes do Seminário que vem do interior, que querem formas, núcleos. Sugerem para a São Paulo: confeccionar um manual para a formação de Núcleos, reestruturar o estatuto da ASA, encaminhando um projeto pedagógico, ou pelo menos a elaboração de um projeto pedagógico, que seja enviado às Secretarias de Educação e Cultura. Clara Pereira refere-se também a pensar onde e como se poderia atuar, na escola e com que estratégias. Sônia refere-se às escolas informais, como polos que também estão sendo abastecidos e detentores, importante não esquecermos com estas realidades. Marly Leite refere que não é que legislamos a área, como Associação (Câmara de Art-Educação), e precisamos organizar esta especificação. Donald Kerr, ainda comparece ao encontro, onde também nos dá relatos e isolamento que se parece com o nosso movimento que por vezes fica sem legitimação. Será obra para a realidade dos Núcleos serem regionais. Donald Kerr ainda sugere a organização do Núcleo que propôs um conselho com representantes de diferentes entidades e escolas, constituindo uma rede comprometida. Rosana Krug aponta o pré-encontro, uma discussão permanente, para uma aproximação efetiva do arte-educador, uma proposta do Núcleo de São Leopoldo ocorrida no dia 28 e 30 de setembro de mil novecentos e noventa e cinco por ocasião do 22º Fórum de Debates em Art-Educação no Ible dos Sinos. Marly coloca que em realidade a ASA não deveria ocupar só um espaço acadêmico, mas sim ela poderia ser a motivação para os eventos. Rosana sugere ainda sobre o envio das atas ao Alberto revela a ideia junto com Alice e Eliane do encontro simultâneo da ASA ao máximo que Marly sugere pesquisar as potencialidades de cada Núcleo.



(Anexo 13) Boletim da AGA – Pelotas – 1995

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES
Seminário de Arte-Educação “Memórias e Perspectivas Contemporâneas” – PELOTAS

Dia 07/08/2013 (quarta-feira) FaE - UFPel

- 13:30h - Credenciamento
- 14h Mesa de Abertura: **Das Escolinhas de Arte à Arte na Escola - Trajetória da arte-educação no RS.** Mediadora: Ursula Rosa da Silva (UFPel)
 Profª Dra. Marly Meira (UFRGS); Profª Dra. Ivone Mendes Richter (UFMS); Prof. Dr. Donald Kerr Jr. (Goy) – (IFSul-Pelotas)
- 18h - Apresentações culturais (homenagem a Frederico Richter)
- 19h - Mesa: **A Conquista de um espaço para a arte na educação – Memórias do movimento AGA/FAEB.** Mediadora: Auta Inês Lucas d’Oliveira (UFPel)
 Profª Dra. Cleusa Peralta (FURG); Profª Ms. Alice Bemvenuti (ULBRA); Prof. Dr. Alberto Coelho (IFSul- Pelotas)

Dia 08/08/2013 (quinta-feira) FaE - UFPel

MANHÃ

- 8h às 12h – Comunicações

TARDE

- 14h - Oficinas
- 16h - Mesa: **Perspectivas Contemporâneas na Arte-Educação – O espaço da Dança, Teatro, Música e Artes Visuais.** Mediadora: Mirela Meira (UFPel)
 Profª Dra. Fabiane Tejada da Silveira (UFPel); Prof. Dr. Thiago Amorim (UFPel); Profª Dra. Regiana B. Wille (UFPel)
- 18h - Apresentações culturais
- 19h - Mesa: **Movimentos sociais nas artes: perspectivas e implicações na prática do arte-educador.** Mediadora: Nádia da Cruz Senna (UFPel)
 Profª Dra. Luciana Loponte (UFRGS); Prof. Rafael Múnica Barbosa (Univ. Antioquia/Colombia); Diana Kolker (Bienal do Mercosul)

Dia 09/08/2013 (sexta-feira) FaE - UFPel

MANHÃ

- 8h às 12h – Comunicações

TARDE

- 14h - Oficinas
- 16h Mesa: **Arte e Educação - políticas na contemporaneidade.** Mediadora: Angela Pohlman (UFPel)
 Profª Dra. Sandra Richter (UNISC); Profª Dra. Mª Helena Rossi (UCS); Profª Dra. Maria Isabel Petry Kehrwald (Fundarte/Montenegro)
- 18 h - Encerramento: Confraternização (com lançamento de livros)

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Seminário de Arte-Educação “Memórias e Perspectivas Contemporâneas” – BAGÉ

Dia 08/08/2013 (quinta -feira) – IFSul - Campus Bagé

- 14h – Credenciamento
- 14:30h – Abertura:
- 15:00 – Mesa : **Perspectivas Contemporâneas na Arte-Educação**
 Profa. Dra. Adriana Bozzetto (UNIPAMPA –Música - Bagé) "Ensinar e aprender música em uma perspectiva sociológica: desafios da contemporaneidade"
 Profa. Msc. Laura Ferrazza (PUC/RS) “Moda e ensino da Arte”
- 16:30h – Atividade Cultural: Projeto RODARTE
- 17h – Relatos de Experiência.

Dia 09/08/2013 (sexta -feira) – IFSul - Campus Bagé

MANHÃ

- 09h – Mesa: **Das Escolinhas de Arte à Arte na Escola - Trajetória da arte-educação no RS**
 Profa. Dra. Marly Meira (UFRGS) “Arte-Educação - do Movimento das Escolinhas ao Projeto Arte na Escola”.
 Profa. Dra. Maristani Zamperetti (UFPEL) "Revisitando a memória - indícios e percepções sobre a AGA".

TARDE

- 14h – Mesa: **Movimentos sociais nas artes: perspectivas e implicações na prática do arte-educador**
 Profa. Dra. Luciana Loponte (UFRGS) “Memórias e imagens de uma andorinha na arte e educação do RS”.
 Profa. Dra. Paola Zordan (UFRGS) “Fluxus, obras em questão e sala de aula”.
 Prof. Dr. Donald Kerr Junior (IFSul - Pelotas) "O aprender na contemporaneidade".
- 16h – Homenagem -Profas. Marly Meira, Maria Luiza Teixeira, Elvira Nascimento (professoras da Escolinha de Artes Bagé)
- 17h - Atividade Cultural
- 17:30h - Encerramento: Confraternização (com lançamento de livros do projeto de Extensão Arte na Escola)

(Anexo 14) Programação do Seminário de Arte-Educação / 2013 – Encontro de Bagé